

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GEOGRAFIA

JORDANIA ALYNE SANTOS MARQUES

# AS TERRITORIA- LIDADES DA FESTA JUNINA DE CAMPINA GRANDE-PB (2016-2017)



NATAL-RN

2018

JORDANIA ALYNE SANTOS MARQUES

**AS TERRITORIALIDADES DA FESTA JUNINA DE CAMPINA GRANDE (PB)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito à obtenção do título de mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Dinâmica Urbana e Regional

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Dozena

NATAL/RN  
2018

**JORDANIA ALYNE SANTOS MARQUES**

**AS TERRITORIALIDADES DA FESTA JUNINA DE CAMPINA  
GRANDE-PB (2016-2017)**

**Dissertação de mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação e Pes-  
quisa em Geografia da Universidade Fe-  
deral do Rio Grande do Norte, como re-  
quisito para obtenção do título de Mes-  
tre em Geografia.**

**Orientador: Prof. Dr. Alessandro Do-  
zena**

**NATAL – RN**

**2018**

JORDANIA ALYNE SANTOS MARQUES

**AS TERRITORIALIDADES DA FESTA JUNINA DE CAMPINA GRANDE –PB  
(2016-2017)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em Geografia.

Aprovada em 27 de Março de 2018.

---

Orientador: Dr. Alessandro Dozena

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Avaliadora interna: Dra. Eugênia Maria Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Avaliador externo: Dr. Thiago Romeu de Souza

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes – CCHLA

Marques, Jordania Alyne Santos.

As territorialidades da festa junina de Campina Grande-PB (2016-2017) /  
Jordania Alyne Santos Marques. - Natal, 2018.  
116f.: il. color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de  
Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em  
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Dozena.

1. Festa Junina - Dissertação. 2. Territorialidades - Dissertação. 3. Campina  
Grande/PB - Dissertação. I. Dozena, Alessandro. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 911.3(813.3)

*Dedico esse trabalho a Deus, pois, sem Ele, eu nada posso fazer. E à minha Vovó Severina (in memoriam), que, mesmo sem escolarização, vibrava com cada passo dado em minha trajetória acadêmica.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em um país com mais de onze milhões de analfabetos, em sua maioria negros e nordestinos, a pós-graduação é uma realidade da minoria das famílias brasileiras. Assim, sendo eu, fruto da resistência e das lutas travadas por várias gerações que almejam um ensino público e de qualidade para todos, tenho muito a agradecer. Mas, antes disso: Fora Temer!

Agradeço a Deus pelo seu imenso amor e misericórdia, por me sustentar em todos os momentos. Por conseguinte, não posso ausentar-me de agradecer pelo colo de Mãe, Senhora da Luz, obrigada por sua intercessão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que viabilizou a execução da pesquisa.

Ao meu orientador, professor Alessandro Dozena, pelo direcionamento na pesquisa, pelas palavras afáveis e pelos ensinamentos na docência assistida.

Aos professores e técnicos do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN, por serem solícitos e contribuírem para minha formação.

Aos professores Eugênia Dantas e Thiago Romeu pela disponibilidade em contribuir com meu trabalho desde o exame de qualificação.

Ao professor Pablo Sebastian por sua amizade e pelo desenvolvimento do projeto de extensão “Trilhas Potiguares”, em José da Penha-RN.

À Mainha (Nilda) e a Painho (João), e ao meu irmão Jordan, obrigada por tudo que já fizeram e fazem por mim. A vocês, dedico um amor incondicional.

À minha Vovó Luízinha, por todo carinho e doçura.

Ao meu esposo Damião, canal de bênção, ternura e mansidão.

Aos colegas do mestrado, dedico o meu carinho de modo especial aos amigos Inés, Jack, Léo, Hericôndio e Welton.

Às minhas amigas Dayane e Ivaniza, o mestrado não teria sido o mesmo sem a companhia de vocês, não tenho palavras para exteriorizar minha felicidade e gratidão.

Aos Grupos de Oração Universitário, “Colo de Maria” e “Amai”, em que vivenciei momentos de grande união do Santo Espírito de Deus. Obrigada pelo convite, Rafael. Fábio, és muito especial.

À Dona Neide (funcionária da residência de pós-graduação Pouso), em seu nome, agradeço a todos os trabalhadores da UFRN.

Aos residentes do pouso, em nome de Liege, Karina, Fernando, Mayara, Ivanca, Landa, Jaiane, Thiago, Ben, Bartô, Rafaela, Taciana, Tarcyene, Emília, Raille e Vanessa, agradeço pelas angústias partilhadas e, principalmente, pelos sorrisos.

A Diego, detentor de um coração cheio de amor, és uma das pessoas mais belas que já conheci, meu anjo amigo.

À família de Ana Flávia, por terem me acolhido em seu lar aqui em Natal. O apoio, carinho e amizade foram basilares para minha permanência no curso.

Aos vínculos de amizade que foram se constituindo em terras potiguaras: Anna Lauryta, Rafaely e Roselma.

À prefeitura municipal de Pedra Lavrada pela disponibilização de transporte para o deslocamento à Cuité, em nome de Flávia, Fabyola e Larissa, estendo meus agradecimentos a todas as meninas que compartilharam tantas aventuras.

À Raissa, à Aline e à Júllia, pelo acolhimento durante o trabalho de campo e pelo afeto.

Aos meus amigos Marcicleide, Evaldo, Marciana, José Lucas, Roberta, Alberto, Luis Manoel, Alison, Vidina, Valmires, Sâmara, Sandra, Adailton, Bruno, Suedna e Aline. Cada um, em sua particularidade, me ajudou demais nessa caminhada.

À Thaís Mara e à Erimágna, pelas nossas aventuras em terras gaúchas e por estarem sempre prontas a ajudar quando necessário.

Aos geógrafos Hiram Bayer, Carolina Gonçalo, Rutt, Fâmara e Rogério Silva, pela troca de ideias e leituras.

Aos alunos das disciplinas “Organização do Espaço e Geografia Urbana do Brasil”, sou grata por tudo que aprendi com vocês na docência assistida. Leila, Karina, Katrinca, Gabriela, Edimara e Michel, o meu carinho todo especial a vocês.

Agradeço aos meus familiares, em nome de Titia Anailza, Tio Jean, Tia Cida e Tio Deda, estendo minha gratidão a todos que se alegram com minha felicidade.

Aos festeiros, quadrilheiros, presidentes de associação de bairros, através de Allexandre Gomes e Anderson Militão, agradeço a todos pelas informações.

Aos professores Daniel Macedo, Romana, Márcio, Antônio, Oscar, Gilberto, Priscila Dias, Roberto Solon, Helder, José Nildo, Santiago Vasconcelos, Martha Priscila e Xisto Serafim por todo apoio e incentivo.

Por fim, agradeço aos Padres Possiano e Tobias por serem sal e luz em minha vida.



“São João tá diferente (tá melhor!)  
Tá no clima da gente (bom só só!)  
Não é como antigamente (tá melhor!)  
No puxado do Fóle (tem suór!)”

(Os três do Nordeste)

## RESUMO

Por intermédio de seus elementos simbólicos materiais e imateriais, a festa condiciona múltiplas apropriações na cidade. Logo, por meio da demarcação, apropriação, percepção e vivência do território, geram-se as territorialidades. Sobre esse ponto de vista, esta pesquisa tem como objetivo compreender as apropriações territoriais mediadas pelas práticas sociais e representações subjetivas na festa junina de Campina Grande, na Paraíba (2016-2017). Para alcançar tal finalidade, os procedimentos metodológicos foram baseados na abordagem qualitativa, com uso do diário de campo, observação participante, entrevistas, diálogos abertos, netnografia/etnografia virtual, registros fotográficos e videográficos. A partir das investigações realizadas, discutimos as territorialidades protagonizadas pelos festeiros, poder público e iniciativa privada, nas festividades de bairros, celebrações religiosas, na área central da cidade e no Parque do Povo. Por conseguinte, tais resultados possibilitaram a compreensão de que, mesmo em meio à lógica comercial e espetacularização vigente no Parque do Povo, as comemorações espontâneas nos bairros não deixam de existir, ao contrário, ambas coexistem, se reinventam e recriam a partir da disputa territorial.

**Palavras-chave:** Festa Junina. Territorialidades. Campina Grande.

## **ABSTRACT**

Through its material and immaterial symbolic elements, the festival states multiple appropriations in the city. Therefore, by demarcation, appropriation, perception, and experience of the territory, are generated the territorialities. In this point of view, this research has as objective to understand the territorial appropriations mediated by social practices and subjective representations in the Campina Grande's June Festival, in Paraíba (2016-2017). To achieve this, the methodological procedures were based in qualitative approach, with use of the field diary, participant observation, interviews, open dialogues, virtual netnography/ethnography, photographic and video recordings. From the investigations performed we discuss the territorialities starred by festeiros, public authority and private initiative, in the neighborhood festivities, religious celebrations, in the central area of the city and in the Parque do Povo. Consequently, such results made it possible to understand that, even in the midst of commercial logic and spectacularization present in the Parque do Povo, the spontaneous celebrations in the neighborhoods do not cease to exist, instead both coexist, reinvent and recreate themselves from the territorial dispute.

**Keywords:** June Festival. Territorialities. Campina Grande.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Festas juninas de rua em 1977	44
FIGURA 2 – Palhoção em 1983	46
FIGURA 3 – Construção da Pirâmide- Forródro	48
FIGURA 4 – Balões promocionais com marcas da Redepharma e Bar do Cuscuz	53
FIGURA 5 - Divulgação turística do São João de Campina Grande	55
FIGURA 6 – Apresentação da quadrilha Cambebas na década de 1990	59
FIGURA 7 – Apresentação na quadrilha Cambebas no início dos anos 2000	59
FIGURA 8 – Participação da comunidade	64
FIGURA 9 – Ensaio da Junina Cambebas	64
FIGURA 10 - Representação dos sentimentos com relação a festa junina	65
FIGURA 11 – Apresentação da quadrilha Arraial em Paris	67
FIGURA 12 – Festa junina com familiares em casa	67
FIGURA 13 – Comidas típicas regionais	67
FIGURA 14 – Festa junina na rua Florípedes Coutinho	68
FIGURA 15 - Jegue preparado para corrida	69
FIGURA 16 - Entrega da premiação	69
FIGURA 17 – Apresentação da quadrilha Expressão Junina	70
FIGURA 18 – Acesso ao local festivo	71
FIGURA 19 – Forró Pé de Serra no Quintal	71
FIGURA 20 – Apresentação da quadrilha junina da fundação Padre Ibiapina	72
FIGURA 21 – Imagem de Santo Antônio	74
FIGURA 22 – Celebração eucarística	74
FIGURA 23 – Festividade social de Santo Antônio	76
FIGURA 24 – Quermesse	78
FIGURA 25 – Crianças, adolescentes e adultos soltando fogos	78
FIGURA 26 – Entrada do Lecionário	80
FIGURA 27 – Programação do Cantinho da Bênção	82
FIGURA 28 – Apuração das notas	85
FIGURA 29 - Representação de uma antiga Casa de Farinha	86
FIGURA 30 – Praça de alimentação com animação do trio de forró	87
FIGURA 31 – Praça de alimentação com animação do trio de forró	88
FIGURA 32 – Barracas no entorno do Parque Evaldo Cruz	90
FIGURA 33 – Alojamento	90
FIGURA 34 – Críticas ao presidente	91
FIGURA 35 – Insatisfação com relação a mercantilização da festa	91
Figura 36 – Manifestação com relação a programação do palco principal	92
FIGURA 37 –Territorialidades do palco principal	94
FIGURA 37 – Camarote arretado	94
FIGURA 38 – Camarote arretado	94
FIGURA 40 – Bar do Tenebra	96
FIGURA 41 – Posicionamento político do proprietário do bar	96

FIGURA 42 – Pirâmide	97
FIGURA 43 – Palhoça de forró	98
FIGURA 44 – Vila Skol	99

## **LISTA DE FLUXOGRAMA**

FLUXOGRAMA 1 – Construção do pensamento	23
FLUXOGRAMA 2 – Planejamento e execução do campo	26

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização geográfica de Campina Grande (PB)	14
MAPA 2 – Festas Juninas Brasileiras	34
MAPA 3 – Principais festas juninas do Nordeste	38
MAPA 4 – Eixos migratórios	40
MAPA 5 – Os bairros e as festividades juninas entre as décadas de 1940 -1970	41
MAPA 6 – Territórios festivos de Campina Grande	58
MAPA 7 – Localização das quadrilhas juninas por bairros de Campina Grande (2016-2017)	60
MAPA 8 – Celebrações religiosas no período junino em Campina Grande	73
MAPA 9 – Locais festivos na área central de Campina Grande	84
MAPA 10- Intermediações do Parque do Povo	89
MAPA 11 – Layout do Parque do Povo	93
MAPA 12 – Parque do Povo e Polo de Eventos Ronaldo Cunha Lima	100

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – Noticiário sobre o processo de terceirização da festa junina do Parque do Povo	23
QUADRO 2 – Exemplificação de análise de entrevista	29



## **LISTA DE SIGLAS**

AMBEV – Companhia de Bebidas das Américas

ASQUAJU – Associação das Quadrilhas Juninas de Campina Grande

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

PPP – Parceria Público – Privada

PIB – Produto Interno Bruto

SAB – Sociedades de Amigos de Bairros

SEDE – Secretaria de Desenvolvimento Econômico

SEJEL – Secretaria de Esporte, Juventude e Lazer

MTUR – Ministério do Turismo

UCES – União Campinense das Equipes Sociais

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 APROPRIAÇÕES, PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS TERRITORIAIS DA FESTA: NOTAS SOBRE PERCURSOS METODOLÓGICOS ADOTADOS.....</b>	<b>20</b>
<b>3 A FESTA E A CIDADE: DIÁLOGOS DE TEMPOS, SUJEITOS, VONTADES E DESEJOS .....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 FLUXO MIGRATÓRIO E A ASCENSÃO DA FESTA JUNINA EM CAMPINA     GRANDE .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 DO PROJETO JUNINO AO PARQUE DO POVO: A CRIAÇÃO DE UM     TERRITÓRIO PROFISSIONALIZADO .....</b>	<b>45</b>
<b>4 MAPEANDO TERRITÓRIOS FESTIVOS .....</b>	<b>57</b>
<b>4.1 TERRITÓRIOS DAS QUADRILHAS JUNINAS.....</b>	<b>59</b>
<b>4.2. FESTAS DE BAIROS DE CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>65</b>
<b>4.2.1 BELA VISTA “O ARRAIAL DA VOLTA” .....</b>	<b>66</b>
<b>4.2.2 BODOCONGÓ.....</b>	<b>67</b>
<b>4.2.3 DISTRITO INDUSTRIAL.....</b>	<b>70</b>
<b>4.2.4 DINAMÉRICA “PÉ DE SERRA NO QUINTAL” .....</b>	<b>70</b>
<b>4.2.5 NOVA BRASÍLIA.....</b>	<b>71</b>
<b>4.3 CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS.....</b>	<b>72</b>
<b>4.3.1 FESTA DE SANTO ANTÔNIO.....</b>	<b>74</b>
<b>4.3.2 FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA.....</b>	<b>76</b>
<b>4.3.3 FESTA DE SÃO PEDRO .....</b>	<b>79</b>
<b>4.3.4 CANTINHO DA BÊNÇÃO .....</b>	<b>82</b>
<b>4.4 ÁREA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE .....</b>	<b>83</b>
<b>4.4.1 PARQUE DA CRIANÇA .....</b>	<b>83</b>
<b>4.4.2 MUSEU DO ALGODÃO .....</b>	<b>84</b>
<b>4.4.3 VILA JUNINA E QUADRILHANDO .....</b>	<b>85</b>
<b>4.4.4 SÍTIO SÃO JOÃO.....</b>	<b>86</b>

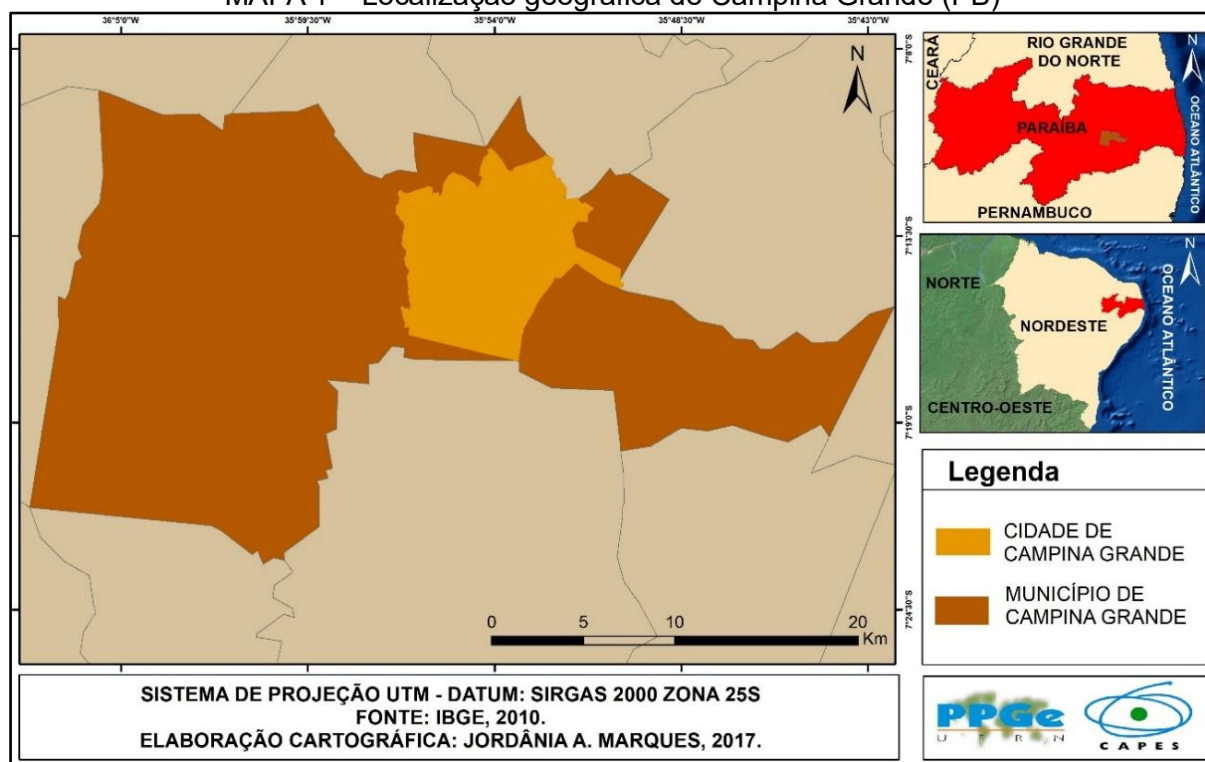
4.4.5 TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL .....	87
4.4.6 VILA DO ARTESÃO .....	87
4.4.7 SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO .....	88
4.5 INTERMEDIações DO PARQUE DO POVO.....	88
4.6 PARQUE DO POVO: O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO.....	91
5 CONSIDERAções FINAIS .....	101
6 REFERências.....	104

## 1 INTRODUÇÃO

Alegrias, brincadeiras, quadrilhas juninas, fogueiras, fogos de artifícios, forró, fé, cheiros, cores, sabores e saberes, indubitavelmente, são palavras que vinculo ao mês de junho, haja vista que, desde minha infância, espero com regozijo as festividades juninas, a expectativa de reencontrar familiares na casa de minha Avó no sítio Cafundó, em Pedra Lavrada, no estado da Paraíba, sempre foi motivo de júbilo. Além disso, causa-me uma profunda satisfação lembrar-me das histórias vividas nas comemorações da escola Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho, na Igreja matriz de Nossa Senhora da Luz, na “quadra”, e na praça Eugênio de Vasconcelos.

Ao migrar do Seridó oriental da Paraíba, para cursar licenciatura plena em Geografia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no ano de 2011, ocorreu, em princípio, meu encontro com a cidade e a festa. Na época, fui residir no centro de Campina Grande, situada no agreste paraibano, cidade que possui uma população estimada em 410 mil habitantes (IBGE, 2010) (Mapa 1). Andando pelas principais ruas do bairro, saltava aos meus olhos o amplo fluxo de pessoas e de transportes, advindos da localidade e de alguns municípios do interior da Paraíba e de Pernambuco, em busca de serviços bancários, educacionais, comerciais e de saúde, evidenciando a importância da cidade na rede urbana nordestina (MAIA, 2010).

MAPA 1 – Localização geográfica de Campina Grande (PB)



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Dessa maneira, no mês de junho, paulatinamente, o contato com a festa foi realizado. Campina Grande tornava-se encantadora, havendo alterações na ornamentação das ruas, praças, estabelecimentos comerciais, prédios públicos e casas. A cidade revestia-se com bandeirolas multicolores, luzes, fogueiras, candeeiros, fitas de cetim, balões, espigas de milho, chapéus e cestas de palhas, imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro, representações de casas de taipas/pau-a-pique (feita de barro e madeira), bem como de tecidos de chita com estampas em xadrez e em cores fortes e florais.

Além das modificações visuais, a festa instiga os demais mecanismos perceptivos, por meio das sonoridades, com destaque para a combinação harmônica entre a sanfona, triângulo e zabumba, o forró. Os cheiros e sabores, mediante aos alimentos típicos da época, tendo como exemplo, a pamonha, mungunzá, canjica, pipoca, cus-cuz, cocadas, paçoca, maçã do amor, tapiocas, queijos de coalho e manteiga, os bolos de milho e pé-de-moleque. Todos esses em conjunto instauram-se como potenciais para acionar um imaginário rural e o pertencimento à comemoração.

Isto posto, à noite, no meu retorno da universidade para casa, através da janela do ônibus, nos bairros periféricos, contemplava as cores das bandeiras, reparava nas pessoas se confraternizando nas ruas, soltando fogos: traque, chuveirinho, abelhinha, botãozinho, carrapeta, cuspe de dragão, vulcão, cobrinha e rojão, ouvindo forró, saboreando alimentos feitos de milho e consumindo bebidas variadas, alcoólicas e não alcoólicas.

Ao desembarcar no terminal de integração de passageiros, já era notório o grande número de festeiros que se encaminhavam em direção ao Parque do Povo, nessa caminhada de aproximadamente quatrocentos metros, observava a intensificação do número de pessoas que percorriam as proximidades do Parque do Povo, o uso das ruas paralelas como estacionamentos, para a comercialização de comidas e bebidas.

O Parque do Povo se constitui como o núcleo sede da festividade, durante as trinta noites, ocorrem as apresentações de quadrilhas juninas e grupos folclóricos, shows pirotécnicos e de artistas de renome nacional e regional, trios de forró pé-de-serra, concurso de bandas de forró e casamento coletivo, visando proporcionar divertimento à população local e, sobretudo, para fins econômicos, com a atividade turística.

Para tal, através de uma recente Parceria Público-Privada (PPP), entre a Prefeitura Municipal de Campina Grande e a empresa Aliança Comunicação e Cultura, monta-se uma estrutura composta por: camarotes, roda gigante, bares, restaurantes, quiosques, palco principal, palhoças de forró, tenda com música eletrônica, vendedores ambulantes, estandes de patrocinadores, guaritas policiais, banheiros químicos, posto de saúde e de coleta de materiais recicláveis e cidade cenográfica, com réplicas de uma fogueira gigante, prédios históricos e da primeira rua da cidade.

Simultaneamente a essa centralidade da festa, alguns espaços fixos e efêmeros, localizados na área central da cidade e nas suas intermediações, passam a dispor de uma programação no contraturno do Parque do Povo, como é o caso do Sítio São João, Salão de Artesanato da Paraíba, Parque da Criança, Museu do Algodão, Teatro Municipal Severino Cabral, Vila do artesão, São João do Carneirinho, Catedral Diocesana Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Cantinho da benção, Vila Junina e Quadrilhando.

O Clube Campestre e as casas de shows Vila forró e Spazzio promovem, nos finais de semana e na véspera de São João, apresentações musicais com bandas de forró e sertanejo. A última casa citada organiza, ainda, no primeiro final de semana de junho, o bloco namoradrilha, com trio elétrico tipicamente baiano, ao som de muito *axé music*, com intuito de recordar o antigo carnaval fora de época de Campina Grande, a Miracande<sup>1</sup>, saindo da Avenida Severino Bezerra Cabral, no bairro Catolé, defronte ao *Shopping Partage*, com direção ao Açude Velho, no centro da cidade. O percurso é de aproximadamente quatro quilômetros e essa festa é considerada um símbolo de *status*, tendo em vista o alto custo do abadá.

Nos distritos de São José da Mata e Galante, as festividades são realizadas no período diurno nos finais de semana, vésperas e dias dos Santos Antônio, João e Pedro, ficando ao encargo da gestão municipal em conjunto com a empresa Aliança.

Contudo, Galante apresenta um maior destaque devido ao fato de receber a Locomotiva Forrozeira, o Trem do Forró<sup>2</sup>, e em consequência, atrai um maior número

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre a festividade, recomendamos a leitura do seguinte trabalho de LIMA, Francisco Denílson Santos de. **Amicarande e suas territorialidades: De fábrica de Sonhos à Barbárie** (Pós) Moderna. 114 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

<sup>2</sup> O trem é composto por 7 vagões, todos animados por um trio de forró. Durante 1h30 de percurso, o passageiro poderá dançar o autêntico forró "pé-de-serra" e contar com uma estrutura que dispõe de bares, banheiros, equipe médica e segurança especializada. Ao chegar ao Distrito de Galante, os passageiros poderão usufruir de bares, restaurantes, shows e passeios locais. Às 15 horas, o trem retorna à cidade (<http://saojoaodecampina.com.br/locomotivaforrozeira>).

de visitantes oriundos dos municípios circunvizinhos, de variadas localidades da Paraíba, de outros estados do Nordeste e do Brasil.

Afastados da lógica mercantilizadas vigóntes na festa junina midiática, outras festividades persistem nos bairros. Nessas, ocorrem novenas, procissões e celebrações eucarísticas que rememoram a vida de Santo Antônio, São João e São Pedro. As quadrilhas tradicionais e estilizadas, forró pé-de-serra, “paredões” de som, fogueiras e corrida de jegues também compõem o cenário festivo e, em alguns, também se constata camas elásticas e brincadeiras para as crianças. Nas ruas onde se realizam as comemorações, é corriqueiro os moradores colocarem cadeiras em suas calçadas para acompanhar o movimento e aproveitar a ocasião para vender alimentos e bebidas.

Nessa perspectiva, a festa impulsiona a metamorfose da cidade, propicia uma dinâmica particular e fomenta múltiplas apropriações (GWIAZDZINSKI, 2011), as quais, em concordância com o pensamento de Morin (2005), vão se dando numa ordem e numa desordem. Logo, essa comemoração, “obriga-nos a pensar as coisas no sentido da complementaridade e não da oposição, da complexidade e de maneira binária e setorial” (GWIAZDZINSKI, 2011, p. 349).

Tratando dessa manifestação cultural, por esse ângulo, passamos a refletir sobre a trama locacional concretizada por intermédio de ações e de objetos que estão dispostos fisicamente no espaço (GOMES, 2012), condicionando as dinâmicas que baseiam as territorialidades. Em vista disso, através das comemorações, os festeiros demarcam, apropriam, percebem e vivenciam o território, gerando o que nomeamos de territorialidades da festa junina.

Por isso, o presente trabalho se ancora no par dialógico território-territorialidades. O território é resultado das “relações de dominação e/ou apropriação sociedade-espaço” (HAESBAERT, 2014, p. 58), e essas relações de poder são consideradas não apenas do ponto de vista das materialidades, mas também na sua função simbólica. Em outras palavras, “é o encontro entre uma área e os indivíduos em uma associação inalienável entre espaço (objetos) e uma estrutura de significados (sujeitos)” (PAULA, 2011, p. 120).

Recorrendo às contribuições de Bonnemaíson (2002), reiteramos que toda cultura se encarna em uma territorialidade, isto é, em uma dinâmica que se constitui em decorrência da criação e da apropriação do território, em que as imaterialidades do espaço passam a adquirir uma significação efetiva (LIMA, 2016). Portanto, a noção

de territorialidade situa-se entre fixação e mobilidade, sendo compreendida aquém pelas noções biológicas e da macropolítica, sobressaindo-se “pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território” (BONNEMAISON, 2002, p. 287).

Desse modo, em função das festividades juninas em Campina Grande, ocorrem interações entre os festeiros e o espaço que denotam muitas possibilidades de construção de significados e de valores subjetivos que são projetados e territorializados. No entanto, delimitamos como escala, ou seja, “a medida que confere visibilidade do fenômeno” (CASTRO, 1995, p. 123), as celebrações dos bairros e do Parque do Povo e suas intermediações.

Essas comemorações acarretaram numa combinação entre entusiasmo e inquietação, manifestando-se através de alguns questionamentos: Onde se constituem/criam os territórios da festa junina na cidade de Campina Grande? Como se apropriam? Quais vivências territoriais são estabelecidas? Como os territórios festivos se articulam?

Partindo dessas indagações, formulamos o objetivo central do trabalho, que é compreender as apropriações territoriais mediadas pelas práticas sociais e representações subjetivas na festa junina da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Para esse fim, objetivamos, especificamente: Identificar os territórios onde ocorrem as festas juninas de Campina Grande; Analisar os significados e interações estabelecidas pelos festeiros no território; Compreender como os territórios festivos se articulam.

Diante do exposto, além das considerações iniciais e finais, a presente dissertação é composta por três capítulos.

O segundo capítulo, “Apropriações, percepções e vivências territoriais da festa: notas sobre percursos metodológicos adotados”, trata do aporte teórico-metodológico empregado no trabalho, enfatizando a relevância da abordagem qualitativa para ampliar os olhares sobre as geografias vivenciadas e experienciadas pelos sujeitos. Posteriormente, apresentamos o planejamento e as técnicas empregadas: netnografia/etnografia digital, entrevistas, diário de campo, observação participante, diálogos abertos, registros fotográficos e videográficos, estando essas subordinadas aos modos de construção do pensamento e aos objetivos da dissertação.

Já o terceiro capítulo, “A festa e a cidade: diálogos de tempos, sujeitos, vontades e desejos”, discutimos preliminarmente sobre a relação histórica dos homens, festas e cidades por intermédio dos ciclos de produção agrícola, destacando



as festividades juninas, desde Portugal até sua chegada ao Brasil, e suas ressignificações no transcorrer do tempo. *A posteriori*, tratamos do processo de mercantilização das festividades juninas no Nordeste, salientando os interesses econômicos dos administradores públicos e empresariais através do turismo. Em seguida, tratamos especificamente da festa junina em Campina Grande, evidenciando a influência dos fluxos migratórios ocorridos na década de 1940 e a instalação da festa na cidade, bem como, as relações territoriais que são estabelecidas nas comemorações de ruas, momento no qual, trazemos narrativas de memórias. Além disso, discorremos a respeito da profissionalização da festa, sobretudo, a partir do final da década de 1970, com a organização das festividades na área central da cidade, na ocasião, nos deparamos com cartografias cognitivas e memórias. Por fim, enfocamos na atual conjuntura da festa junina do Parque do Povo, acentuando sua importância econômica, processo de terceirização e suas reverberações nos modos de festejar e nos modos de organização da cidade.

No quarto e último capítulo, “Mapeando territórios festivos”, dedicamo-nos às apropriações territoriais que ocorrem na festa junina de Campina Grande, as quais se manifestam do ponto de vista material e simbólico. Para isso, expomos mapas, fotografias, vídeos e narrativas que nos direcionam aos territórios constituídos por variadas pessoas, instituições, poder público e iniciativa privada. Portanto, são aludidas as comemorações espontâneas nos lares, ruas, igrejas e espaços públicos dos bairros, indo até as vinculadas a lógica mercantilizada, com realce para a área central da cidade, o Parque do Povo e suas intermediações.

## 2 APROPRIAÇÕES, PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS TERRITORIAIS DA FESTA: NOTAS SOBRE PERCURSOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

Para responder às indagações e cumprir os objetivos propostos, buscamos sustentáculo metodológico na pesquisa qualitativa. Considerando essa abordagem para a geografia, uma das estratégias que favorece percorrer os territórios festivos estudados, vislumbrando as dinâmicas que se constituem na gênese e na apropriação do território, do ponto de vista material e simbólico. Todavia, por muito tempo, as análises qualitativas foram tidas como pré-científicas, eram desconsideradas as experiências vividas e intersubjetividade inerente aos grupos sociais (CLAVAL, 2011a).

A Geografia Tradicional, fundamentada no positivismo, entre o final do século XIX até meados do século XX, entendia que os estudos deveriam se restringir aos aspectos visíveis, atendo-se às descrições, enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço, seu método de abordagem estava relacionado às ciências da natureza (MORAES, 2007).

Por conseguinte, a corrente teórico-quantitativa, entre 1950 e 1970, com base no racionalismo cartesiano, incluiu a linguagem matemática para proporcionar a geografia o *status* de ciência (SANTOS, 1986), estando as análises espaciais calcadas no raciocínio hipotético-dedutivo<sup>3</sup>, sendo ele “consagrado como aquele mais pertinente e a teoria erigida em culminância intelectual” (CORRÊA, 1995, p. 20).

Fundamentada na dialética<sup>4</sup>, a partir da década de 1970, a geografia crítica considera o espaço como “*locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (CORRÊA, 1995, p. 26 – grifo do autor), rompendo com os princípios e teorias das duas correntes supramencionadas, enfatizando na “sociedade em detrimento do indivíduo. Tendo assim, uma supervalorização do *homo economicus*, do *homo faber*, reifica-se a economia” (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2009, p. 42 – grifo dos autores).

Portanto, uma ampla parcela dos geógrafos considerava como construtores e/ou modeladores das paisagens os trabalhadores do sexo masculino, com idade

---

<sup>3</sup> Baseado no pensamento de René Descartes, para esse método, o conhecimento científico se dava através de experimentos e modelos racionais de interpretação de fenômenos que podem ser igualmente estudados por outros pesquisadores (SPOSITO, 2004).

<sup>4</sup> Esse método respalda-se no materialismo histórico e dialético (SPOSITO, 2004), “Enquanto uma teoria científica que supera a dissociação entre natureza e história, considerando simultaneamente a relação do homem com a natureza e a relação do homem com o homem” (QUAINI, 1979, p.22-23).

entre 15 e 65 anos, e excluía as crianças e os idosos. Já as mulheres eram mencionadas como mães e ligadas à agricultura (CLAVAL, 2011a), apresentando a indispensabilidade de explorar geografias ocultas pela quantificação, buscando aproximar a geografia das humanidades (ROCHA, 2007).

Nesse contexto, a fenomenologia<sup>5</sup> modificou os ângulos de observações dos geógrafos. Com efeito, “a natureza, a sociedade e a cultura são refletidas como fenômenos complexos sobre os quais só se obtém respostas a partir de experiências que se apresentam e conforme o sentido que as pessoas dão a existência” (ROCHA, 2007, p. 21).

É indispensável afirmar que, desde 1952, através do livro “O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, Eric Dardel contribuiu para a visão de uma geografia vivida e experienciada. Para ele, essa ciência “pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 33).

Por essa lógica, “o principal pressuposto da Geografia orientada pela Fenomenologia é de que existem conhecimentos e práticas geográficas (experiências) anteriores à Geografia enquanto disciplina acadêmica” (PAULA, 2011, p.116). Assim sendo, “*homo geographicus* contemporâneo deixa de ser um puro espírito ou uma simples força de trabalho” (CLAVAL, 2011a, p. 227 – grifo do autor). Nesse sentido, a percepção é, segundo ela:

Uma atividade mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que ocorre através de mecanismos perceptivos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e cognitivos (que envolvem a inteligência, incluindo como motivações humores, conhecimentos prévios, valores, expectativas) (ROCHA, 2007, p. 24).

No entanto, somente na década de 1970, ergue-se, nos Estados Unidos e no Canadá, a geografia humanística, baseada nos fundamentos fenomenológicos, (MARANDOLA JÚNIOR, 2005). Apesar disso, esse parâmetro epistemológico não é o único embasamento dessa vertente da ciência, “mas é um dos mais importantes, se não o mais importante” (AMORIM FILHO, 1999, p. 77). Tal relevância justifica-se pela implementação de estudos dos fenômenos não materiais, salientando os significados,

---

<sup>5</sup>“A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p 1).

os simbolismos, as intuições e as experiências (CORRÊA, 1995), sendo elas “substâncias do envolvimento do ser humano no (e com o) mundo, e configurariam as bases formais do que entendemos como geografia” (FERNANDEZ, 2016, p. 76).

Tal abordagem ajuda-nos a vislumbrar e a explicar o território por distintos e numerosos modos (VERDUM *et al.*, 2016), compreendendo-o enquanto um “espaço-tempo vivido, (...) diverso e complexo” (HAESBAERT, 2014, p. 55-56). Logo, “não basta viajar em torno do território, é preciso realmente invadi-lo. Vale a pena pelo mesmo tentar essa aventura” (BONNEMAISON, 2002, p. 131).

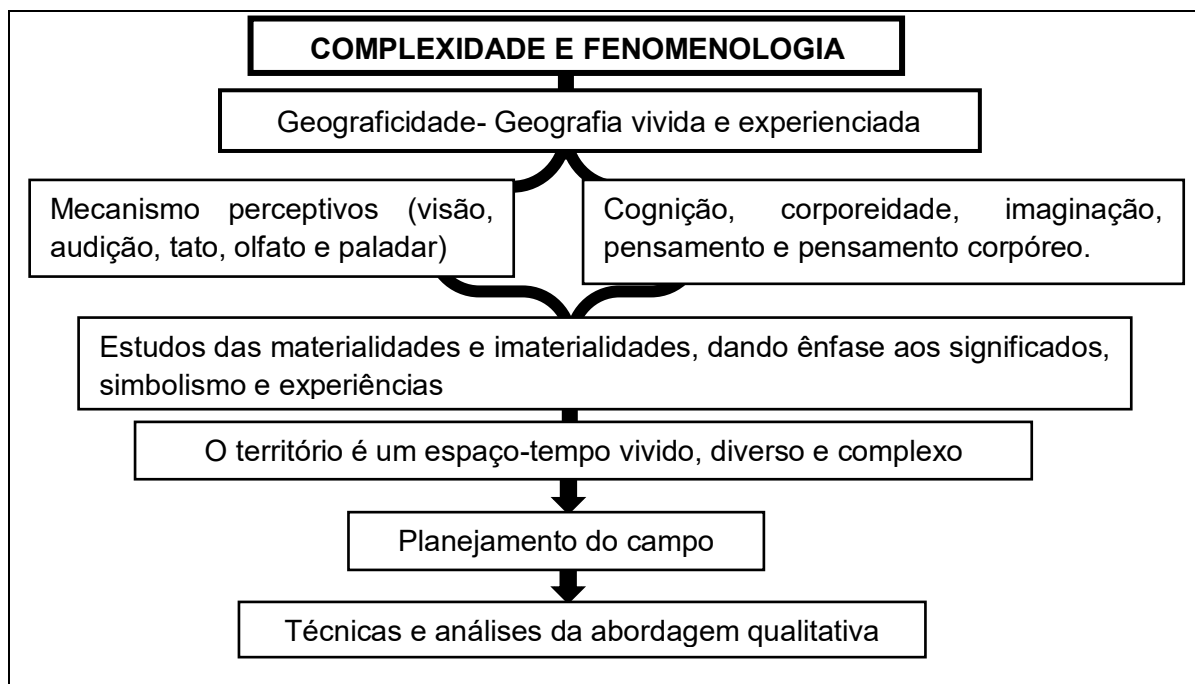
É nessa conjuntura, contrariando os preceitos positivistas e neopositivistas, quanto à neutralidade científica, que o humanismo assegura o pesquisador como sendo, do mesmo modo, constituinte do “universo vivido pesquisado, suas experiências vivenciais não precisam mais ser desprezadas” (FERNANDES, 2014, p. 85), dando possibilidades de “utilizar diferentes pessoas verbais (eu ou nós, por exemplo)” (FERNANDES, 2014, p. 85).

Por essa razão, ao “aventurar-se por geografias subterrâneas, por vozes silenciadas, impõe rigor e criatividade na execução e reflexão metodológica” (GAMALHO, 2016, p. 35). Nesse sentido, buscamos uma perspectiva complexa e fenomenológica que nos ajudou a enxergar as apropriações e ouvir os discursos produzidos e reproduzidos, considerando as materialidades e subjetividades inerentes a cada território festivo. Portanto, ao mergulhar na festa e entender os deslocamentos e os movimentos, podemos compreender o espaço pela dimensão de suas territorialidades.

Em vista disso, o trabalho de campo é uma permanente troca de saberes, sendo de suma relevância interessar-se pelas conversas, manifestações despretensiosas, e por tudo que relata o lugar, considerando-se que os sujeitos possuem saberes baseados no mundo conhecido e significado. Assim sendo, se transpassam as questões vinculadas às materialidades, todavia, sem desprender-se delas (HEIDRICH, 2016).

Logo, se faz primordial o planejamento e a escolha das técnicas empregadas para registrar o campo, já que essa atividade é articuladora das demais ações (GAMALHO, 2016). Mas, antes de adentrar na explanação sobre o campo e as técnicas empregadas, é preciso evidenciar a pertinência das etapas que precedem a ida aos territórios festivos. O aporte teórico-metodológico abriu meu olhar, aguçou o meu ouvir e ajudou-me a sentir e a analisar o ambiente festivo (Fluxograma 1).

FLUXOGRAMA 1 – Construção dos procedimentos metodológicos



FONTE: Elaborado por Jordania Alyne Santos Marques (2018) em Merleau-ponty (1999), Dardel (2011), Rocha (2007), Corrêa (1995), Haesbaert (2014), Heidrich (2016) e Gamalho (2016).

Buscamos em fontes secundárias elementos que possibilitaram considerar um campo discursivo sobre a festa junina de Campina Grande, especialmente, no que concerne à comemoração do Parque do Povo, a partir de reportagens e notícias dos principais portais e jornais digitais da Paraíba e da cidade em estudo, assim como do *site* oficial da festa. Os dados foram organizados através de quadros contendo os seguintes itens: Jornal/portal, data, manchete, transcrição do texto, palavras-chave e *link* da informação (Quadro 1).

QUADRO 1 – Noticiário sobre o processo de terceirização da festa junina do Parque do Povo

Portal Paraíba Online	Data: 02 de fevereiro de 2017
Manchete: Secretário nega privatização do São João de Campina Grande	
O secretário de desenvolvimento de Campina Grande, Luiz Alberto Leite, negou durante entrevista nesta quinta-feira (02), que a prefeitura municipal vá privatizar a festa de São João. Luiz disse que há um projeto de terceirização de alguns serviços, mas que o acesso ao Parque do Povo, local onde acontece a festa, continuará gratuito.	
– Nesse formato que está sendo desenhado, o acesso ao Parque do Povo continuará gratuito. Estamos entregando para que a gestão de contratação, captação, limpeza, fiscalização, produção, essa sim seja privatizada. A prefeitura é principal patrocinadora – explicou.	
Palavras-chave: São João, Privatização, Terceirização.	
Fonte: <a href="http://paraibaonline.net.br/secretario-nega-privatizacao-do-sao-joao-de-campina-grande/">http://paraibaonline.net.br/secretario-nega-privatizacao-do-sao-joao-de-campina-grande/</a>	

FONTE: Elaborado por Jordania Alyne Santos Marques (2018) a partir do portal Paraíba Online.

Na busca de compreender a importância da festa para Campina Grande, como sua organização, seus impactos econômicos e quais as perspectivas futuras, entramos em contato com a gestão municipal, inicialmente, no ano de 2016. Direcionamos nossos esforços para conversar com os responsáveis pela pasta de Desenvolvimento Econômico e/ou a Coordenadoria de Turismo, porém sem êxito nas tentativas. Somente em fevereiro de 2017 efetuamos uma entrevista com o Secretário de Planejamento, que, na ocasião, já declarava o processo de terceirização da festa, bem como a saída do evento do Parque do Povo.

Nessa produção de informações, nos valem muito das redes sociais digitais *Facebook* e *WhatsApp*, e por intermédio da Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande (ASQUAJU-CG), identificamos e estabelecemos contato com as quadrilhas, momento oportunizado para tratar da organização de cada uma, dos principais festivais/concursos que participam, bem como dos locais de apresentação na cidade - essa última informação subsidiou a identificação das festividades de bairros. A União Campinense das Equipes Sociais (UCES) viabilizou os contatos telefônicos dos presidentes das Sociedades Amigos de Bairros (SABs), e a partir disso, os indagamos sobre a existência de comemorações em suas localidades no período junino.

Por fim, utilizamos o *Facebook* através do grupo “Festa Junina de Campina Grande (PB)”, idealizado por recomendações da banca avaliadora no exame de qualificação, o manejamos como uma estratégia de escuta, almejando compreender como os participantes vivenciam as festividades. Para tanto, buscamos embasamento na netnografia/etnografia virtual, que é uma técnica de observação das comunicações dos sujeitos no ciberespaço<sup>6</sup> (CORRÊA; ROZADOS, 2017).

Alicerçado nos procedimentos descritos por Amaral *et al.* (2008), estabelecemos algumas estratégias metodológicas:

a) Inicialmente, levantamos as questões que almejávamos investigar e escolhemos um público-alvo, no caso, os sujeitos que participam da festa junina em Campina Grande;

---

<sup>6</sup>“O ciberespaço é um espaço social onde as pessoas podem se encontrar sob os novos nomes de encontro e de personalização. O colapso das relações espaço tempo e a evolução de novos espaços sociais, sem espaço e sem lugar (Facebook, LinkedIn, Twiter, MySpace, etc.) desafiam a importância dos lugares geográficos a tal ponto que alguns acreditam que a geografia e o tempo não são mais fronteiras” (SANGUIN, 2014, p.14).

b) Após a criação do grupo<sup>7</sup>, para efetuarmos os convites, enviamos o seu *Link* para páginas e grupos relacionados com a temática, a exemplo da página oficial da prefeitura, “Campina Grande – O maior São João do Mundo”. Na oportunidade, no mês de maio, ela estava com um copioso número de acessos em função da divulgação da programação do Parque do Povo, o que colaborou com a entrada dos primeiros membros. Ademais, por meio do *WhatsApp*, encaminhamos para amigos, coordenadores de quadrilhas e presidentes de SAB. Prontamente, com a chegada dos integrantes, a cada comentário, cada *like* e compartilhamento, o grupo foi tomando forma, contando, ao final dessa pesquisa, com 551 membros;

c) Ao tornar-se membros do grupo, os usuários se deparavam com a descrição do mesmo, contendo nossa identificação, objetivos da utilização dessa ferramenta, a relevância de sua participação e de também adicionar outros amigos, para assim se constituir uma rede informacional. Ao final, tinha-se a solicitação da autorização para o uso das postagens, comentários e conversas obtidas nos *chats*, prezando pelo anonimato dos festeiros, tratando-os por pseudônimos;

d) Para coleta das informações, direcionamos perguntas, *links* de notícias referentes ao tema e enquete no grupo, deixando-os bem à vontade para responder na própria publicação ou através de conversas no *chat*.

e) Por fim, envolvida nesse ambiente, após salvar os arquivos e os analisar, compreendemos que o diálogo com os festeiros foi uma fonte abundante de dados e reflexões a pesquisa. As informações do grupo contribuíram para identificação das festividades nos bairros, assim como para discutir o processo de terceirização da comemoração no Parque do Povo.

f) Conforme Amaral *et al.* (2008) apontam, mesmo com a ausência das expressões corporais dos usuários, devido à virtualidade do campo, os *emoticons* demonstram as percepções dos sujeitos.

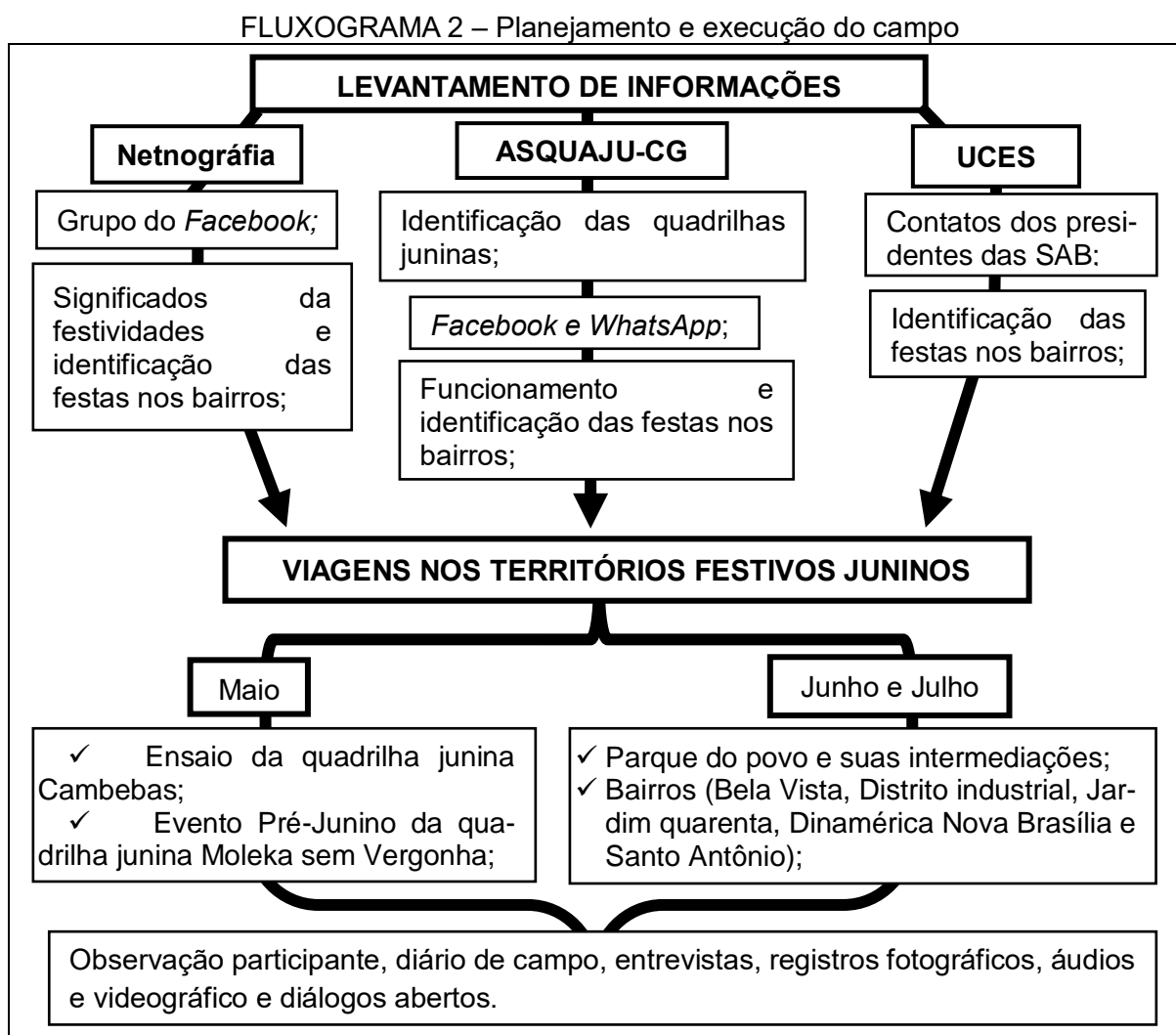
É valido destacar que o uso da netnografia não ficou reduzido ao período junino, buscamos estender nosso campo, sobretudo, por compreendermos que a festa não se encerra com o fim da sua programação, através das redes sociais digitais, por

---

<sup>7</sup>A rede social digital que utilizamos, apresenta vários ajustes no que tange a privacidade dos grupos, com as seguintes opções: Público, fechado e secreto. Optamos pelo primeiro, em virtude de ser aberto, permitindo aos usuários do *Facebook* visualizar informações do grupo, tais como, a descrição, marcações, membros e publicações, além disso, todos podem o encontrar através de pesquisas. A única restrição feita foi na publicação de postagens, para que algum membro as fizesse era necessário o aval da administradora, essa decisão foi tomada para evitar a fuga da temática cerne do grupo.

exemplo, os sujeitos continuam falando sobre a festa, alguns até realizando contagem regressiva para seu início no ano posterior e recordando os momentos vividos através de compartilhamento de músicas e fotografias. E um dos pontos bastante debatidos foi a concessão da festa para uma empresa administrar durante trintas anos e seu deslocamento do Parque do Povo para a Estação Velha (fato que iremos nos ater mais adiante).

Portanto, todas as fases de levantamento de informações acima listadas foram basilares para a execução da investigação, todavia, no esquema abaixo, enfatizamos nas três últimas fases de levantamento de dados, em consequência dessas terem sido primordiais para a efetivação das nossas viagens nos territórios festivos juninos, nos meses de maio, junho e julho de 2017, nas quais, optamos pelo uso do diário de campo, observação participante, entrevistas, registros fotográficos e videográfico e diálogos abertos (Fluxograma 2).



FONTE: Elaborado por Jordânia Alyne Santos Marques (2018).



A produção dessa dissertação adveio, portanto, das nossas reflexões, percepções e interpretações, haja vista as variadas estratégias e fontes empregadas. Enquanto pesquisadora, avaliamos que os diálogos abertos foram ricos em detalhes, pois, ao envolver-se nas festividades, objetivando conversar com comerciantes e festeiros, foi possível visualizar pormenores que, comumente, as perguntas fechadas não proporcionariam. Nesse sentido, a fenomenologia mostrou-se como um norte ao favorecer descrições, de modo que, as percepções e experiências dos festeiros nos orientaram nos percursos dos territórios festivos juninos.

Em vista disso, empregamos que a observação participante é uma postura adotada pelo pesquisador em campo (HEIDRICH, 2016), visando compreender o comportamento e as experiências vividas pelos sujeitos (ÁLVAREZ, 2011). Para tanto, fomos de encontro as comemorações, conforme apresentado no fluxograma. Apesar disso, não foi exequível dirigir-se a todos os locais levantados previamente, devido à simultaneidade de comemorações na cidade, em especial, nas vésperas e dias dos santos juninos. Incluímos ainda o cancelamento de algumas festividades por seus organizadores e a insegurança em me deslocar para alguns locais em decorrência do horário avançado.

Essas técnicas viabilizaram a imersão nas comemorações, em determinadas situações mais próxima, e em outras afastada dos brincantes, na busca por compreender as apropriações, percepções e vivências estabelecidas nos territórios festivos juninos, partilhando de seus eventos: Ensaio da quadrilha junina Cambebas, evento pré-junino da quadrilha junina Moleka Sem Vergonha, Parque do Povo, Sítio São João, Vila do Artesão, São João do Carneirinho, Catedral Diocesana Nossa da Imaculada Conceição, Cantinho da Benção, Vila Junina e quadrilhando, e nas festividades dos bairros Bela Vista, Distrito industrial, Jardim quarenta, Dinamérica, Nova Brasília e Santo Antônio.

Para os nossos registros, usamos o diário/caderno de campo, descrevendo nossas observações, bem como empregamos a câmera fotográfica para efetuar os registros fotográficos e videográficos<sup>8</sup>, considerando-os não como meras ilustrações

---

<sup>8</sup> Os vídeos não receberam nenhum tipo de edição, todas as cenas foram captadas espontaneamente. Eles foram publicados no *youtube* no transcorrer do texto, com o intuito de proporcionar ao leitor leituras sobre as diferentes formas de vivências estabelecidas nos territórios festivos, valendo-se não exclusivamente da linguagem escrita, mas também dos arranjos visuais e auditivos, os levando a tecer experiências festivas.

de um território festivo, mas enquanto “uma narrativa que tem sentido simbólico, cultural e imagético” (MELO, 2008, p. 81).

Ademais, optamos pela entrevista, que é uma técnica valiosa para se usar na pesquisa com pessoas e grupos sociais e suas geografias (HEIDRICH, 2016). Logo, empregamos a não-diretiva, na qual, o entrevistado tem autonomia para exteriorizar suas opiniões e sentimentos, cabendo ao entrevistador instigar, direcionando o informante a proferir sobre determinado conteúdo, sem, no entanto, pressioná-lo a responder (ÁLVAREZ, 2011). Para tal feito, seguimos as orientações baseados em Álvarez (2011) do autor.

a) Preliminarmente, contactamos o entrevistado, estabelecendo desde o princípio, um diálogo cordial, esclarecendo a finalidade da pesquisa e importância de sua colaboração, da mesma maneira, certificando a natureza sigilosa de suas declarações e o resguardo do nome usado no *facebook*;

b) Ao começar, deixamos o festeiro se pronunciar livremente e, posteriormente, o auxiliamos com outras indagações em concordância com nossos objetivos da pesquisa;

c) Buscando a fidelidade das respostas, manuseamos o gravador de voz do celular, exceto, em uma oportunidade na qual o festeiro não concordou, nesse caso, realizamos anotações da fala no diário de campo;

d) Em seguida, efetuamos as transcrições das entrevistas na íntegra;

Ao concluir essa etapa, nos deparamos com falas narrando fragmentos de lembranças, apropriações, percepções e vivenciais dos territórios festivos juninos. Em vista disso, as narrativas são construídas pelos sentidos e pelas relações estabelecidas com o mundo, “cada ator é um narrador específico e cabe ao pesquisador refletir sobre os mecanismos de estimular as narrativas, compreendendo-as como leituras do mundo” (GAMALHO, 2016, p. 43). Desejando apreender as geograficidades presente nas narrativas, identificamos expressões que nos direcionaram para os conceitos e categorias no âmago das falas em consonância com os objetivos de pesquisa (GAMALHO, 2016), conforme o exemplificado a seguir (quadro 2).

QUADRO 2 – Exemplificação de análise de entrevista

Transcrição	Conceitos/ Categorias
Eu e meus amigos ficávamos a noite todinha nas quadrilhas, lá era bem diferente da estrutura de hoje, era já no final da década de setenta, tinha somente a palhoça e somente depois construíram pirâmide, hoje está bem grande e diferente. Minhas maiores e melhores lembranças são de quando era a palhoça, o chão era de barro, coberto por palhas de coqueiros, era bom demais, só tinha forró autêntico, o chamado pé-de-serra, além do mais tinha muita canjica, pamonha.	Recordações dos territórios festivos Paisagem sonora Sabores

Fonte: Elaborada por Jordania Alyne Santos Marques (2018).

Nesse percurso metodológico, surgiram inquietações quanto à produção de narrativas para além dos textos. Nesse sentido, utilizamos as fotografias e os vídeos em conformidade com o explanado anteriormente. Adicionamos a esse panorama desenhos e mapas, os primeiros assinalados foram realizados por festeiros, os quais, através dessas imagens, que “não funcionam como um meio de ilustração ou exemplificação. Elas são um meio de observação e uma provocação ao debate” (GOMES; RIBEIRO, 2013, p. 33), narram suas percepções e experiências festivas. É válido frisar também que um festeiro elaborou paisagens da imaginação através de paisagens de memórias narradas por uma brincante. Nesse momento, buscamos dar vida, movimento e promover novas interpretações dessas vivências territoriais.

Com relação à cartografia, consideramos relevante “quando consegue aproximar o território dos movimentos de territorializações, o que supõe mapeamentos de ações e processos” (BAYER, 2016, p. 20). Nesse sentido, criamos estratégias que possibilitaram o mapeamento dos territórios festivos, levando em consideração que

Atrás dos pontos, linhas e polígonos impressos no papel se escondem-se homens e mulheres e suas razões, ações e contradições cartográficas que influenciam ou até determinam como devem ser a aparência e os conteúdos de um mapa (SEEMAN, 2012, p. 69).

Desta forma, ao realizar os mapeamentos, buscamos não nos restringir ao apontamento da localização geográfica de uma rua na qual ocorre determinada festividade junina, objetivamos escavar territórios de vivências de tempos de outrora e tecendo interpretações também nos atuais.

### 3 A FESTA E A CIDADE: DIÁLOGOS DE TEMPOS, SUJEITOS, VONTADES E DESEJOS

A relação entre a cidade e a festa não é algo recente, ela precede a sociedade capitalista (GRAVARI-BARBAS 2011 *apud* FAINSTEIN, 1998). Na antiguidade, seu ensejo era incluir o homem na natureza sem causar desordem (KIM, 2011). Isto posto, os modos de organização e os locais de encontro variam consoante a sociedade e seus contextos histórico-culturais (MADDOEUF, 2011).

Nas cidades Gregas, a título de exemplificação, as festas eram religiosas, nas quais, se resplandecem a música e o teatro, voltando-se os cultos para as divindades que salvaguardavam a cidade. Acreditava-se que os alimentos lucrados na colheita eram oferecidos aos deuses por benevolência (CLAVAL, 2011b), tal influência se reverberou com a nomeação do mês *Antestério* (fevereiro e março no nosso calendário), fazendo menção às festas “com duração de três dias: aos 11, 12 e 13 do mês, pouco antes da lua cheia de março” (JOURDAIN-ANNEQUIN, 2011, p. 76).

Dessa maneira, as festas são manifestações culturais que podem ter sua gênese relacionada ao período de plantação e da colheita, matrimônios, nascimentos, mortes, festejos sacros e religiosos, eventos econômicos, sociais e políticos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CASTRO, 2012), passando por ressignificações, como ressalta Claval (1999), pois a cultura não é algo cristalizado e/ou imutável.

Alguns estudiosos asseguram que as festas juninas são originadas na tradição de culto ao sol (CASTRO, 2012). Outros pesquisadores relacionam ao solstício de verão europeu, associando aos ciclos de produção agrícola, nos quais se rendiam culto às divindades protetoras das colheitas (CASTRO, 2012; MORIGI, 2000). Desta maneira, no contexto europeu, a Igreja Católica passou a estabelecer os dias solenes, visando modificar as festas, subdividindo-as em duas categorias: as celebrações do Senhor, destacando os acontecimentos da vida de Jesus Cristo, e as datas rememorativas aos santos, como é o caso do nascimento de João Batista, em 24 de junho (CHIANCA, 2013; DEL PRIORE, 2000).

Nessa lógica, a relação entre igreja e monarquia era altamente acentuada, já que “as conquistas territoriais praticadas pelos novos governantes promoveram a expansão da religião cristã, pela instituição de paróquias, dioceses e arquidiocese em cada um novo território conquistado” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015, p. 114).

Chegando ao Brasil, os colonizadores trouxeram o costume de festejar organizando as celebrações acima aludidas, bem como aniversário, casamentos e as entradas, sendo as últimas mencionadas rituais solenes de recepção de bispos e autoridades (DEL PRIORE, 2002). Utilizando-se do seu poder, a cada nova porção do território conquistado, a Igreja Católica introduz “símbolos e representações relacionadas ao catolicismo (festas, procissões, missas) e a construção de símbolos para a identificação do território” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015, p. 117-118).

Em vista disso, “as festas eram o ponto alto da religião, momento que unia a sociedade para diversão, reunião das famílias e amigos” (BONJARDIM; ALMEIDA, 2015, p. 121). Ao mesmo tempo, elas indicavam a autoridade “do monarca ou do panteão católico” (DEL PRIORE, 2000, p. 17). Nesse sentido, as elites determinavam como as comemorações ocorreriam, cabendo aos negros e indígenas se submeterem às normas de comportamento impostas. Na oportunidade, eles eram catequisados, e desde essa época, nota-se um processo de segregação nas festas.

As irmandades e confrarias eram encarregadas de coordenar as festas religiosas, dentre elas, as procissões, com estandarte do santo ovacionado, seguida de arautos e soerguimento de mastros, com destaque para a solenidade de São Antônio, São João e São Pedro<sup>9</sup>, nos dias 13, 24 e 29 de junho, respectivamente.

Para tanto, “todas as instâncias da comunidade colonial eram envolvidas na espiral da festa e os funcionários do governo português eram também avisados; cabia

---

<sup>9</sup> Santo Antônio nasceu em Lisboa, capital de Portugal, no ano de 1195, e morreu em Pádua, na Itália, em 13 de junho de 1231. Serviu na ordem dos Franciscanos, destacou-se pela experiência e pregação do Evangelho e por se compadecer pelos mais pobres e necessitados. Fonte: <http://santo.cancaonova.com/santo/santo-antonio-doutor-da-igreja/>. Acesso em: 20/02/2018. Conforme Chianca (2013), ele é conhecido popularmente como “casamenteiro”, intercedendo por namoro e noivado.

São João Batista, filho de Zacarias e Isabel, nasceu em 24 de junho, seis meses antes do seu primo Jesus. A Igreja Católica recorda apenas o aniversário natalício de Cristo, Maria e João. Ele pautou sua vida em penitência e oração, usando veste de pelagem de camelo e um cinto de couro, consumia gafanhotos e mel silvestre. Seu mérito na história do Cristianismo é devido ao fato de ser o proclamador da vinda do Messias. Para tal, realizava pregações e batismo de arrependimento nas águas do rio Jordão. Por esse motivo, é chamado de Batista. Fonte: <https://santo.cancaonova.com/santo/martirio-de-sao-joao-batista-o-ultimo-e-maior-dos-profetas/>. Acesso em: 20/02/2018). De acordo com Chianca (2013), São João é o intermediador do casamento.

No dia 29 de junho, a Igreja Católica celebra os santos Pedro e Paulo, apontados como os líderes basilares da igreja cristã primitiva. Pedro, de acordo com os relatos bíblicos, foi falho na fé, pois, inicialmente, negou Jesus durante sua morte. Porém, com a ressurreição de Cristo e a vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, Pedro tornou-se o líder e o primeiro papa da igreja. Fonte: <https://santo.cancaonova.com/santo/sao-pedro-e-sao-paulo-apostolos-principais-lideres-da-igreja-crista/>. Acesso em: 20/02/2018. Segundo Chianca (2013), ele é denominado como “Chaveiro do Céu”, incumbido de mandar chuvas, fenômeno causador da fertilidade.

a eles aprovar sua realização e, quando não havia patrocínio particular, financiá-las” (DEL PRIORE, 2000, p. 24),

As festas revelavam a imprescindibilidade de utilizar praças, ruas e igrejas. Sob essa lógica, a cidade era adornada, janelas paramentadas com panos, vasos de flores e luminárias, quanto maior o número de luzes eram ofertadas, maior seria seu prestígio na cidade (DEL PRIORE, 2000; CHIANCA, 2013).

Ao espetáculo das luminárias e da decoração das ruas, somava-se a queima de fogos, cuja presença nas festas colônias remonta ao século XVII. Vinda da tradição de Portugal, ela era a alegria das romarias e das procissões. Sua origem é a china, onde constituída características das solenidades sagradas e profanas. Abrindo a celebração da festa, os fogos anunciavam a partida dos cortejos processionais, mas também a sua chegada à igreja ou à praça onde de davam os principais eventos da festa (DEL PRIORE, 2000, p. 37-38).

Apesar disso, os fogos e as fogueiras foram proibidos inicialmente pela igreja, por considerarem como superstições. Apenas com o Concílio de Trento (1545-1563), “as fogueiras de solstício passaram a ser admitidas como – fogos eclesiásticos” (CHIANCA, 2013, p. 16). Popularmente, “diz-se que Isabel, mãe de São João, combinou com Maria, mãe de Jesus, que faria uma pequena fogueira em cima de um morro para anunciar-lhe o nascimento do filho. A fogueira virou, então, bom presságio” (MORIGI, 2007, p. 42).

Outrossim, a comida também era um dos elementos constituintes das festas, elas estavam diretamente associadas à colheita, citando como exemplo, o beiju, canjica e pamonha. Todavia, os negros e indígenas não se limitavam a alimentar-se das opções oferecidas pela irmandade, eles também consumiam aluás e quitutes sortidos (DEL PRIORE, 2000).

Del Priore (2000) explica que, no dia de São João, as moças executavam sortilégios com o desejo de encontrar um marido. Porém, essas eram denunciadas ao Santo Ofício, em razão da não aceitação de ritos que remetessem à magia negra ou à magia branca. Em vista disso, “por mais que se existisse uma fé pagã, um sincretismo do povo, a instituição combatia essas manifestações classificando-as de heréticas” (BONJARDIM e ALMEIDA, 2015, p. 116).

A dança tornou-se elementar nas comemorações, ao ponto da igreja consentir que os índios e negros dançassem, afirmando que essa expressão corporal é um dos modos de bendizer a Deus (DEL PRIORE, 2000). Chianca (2013) acrescenta a esse

panorama as valsas, mazurcas, gavottes e quadrilhas, as quais foram dançadas, inicialmente, nos salões ricos da corte durante o ano inteiro nas cidades de Salvador, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro.

Por intermédio das festas, a cidade reencontra sua função primordial como momento de encontro de sujeitos (LEFEBVRE, 2001). Dessa forma, “a festa constitui-se em uma forma de linguagem por meio da qual culturas diferentes podiam comunicar-se” (MORIGI, 2007, p. 34), assim sendo, com o passar dos anos, as famílias portuguesas, demais colonizadores, negros e indígenas foram adicionando elementos e símbolos às festas juninas.

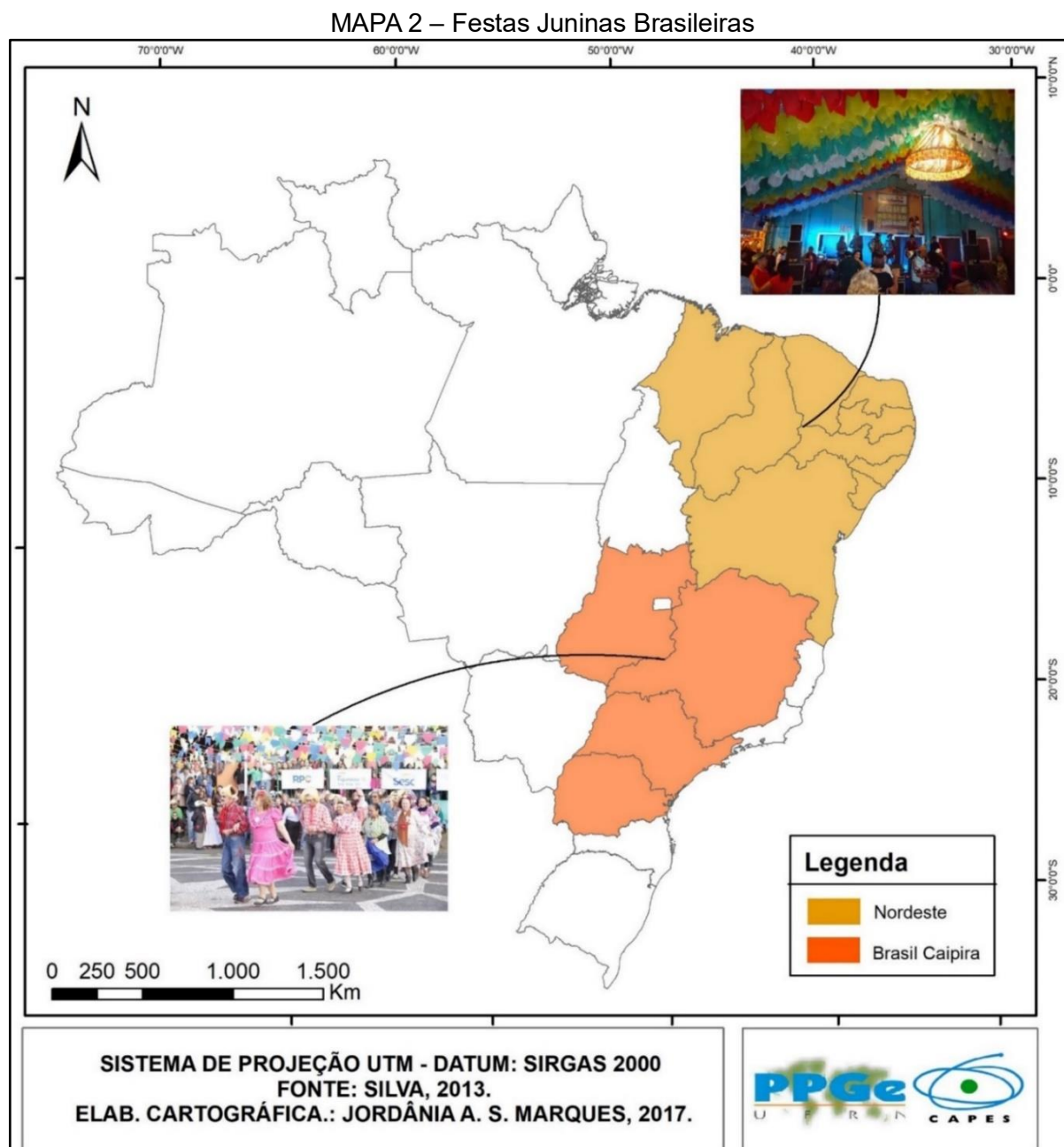
Após a proclamação da república, alguns hábitos do período imperial passaram a ser negado por barões e burgueses (CHIANCA, 2013). Nesse cenário de rejeição, as festas juninas distanciam-se dos grandes centros, são introduzidas pelo mais pobres em diversas partes do país, intensificando hábitos antecedentes e, simultaneamente, agregando particularidades dos lugares (MORIGI, 2007). Desse modo, Silva (2013) segmenta as festas juninas brasileiras em duas: as do Nordeste e as caipiras em São Paulo, Norte do Paraná, Sul de Minas Gerais e Goiás (mapa 2).

As festas juninas nordestinas “são eventos predominantemente profano, mas que têm sua origem em elementos do sagrado, reinventados pela cultura popular e redesenhados no espaço urbano” (CASTRO, 2012, p. 51). Portanto, essa manifestação cultural se embasa na ruralidade, na seca, na religiosidade e na tradicionalidade. Para isso, se constrói uma concepção de que nessa região transcorre a verídica cultura nacional matriz (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013), atribuindo-se pureza as manifestações populares das classes socioeconomicamente desprovidas (DOZENA, 2009).

[...] As elites agrárias ou seus descendentes citadinos vão descobrir no camponês ou no artesão, seus semelhantes, seus aliados na defesa de um modo de vida, de uma cultura, de uma forma de organização social que estariam ameaçados pelas transformações trazidas pela nova organização social, onde prevaleciam a cidade, a indústria e o comércio (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 59).

Destarte, demonstrava-se zelo pela “cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo” (HALL, 2008, p. 232). Em função disso, cria-se a noção de cultura nordestina,

embasada “nas manifestações culturais das camadas populares, memórias, ícones, formas e matérias de expressão que remetem ao país e à sociedade dos tempos do império” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 57-58).



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Todavia, mesmo tendo sido calcada no mundo rural, é na cidade e em razão dela que ocorre a proeminência da tradição, compreendo-a equivocadamente como algo obsoleto e antiquado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; HALL, 2008). Nesse contexto, Albuquerque Júnior (2013), nos leva a pensar sobre o modo de pesquisar



na área cultural, buscando não nos instruir numa concepção cristalizada e verdadeira de cultura, mas, tendo nitidez de que

[...] em qualquer época e espaço, é marcado pelas misturas, pelas mestiçagens, pelos hibridismos, pelos amálgamas, pela circulação, pelo fluxo multidirecional das matérias e formas de expressão. Nada no campo cultural garante a preservação da identidade, pois ele é presidido pela criatividade, pela capacidade humana de criar símbolo, linguagens e sentidos vários e diversificados, ele é presidido pela diferenciação, pela proliferação barroca dos significados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 230).

Diante de um Nordeste imagetivamente criado pelo regionalismo, ergue-se a festa junina constituída por vários elementos e símbolos: fogueira, balões, bandeirolas multicolores, celebrações religiosas católicas, adivinhações, compadrios, comida típica regionais, quadrilhas e forró (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CHIANCA, 2013).

Dentre esses, a quadrilha é considerada como um grande ícone da festividade, uma vez que “nenhum possui a sua substância, peculiaridade e especificidades; ela é, definitivamente, o seu grande símbolo, de tal sorte que não existe festa junina sem participação de quadrilhas juninas” (LIMA, 2008, p. 113). Elas saem das festas dos ricos e são arraigadas pela população afastada dos grandes centros, sua retomada nas grandes cidades ocorrem por meio do processo migratório<sup>10</sup> nos anos de 1950 (CHIANCA, 2013).

As quadrilhas tradicionais são novas reproduções da dança de origem nobre, em que “duas filas de casais matutos se alinham frente a frente seguindo as ordens do animador da quadrilha (ou ‘puxador’), em passos pré-estabelecidos e fazendo uma sequência de passos ensaiados antecipadamente ou não” (CHIANCA, 2013, p. 77-78). Estas são apontadas como do interior, associada à festa junina e ao migrante, sendo esse último caricaturado de modo depreciativo e sem requinte, mediante suas vestimentas simples.

---

<sup>10</sup> As secas também impulsionaram a reorganização da população brasileira, principalmente a economicamente ativa, ao induzir, de forma orientada ou não, os fluxos migratórios para os centros urbanos, especialmente os de âmbito nacional (São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) e para as fronteiras agrícolas da região Norte e Centro-oeste, até então carentes de mão de obra. Não obstante, merece destaque a reorganização socioespacial no interior do Nordeste, em razão das migrações rurais-urbanas, principalmente para as capitais estaduais” (OLÍMPIO, 2017, p. 24).

A nostalgia propositada pelo forró foi incorporada como essência das festas juninas nordestinas, sobretudo, a partir do “Estouro do Baião”, em 1946, momento de transição no processo de modernização da música popular brasileira, quando o pernambucano Luiz Gonzaga juntamente com Humberto Teixeira criaram um gênero musical regional, composto pelos seguintes instrumentos musicais: a sanfona, o triângulo e a zambumba, associados a letras marcadas pela seca, migração, proteção divina, relação do homem com a terra, contraposições entre Nordeste e Sudeste e as festas juninas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001; SEVERIANO, 2008; CHIANCA, 2013; COSTA, 2012).

Albuquerque Júnior (2001) acrescenta ainda que Gonzaga compõe uma imagem de nordestino via sotaque e vocábulos utilizados, vestuários de indumentária da proteção de vaqueiros e chapéu de cangaceiro. Para ascensão desse novo ritmo, foi de suma relevância o rádio, tal como o estímulo do estado e setores instruídos do país, ambos visando a nacionalização da música brasileira (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001; COSTA, 2012).

A partir da década de 1980, as festas juninas vêm se adequando e se instalando nas cidades pequenas, médias e em espaços metropolitanos, envolvidas numa perspectiva mercantilizada, com sustentáculos na ruralidade, religiosidade e tradição festiva, em harmonia com o modo de vida urbano. Para tal, tornou-se elementar a divulgação da mídia (BEZERRA, 2006; CASTRO, 2012; CHIANCA, 2013).

Esse processo de espetacularização se situa nesse momento histórico da dinâmica capitalista em que o uso da imagem e a intensificação do consumo assume uma centralidade, estando intrinsecamente relacionados, pois a aceleração do tempo de giro na produção tem acelerado também as trocas e o consumo. Nesse contexto dominar ou intervir ativamente na produção da volatilidade envolve a manipulação do gosto e da opinião (BEZERRA, 2006, p. 55-56).

Sob esse panorama, Castro (2012), com base nas postulações de Deleuze e Guattari (1997;1992), alude que, atualmente, as festas no espaço urbano passam por um processo de “estriamento engendrado por ‘máquinas’ de cooptação e ‘máquinas’ de normatização e racionalização, tanto estatais quanto privadas, que conservaram alguns elementos relevantes das festas tradicionais e acrescentaram outros elementos e processos” (CASTRO, 2012, p. 44).

Nesse cenário, os administradores públicos e empresariais concebem a cidade do ponto de vista da reprodução econômica e comercial, colocando-a como

mercadoria para deterem dinheiro por intermédio do consumismo, turismo e indústrias culturais, tendo como “plano de fundo” uma política de desenvolvimento urbano que visa proporcionar uma boa imagem urbana e crescimento econômico (CARLOS, 2007; GRAVARI-BARBAS 2011; HARVEY, 2011).

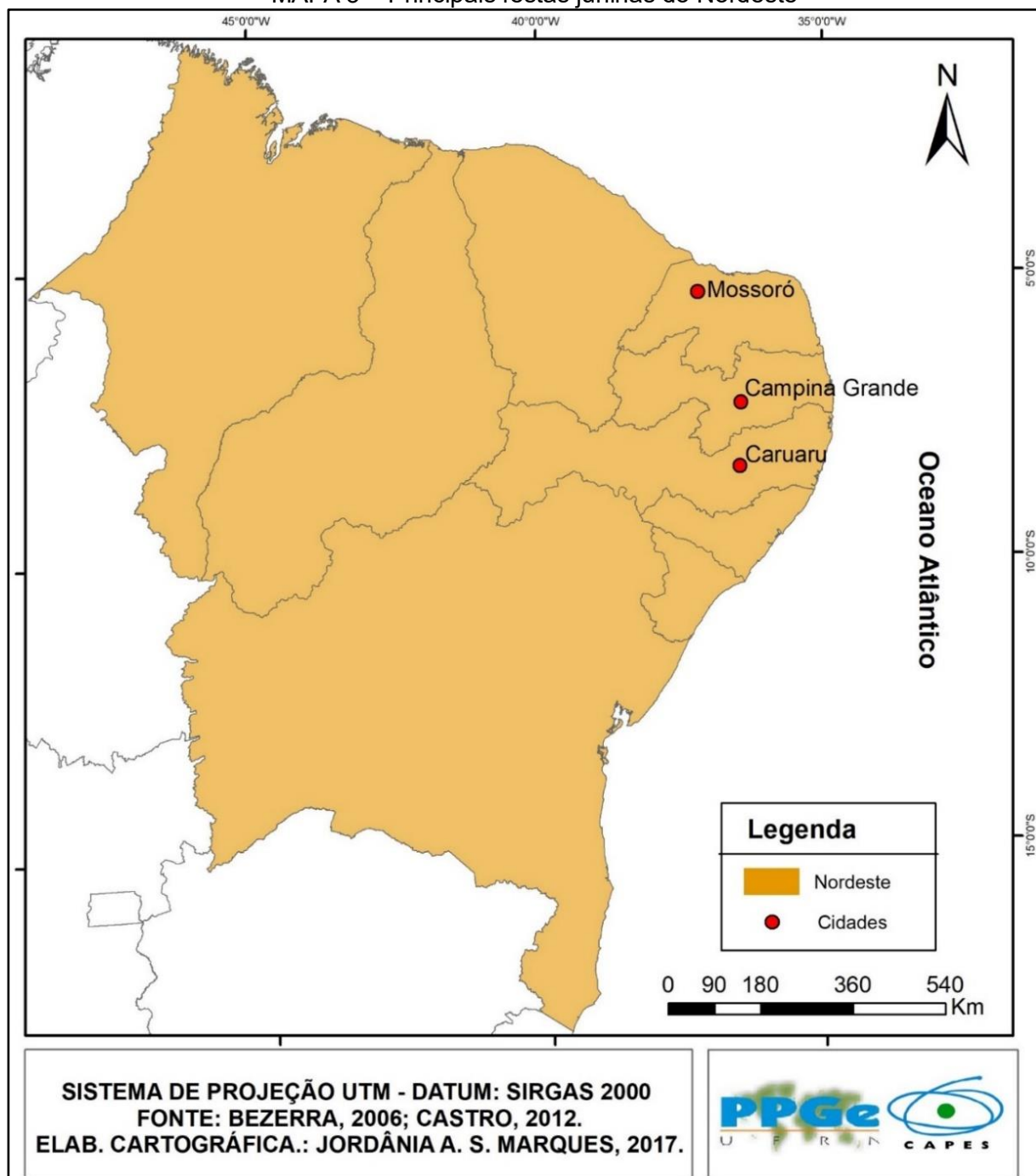
Destarte, a cultura na modernidade líquida passa a ser tratada enquanto um produto (festa), logo, existe a necessidade de seduzir seus clientes (festeiros), e para tal, ela passa por constantes e aceleradas reinvenções (BAUMAN, 2013). Para a formação dessa personificação urbana, as administrações públicas e privadas investem no *marketing* turístico urbano, isto é:

No emprego de ações, estratégias de análise, planejamento, execução e controle dos processos que ocorrem num determinado território, objetivando atender às necessidade e expectativas de moradores, turísticas e empresas e contribuir para a melhorar a competitividade da localidade no seu ambiente concorrencial (BESSA E ÁLVARES, 2014, p. 59-60).

Dessa maneira, os autores acima apontados reiteram que o *marketing* recorre aos acontecimentos históricos antepassados e contemporâneos, valores, personalidades nacionais, regionais e locais, da mesma maneira aos estereótipos. Nesse âmbito, as cidades, abrigam uma cultura de massa e uma cultura popular, a primeira refere-se à busca pela uniformização e indiferenciação das culturas, já a segunda, alude às culturas pertinentes ao local em que se vive, ou seja, efetivamente onde o homem constitui relações simbólicas com o seu meio, todavia, ambas, “colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem, num jogo dialético sem-fim” (SANTOS, 2006, p. 396). Assim, se compreende que a festa Junina é uma manifestação da cultura popular que, embora traga elementos do lugar, encontra-se englobado a lógicas impostas pela cultura de massa.

Em vista disso, algumas comemorações juninas são empregadas como tática de geração de renda e para a eminência das cidades na dinâmica turística do Nordeste, a exemplo das cidades de porte médio do semiárido apontadas como médias: Mossoró, no oeste do Rio Grande do Norte, exibida como “Cidade Junina do Brasil”, Campina Grande, com “O maior São João do mundo”, e Caruaru, através da “Capital do Forró”, no agreste da Paraíba e do Pernambuco, respectivamente (Mapa 3) (BEZERRA, 2006; CASTRO, 2012).

MAPA 3 – Principais festas juninas do Nordeste



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Todavia, a atribuição mercadológica que envolve as festas juninas não remove ou dizima outras apropriações territoriais nas cidades, ao contrário, essas coexistem e estão justapostas (DOZENA, 2009; FERNANDES, 2003; MARQUES E BRANDÃO, 2015). Seja na particularidade da garagem da casa, na calçada da rua, nas igrejas, nos espaços públicos e nas sedes dos eventos direcionadas ao turismo, se procedem

ocasiões de “encontro, reencontro, do conagraamento, da celebração, das possibilidades de novas sociabilidades” (CASTRO, 2012, p. 310).

### **3.1 FLUXO MIGRATÓRIO E A ASCENSÃO DA FESTA JUNINA EM CAMPINA GRANDE**

Morigi (2001) assegura veementemente que as festas juninas se instaram no Nordeste na área rural do município estudado, levando-nos a algumas indagações: como registrar o surgimento de uma comemoração que ocorre desde o período colônia? Quais as fontes históricas o fundamentam? Ao nosso ver, essa declaração é, no mínimo, audaciosa, dado que as festividades juninas se dissipam em diferentes parcelas do território brasileiro, antes mesmo de existir o Nordeste como uma região geográfica<sup>11</sup>.

Em Campina Grande, as festas juninas se iniciam no campo, designadas para comemorar a safra agrícola, em especial do milho, sendo esse o ingrediente principal das comidas produzidas na época. Confraternizando-se entre amigos e familiares, ocorrendo o descolamento de festeiros das cidades e vilas para as fazendas e pequenas propriedade rurais, realizando quadrilhas, adivinhações alusivas ao futuro (a) esposo/esposa, bem como soltando fogos e balões (LIMA, 2008; MORIGI, 2007).

Ao final do século XIX e primórdios do século XX, Campina Grande tornou-se um importante espaço socioeconômico paraibano, por meio da “redefinição do eixo dos transportes e da consolidação da matriz comercial algodoeira” (OLIVEIRA, 2009, p. 12), dirigindo-se aos portos da Paraíba e de Pernambuco com destino ao mercado Europeu e Americano (LACERDA JÚNIOR e LIRA, 2012).

No entanto, com o declínio da economia do “ouro branco”, adjunto ao desenvolvimento dos setores industriais e à estiagem na década de 1940, acrescido ao envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma repercussão no mercado de trabalho e na produção de alimentos no país, atingindo principalmente a

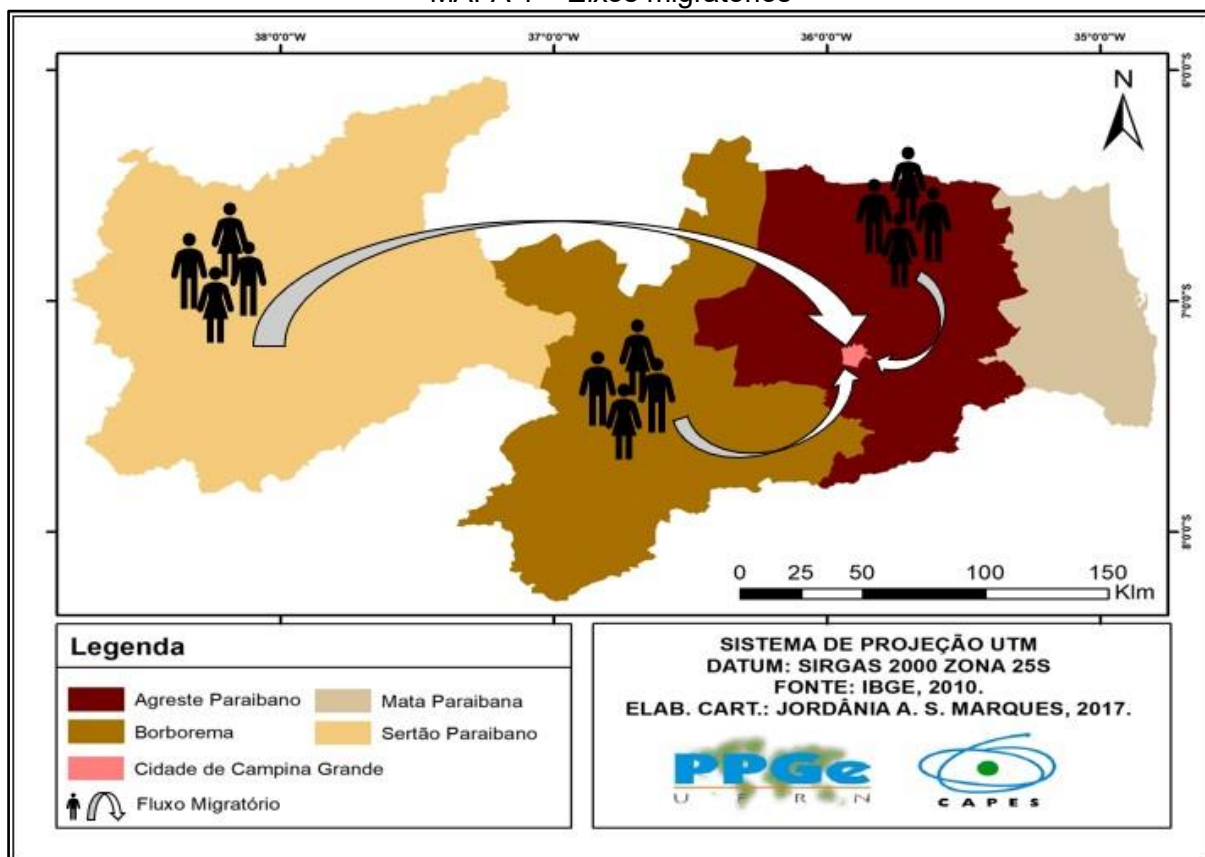
---

<sup>11</sup> O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de encontros que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e escorreu sobre esse território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 66).

população pobre das cidades e os habitantes do campo, culminando no processo de êxodo rural (EULÁLIO, 2014).

Agregam-se a essa conjuntura as baixas precipitações pluviométricas em 1942, 1951-1953 e 1958, reverberando nos fluxos migratórios provenientes das mesorregiões do Agreste, Borborema e Sertão paraibano, atraídos pelas oportunidades de emprego que a cidade disponibilizava em virtude dos setores industriais (Mapa 4) (EULÁLIO, 2014).

MAPA 4 – Eixos migratórios

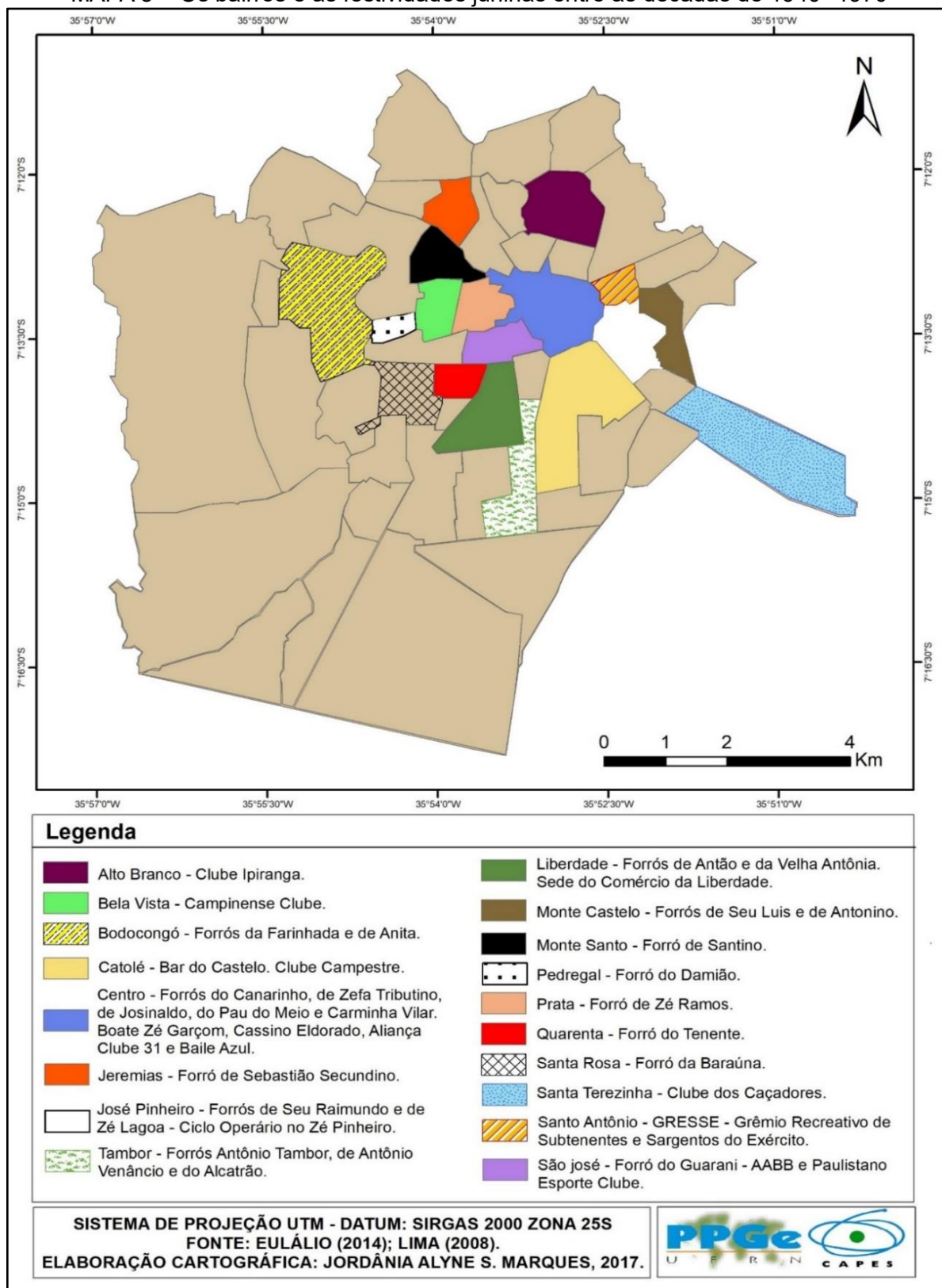


FONTE: Jordania Alyn Santos Marques (2017).

Ao se estabelecerem nas áreas periféricas de Campina Grande, os migrantes organizavam as festividades juninas, a princípio, nas residências, e *a posteriori*, nas ruas, de modo que os principais impulsionadores dessas comemorações eram o acendimento das fogueiras ao anoitecer dos dias de Santo Antônio e São João, servindo para acalorar-se em virtude das temperaturas amenas, característica do mês de junho, e também para assar batatas e milho verde para se alimentarem (MORIGI, 2007).

Entre as décadas de 1940 e 1970, as festas juninas campinenses se difundiram por clubes, associações, bares e festas de bairros (Mapa 5).

MAPA 5 – Os bairros e as festividades juninas entre as décadas de 1940 -1970



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Praticava-se brincadeiras diversas, presságios, balões enfeitavam o céu e rojões eram soltados. Inclui-se ainda o forró, haja visto que ele, enquanto um ritmo musical e prática dançante, reaviva as lembranças do campo.

A dança de forró varia de acordo com os gêneros musicais que o compõe. O baião e o coco, por exemplo, possuem semelhança ao lundu africano dançado em roda, um participante intimava os outros presentes a dançar por meio de umbigadas. Diferenciando-as na rapidez das batidas e consequentemente das umbigadas. O xote, por sua vez, é dançado semelhante as danças dos salões aristocrático do período regencial. O xaxado provém do som feito dos sapatos no chão ao se dançar. Dança surgida no sertão do nordeste difundida pelo movimento popular dos cangaceiros. E por fim, as quadrilhas juninas influenciadas pela tradição europeia do culto ao fogo, no Brasil, a Igreja Católica adaptou as quadrilhas juninas como dança de natureza rural em homenagem ao santo São João e pela colheita do milho e do feijão. Arrastando o pé num ritmo mais acelerado, compunham a dança das quadrilhas juninas (EULÁLIO, 2013, p.104-105).

É útil destacarmos que o forró fazia parte da dinâmica dos bairros durante todo o ano, em razão da carência de opções de lazer nessas áreas periféricas (EULÁLIO, 2014; MORIGI, 2007). Posteriormente, nos Clubes Ipiranga, Campestre, Aliança e Caçadores, associações, boates e Cassino Eldorado, por exemplo, promoviam festejos nas noites dos santos juninos, havendo concorrência entre esses na contratação dos melhores artistas da região (EULÁLIO, 2014; LIMA, 2008; MORIGI, 2007).

Nos pátios dos clubes, acendia-se a fogueira. Havia mesas e cadeiras ao seu redor, onde as pessoas, entre elas, muitos casais de namorados, se sentavam para conversar, beber ou comer alguma coisa. Havia uma transitoriedade de pessoas que participavam do baile, formando uma circularidade do salão para o pátio, motivo pelo qual os bailes realizados durante esses dias eram conhecidos popularmente, como forró entra e sai (MORIGI, 2007, p. 47).

As quadrilhas juninas despontaram como essenciais no contexto das festividades juninas no urbano, em razão de serem propulsoras de sociabilidade, e “durante a festa todos desejam se tornar matutos” (CHIANCA, 2013, p. 53). Em 1964 é datado a primeira quadrilha junina infantil no ambiente escolar campinense “no Colégio Stellita Cruz, atualmente, Colégio Santa Cruz” (LIMA, 2008, p. 36), localizada no centro da cidade. Logo após, em 1971, é registrada a criação de uma quadrilha na Rua da Floresta, essa fomentará a expansão e multiplicação pela cidade de Campina Grande (LIMA, 2008).



Esse período ficará marcado na memória<sup>12</sup> de muitos jovens daquela geração, conforme o relato abaixo.

As festas eram maravilhosas, ocorriam nas ruas bem arrumadas com palhas de coco, tinham apresentações das quadrilhas matutas com as próprias pessoas da comunidade e depois o forró, nessa época não era prefeitura que organizava, a comunidade tinha gosto em fazer. Cada setor tinha as quadrilhas de crianças, jovens e de adultos, fazia-se comidas típicas, os sanfoneiros da localidade tocavam e o som era propagado na difusora, estou falando do ano de 1977, adorava dançar (Maria -Entrevista concedida em 24/06/2017).

Ao narrar suas experiências nas festas juninas de outrora, se “reinterpreta sua trajetória, fazendo-o de forma racional e emotiva” (GAMALHO, 2016, p. 42).

Dessa maneira, são postas relações territoriais, seja do ponto de vista da materialidade, ao explicar como a rua era paramentada e o fluxos de sujeitos entre as comunidades (bairros) nos dias delimitados, como também por intermédio da construção de significados, melhor dizendo, com a concepção de lugar.

Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas. Não se podem desenhar nem planejar deliberadamente, com a mínima garantia de êxito, as ocasiões de troca genuína de intimidade (TUAN, 1986, p. 156).

Em anuência com o pensamento do autor acima, ponderamos que, de fato, as experiências vivenciadas pelos sujeitos em um dado lugar não são transferíveis de uma pessoa para outra, não se consegue esmiuçar o que os mecanismos perceptivos captaram e internalizaram. Efetuamos relações com os fatos ocorridos porque idealizamos “uma presença mágica, a um objeto ausente” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 35), via novas interpretações, segundo Michell *et al.* (2016), as palavras embasam

---

<sup>12</sup> “Com exceção de alguns casos patológicos, todo indivíduo é dotado dessa faculdade que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa” (CANDAU, 2016, p. 21). Do ponto de vista da abordagem cultural em geografia ela é “um dos agentes que determina a crescente complexidade da paisagem, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Nas pedras, nas dobras e no simples caminhar do viajante se deposita uma infinidade de histórias, que, por um lado, compõe a paisagem, tal como se apresenta fisicamente, e, por outro, gera uma diversidade causada por essa multiplicidade de leituras (VERDUM ET AL, 2016, p. 213).

uma experiência e possibilita outra, tal como o desenho abaixo, produzido com base no relato de Maria (Figura 1).

FIGURA 1 – Festas juninas de rua em 1977



FONTE: Allexandre Gomes (2017).

O desenho acima, feito por um festeiro, a princípio, apresenta algumas das paisagens de memórias, que quer dizer “experiências pessoais, histórias vividas e compartilhadas pelos indivíduos, que se apoiam nas memórias dos outros para manterem vivas as suas próprias” (TORRES, 2016a, p. 198), relatadas por Maria, com representações de casas, palhas de coco, comidas feitas de milho e três dançarinos de quadrilhas juninas. Em vista disso, o desenhista elabora paisagens da imaginação que são “elementos idealizados, construídos principalmente a partir de elementos que se aproximem da paisagem idealizada, com base nas experiências do indivíduo”, destaca-se as ruas das áreas periféricas de Campina Grande em 1977 desprovidas de pavimentação e rede elétrica, note também que as casas não se diferenciavam muito sobre a ótica arquitetônica, suas fachadas são pintadas em cores fortes, bem como, é passível de ser visto as estrelas no céu limpo da cidade.

De acordo com Lima (2008), o grande contingente de quadrilhas pelas ruas da cidade levou o Jornal da Paraíba, em cooperação com grupo São Braz, a criar o primeiro concurso em 1976, com a intencionalidade de estimular a atuação na dança, recebendo como recompensa troféus, além de sonorização e iluminação para suas apresentações. Sendo o pontapé para a idealização do “Projeto Junino”, transformando a festa em “um grande espetáculo turístico, cujo carro chefe, em termos de atrações, passam a ser as exhibições das quadrilhas juninas nos palcos da festa” (LIMA, 2008, p.11).

### **3.2 DO PROJETO JUNINO AO PARQUE DO POVO: A CRIAÇÃO DE UM TERRITÓRIO PROFISSIONALIZADO**

O governo municipal, via Assessoria de Recreação e Cultura do Município (ARC) e a Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema (EMDEB), em 1976, vislumbrando coordenar e concentrar espacialmente a festa junina no sítio urbano de Campina Grande, cria dois locais destinados para esse fim, passando a requerer das quadrilhas juninas e barraqueiros um credenciamento prévio para a sua participação, a fim de organizar os eventos, em consonância com o trecho a seguir:

[...] monta um “arraial junino”, com cinco barracas de comidas típicas e palco para apresentação de shows musicais e quadrilhas juninas no Pátio da Estação Velha, localizado no Centro Turístico Cristiano Lauritzem, no centro da cidade e outro, no Parque do Açude Novo, também no centro da cidade (...) A ideia básica dos órgãos ligados a Prefeitura Municipal, como a ARC e a EMDEB, é a de utilizar os próprios recursos de que a cidade já dispunha para festejar a festa junina, até então dispersa em diversos setores da cidade e unificá-los em dois novos espaços (LIMA, 2008, p. 41).

Nesse período, participavam das comemorações as escolas de ensino básico municipal e privada, as sociedades de amigos de bairro e os moradores da cidade de modo geral (LIMA, 2008).

O então gestor municipal, Enivaldo Ribeiro, em 1982, desapropriou uma grande área nas adjacências do Açude Novo para a instalação do Centro Cultural Lourdes Ramalho (o local era denominado popularmente como “Coqueiro de Zé Rodrigues”), mas boa parte do terreno ficou inocupado, de tal modo, que no ano de 1983, o prefeito Ronaldo Cunha Lima construiu o “Palhoção” (Figura 2), para sediar as comemorações

juninas, nomeada de “Maior São João do País”, com uma infraestrutura simples (LIMA, 2008; MORIGI, 2007).

O chão onde as pessoas dançavam era de terra batida. Quando estava seco, levantava uma nuvem de pó e quando chovia era uma lama só. Mas isso, segundo eles, pouco, importava, pois todos queriam mesmo era dançar. Como atrações, havia dezenas de quadrilhas de bairros que levavam os nomes dos bairros e das ruas e inscreviam-se para participar da festa. Além disso, havia casamento matuto, desfile de carroças, corrida da fogueira. Os clubes também realizavam seus bailes, os “forrós entra e sai”, e traziam para animar as noites nomes consagrados da música regional e nacional. Durante esse período, era registrado um sensível aumento das vendas do comércio, principalmente tecidos, confecções, calçados e fogos. O sucesso do primeiro ano garantiu a continuidade da festa nos anos seguintes (MORIGI, 2007, p. 47).

FIGURA 2 – Palhoção em 1983



FONTE: Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10/05/2016.

O período histórico acima aludido, registrado por meio da fotografia, “permite reingressar numa série de fatos ou acontecimentos vivenciados por grupos sociais em um determinado espaço e tempo” (MELO, 2008, p. 79). Nesse sentido, ela não é uma mera ilustração, nos oportuniza que façamos confabulações com narrativas de memórias.

Lembro-me com imensa saudade das antigas festas aqui de Campina Grande, das músicas de Jackson do Pandeiro, Elino Julião, Zico Borborema, Genival Lacerda, Antônio Barros e lógico o Luiz Gonzaga, das fogueiras, das quadrilhas, era tanta animação, a gente comia milho assado, e gritando viva São João!! Tudo isso só me alega boas recordações, isso jamais negarei, alegrias eu tinha, tínhamos poucos para usar, pouco calçado, roupas, mesmo assim íamos com nossos chapéus de palhas para as palhoças e todo mundo se divertia (Luís - Entrevista concedida em 23/06/2016).

Minhas maiores e melhores lembranças são de quando era a palhoça, o chão era de barro, coberto por palhas de coqueiros, era bom demais, só tinha forró autêntico, o chamado pé-de-serra, além do mais tinha muita canjica, pamonha, quentão, milho assado, bolo pé-de-moleque e muitas outras comidas regionais (Victor - Entrevista concedida em 24/06/2017).

Eu e meus amigos ficávamos a noite todinha nas quadrilhas, lá era bem diferente da estrutura de hoje, era já no final da década de setenta, tinha somente a palhoça e somente depois construíram pirâmide, hoje está bem grande e diferente (Manuel- Entrevista concedida em 25/06/2017).

Nas narrações dos festeiros, nos deparamos com uma cartografia cognitiva ou mental, sendo ela constituída de “imagens do ambiente guardadas na mente das pessoas” (SEEMANN, 2003, p.9), marcada por “encontros e desencontros” (GAMALHO, 2016, p. 38).

Nas confluências dessa representação do ambiente festivo, recorrendo à experiência corporal, que é “a base de toda sensação e percepção e, conseqüentemente, de toda imaginação e memória simbólica” (TORRES, 2016a, p. 196), evidencia-se a espontaneidade do Palhoção e de suas vestimentas. Igualmente, cita-se com saudosismo as paisagens sonoras, isto é, “elementos comunicativos, como a fala humana e elementos artísticos sonoros, como as músicas” (TORRES, 2016b, p. 182).

Essas últimas são associadas às alegrias experimentadas nas festas juninas em tempos de outrora. Além disso, no transcorrer de nossa conversa, os senhores aludiram que, em virtude de serem originários do campo, as canções que são cheias de reminiscências do cotidiano na adolescência e infância, nessa acepção:

As músicas contribuem para a criação de uma ligação emotiva e humana com os lugares, além de demarcarem corporeidades, territorialidades e relações sócio-espaciais; sendo produzidas a partir de estímulos colocados pelos lugares e por isso mesmo evidenciando o sentido desses lugares (DOZENA, 2009, p.187).

Em 1984 a festividade passa a associar-se de fato à lógica turística, passando a ser denominada como “O maior São João do Mundo”, manifestando interesses econômicos das elites locais<sup>13</sup>.

A indústria do turismo, a chamada “indústria sem chaminés”, surge como uma alternativa econômica para o município que, principalmente a partir da década de 1980, assiste a um contínuo declínio econômico, após a perda de sua autonomia, principalmente de polo centralizador de comércio no interior do estado da Paraíba e até mesmo da região Nordeste. Com esta crise no setor econômico, a festa surge como uma promissora alternativa; neste sentido, ela passa a adquirir um sentido ímpar: é inventada para instituir na cidade o chamado turismo de eventos. Ou seja, em substituição à antiga “vocação” da cidade que era o comércio, a cidade passa a investir no comércio da festa junina (LIMA, 2008, p. 30-31).

Nos anos posteriores, a festividade passou a compor o calendário do Instituto Brasileiro de Turismo, transformando-se na principal imagem de cidade, a partir do destaque dado ao folclore e tradições locais (LIMA, 2008). Mas, foi no ano 1986 que o local passou a deter de uma melhor infraestrutura, transformando-se no Forr  dromo com a construção da pirâmide (Figura 3).

FIGURA 3 – Construção da Pirâmide- Forr  dromo



FONTE: cgretalhos.blogspot.com.br/, acesso em 10 de maio de 2016.

<sup>13</sup> Para mais detalhes sobre as condições históricas que possibilitaram a construção das festas em Campina Grande, recomendamos a leitura do seguinte trabalho: SANTOS, Wagner Germiniano dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura. 1965-2002.** 233 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2008.

Ao construir o Parque do Povo, Ronaldo Cunha Lima utilizou estratégias discursivas por meio da mídia, objetivando impulsionar a economia da cidade e construir uma identidade campinense com o “Maior São João do Mundo”, além de utilizá-lo politicamente:

[...] a festa passa a ser usada em Campina Grande como o objeto de metamorfosear o político em festa e a política em espetáculo. De forma que a figura do político é construída pela festa por ele gestada, de maneira que não seja mais possível separar o evento de seu idealizador, com a festa se constituindo como um excelente palco de disputas e definições de papéis políticos (SANTOS, 2008, p. 86).

Sendo a festa um “legado” dessa família, os trinta dias de festa são esperados com muita ansiedade, já que o momento é propício para a comunicação com o seu eleitorado:

A política, assim, nos “tempos da sociedade do espetáculo”, utiliza amplamente o espaço da festa urbana para estabelecer uma comunicação com o público eleitor e transmitir suas mensagens, seja deles se aproximando, com todo um conjunto de discursos que apontam para a sua identidade com a festa, reivindicando o seu papel de gestor, seja aproveitando o espaço para criticar os opositores, classificando-os como ante festeiro e até “inimigos do povo”. O espaço da festa junina, enfim, serve também de palco para o acirramento das disputas políticas e para a construção de figuras políticas (LIMA, 2008, p. 143).

Gradativamente, a festa passa a ganhar visibilidade e uma maior projeção na escala nacional, sendo fundamental o papel desempenhado pelas mídias, com ênfase na Rede Globo de Televisão, com transmissões ao vivo, diretamente do Parque do Povo. Com isso, um maior contingente de visitantes oriundos das várias regiões do Brasil, assim como de outros países, se deslocam com destino a Campina Grande. Considerando-se o valor econômico agregado à comemoração, várias empresas de distintos ramos passam a interessar-se pela festa, buscando vender seus produtos (LIMA, 2008, MARINHO, 2013; MORIGI, 2007).

Isto posto, a cada edição do São João, se sucede a decoração, danças, comidas, músicas e fogos de artifícios que estão atreladas a uma ruralidade, religiosidade e identidade nordestina, já relacionada anteriormente. Todavia, no desenrolar dos anos, ocorrem rupturas no tocante a cenários da festa, com a inclusão de reproduções de prédios importantes para a história de Campina Grande, remetendo ao final do século XIX, como também o aumento no número de barracas,

restaurantes, exposição de *slogans* dos patrocinadores e camarotes. Esse acréscimo de estabelecimentos gastronômicos causou inclusão de alimentos não tão comuns de ser consumidos nas festas juninas, tendo como exemplo a pizza (MARINHO, 2013; MORIGI, 2007).

Acerca da música, tem-se a inclusão do forró eletrônico, o qual, de acordo com Chianca (2013), é um gênero musical embasado na vida urbana que surge no final da década de 1980. Para isto, tem-se a inclusão de novos instrumentos musicais e novas composições, “um jovem forró que pouco a pouco vai se modernizando e adquirindo elementos de outros gêneros da cultura pop” (COSTA, 2012, p. 132).

O autor supracitado enfatiza que as alterações decorreram a necessidade de uma melhor sonorização e espaço físico para as apresentações. As roupas não remetem mais ao cangaceiro ou vaqueiro. Nessa “nova fase as mulheres aderem a um vestuário muito mais sensual e os homens a estilos urbanizados, inclusive muitos com o cabelo longo” (COSTA, 2012, p. 133).

É sobretudo na década de 1990, no Ceará, que ocorre o “bum” da formação de bandas de forrós eletrônico<sup>14</sup>, sendo a Banda Matruz com Leite a protagonista desse novo jeito de se fazer forró (COSTA, 2012). A segunda geração, a exemplo da banda Aviões do Forró e Garota Safada, investem “em grandes espetáculos introduzidos por novas práticas visuais, sonoras, coreográficas e comerciais. Suas particularidades reconhecidas se davam pelo romantismo misturado na sensualidade e malícia (MAGALHÃES, 2016, p. 51).

Seguindo a lógica da resignificação da festa, surge a quadrilha estilizada com coreografias mais elaboradas, enredos, roupas com bons tecidos, lantejoulas, paetês, rendas, maquiagem bem feita, sapatos, acessórios de cabelo, como nos diz Chianca (2013, p. 14): “inclusive na postura corporal dos dançarinos e no recurso a elementos estéticos provenientes da Europa e da América, formando um conjunto que sintetiza uma ruralidade vestimentar luxuosa e autovalorizante”. Com essa profissionalização das quadrilhas, ocorrerem mobilizações de diversos profissionais, a exemplo de

---

<sup>14</sup>Para mais detalhes sobre esse gênero musical, recomendamos a leitura dos seguintes trabalhos: COSTA, Jean H. **Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2012.

MAGALHÃES, Kermesson Carlos do Nascimento. **Performatização de gosto e rastros de sociabilidades virtuais entre os fãs do forró eletrônico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, 2016.



costureiros, estilistas, músicos, iluminadores e sonoplastas. É válido salientar que as quadrilhas passam a competir em concursos/festivais em nível local, estadual e nacional, recebendo críticas de “jornalistas, folcloristas, intelectuais e demais autoridades ‘cultas da cidade’” (CHIANCA, 2013, p. 83).

De acordo com Nóbrega (2010), a religiosidade presente no Parque do Povo é discreta, em dadas edições se manifestava por meio das imagens dos santos juninos anexadas na pirâmide. Apesar disso, a partir 2008, se desejou resgatar a devoção ao santo que nomeia a festa:

Detalhe sugestivo e original do lugar foi o emprego de elementos da cultura nordestina nas mensagens de sentido religioso. No pequeno palco de apresentações musicais da Casa de São João, diferentes hinos de louvor receberam arranjos para serem tocados e cantados no ritmo do forró. Cordéis com temas e símbolos juninos foram criados para relatar a história dos santos, trazendo em sua contracapa os horários de missas a serem realizadas no local. Mas também houve a parte profana, composta pela gastronomia junina, comidas típicas servidas pela lanchonete do espaço, decorada a caráter (NÓBREGA, 2010, p. 120).

Nesse mesmo período, os evangélicos passam a participar da festividade, no largo do Centro Cultural Lourdes Ramalho, ao lado do Parque do Povo, com a criação do Cantinho da Paz, chamado mais tarde de Cantinho da Bênção, sob a coordenação do Pastor Luciano Breno, da Igreja Evangelho da Fé, “como opção alternativa cristã à do Parque do Povo, com a apresentação de bandas para louvar a Deus” (NÓBREGA, 2010, p. 124), os momentos de louvores aconteciam de segunda-feira à quarta-feira, já os cultos de quinta-feira à sexta-feira. Um jovem recém convertido nesse período (2008) ressalta que se deslocava em conjunto com os fiéis de sua igreja para lançar e prestigiar *shows* gospel, despertando maior interesse pelas bandas com estilo de pagode, em concórdia com o narrado abaixo:

Falavam que era um São João para os evangélicos para que não se misturassem com o pessoal que frequentavam o Parque do Povo (chamados na linguagem religiosa de ‘mundanos’). Esse local reunia em sua boa parte jovens que em momentos das “tentações” dos festejos juninos, se reuniam para louvar a Deus com vários estilos de música, danças e evangelismos. Lembro que o ritmo preferido da garotada era o axé gospel ou o pagode e que era comum a formação de vários grupos de louvor espalhados pelas várias denominações no intuito de tocarem no Cantinho da Bênção que abria espaço para as bandas locais (Robson - Entrevista concedida em 25/06/2017).

Todavia, esse local não era bem visto por uma parcela dos evangélicos da cidade, dado que alguns fiéis jovens justificavam sua saída de casa para irem adorar a Deus no Cantinho da Bênção, mas, na verdade, adentravam o Parque do Povo:

Os mais velhos viam essa possibilidade da “fuga” para o “mundo” (Parque do Povo) como uma consequência da proximidade com o local e isso gerou um preconceito para com o evento, que foi taxado como “evento mundano” e insinuando que os jovens só iriam para essas reuniões a fim de irem curtir o São João. A cada ano o cantinho ia crescendo apesar das críticas e reunindo vários jovens. Embora tenha sido necessário algumas modificações, foi implementado a “bandinha” bem famosa no lugar, assim como orações e pregações, jograis, e diversos tipos de artes, foram proibidos alguns tipos de dança. Com o passar do tempo o evento foi perdendo força, principalmente por falta de apoio e pelas críticas (Robson - Entrevista concedida em 25/06/2017).

Com passar dos anos, o caráter mercadológico da festa vem sendo acrescido, se amplia a venda de camarotes, barracas e quiosques dentro do Parque do Povo. Resultando na delimitação de territorialidades, tornando-se explícito a segregação sócioespacial, “o fator financeiro é que define quem melhor consome os espaços dela” (MARINHO, 2013, p. 30).

É cabível afirmar que essa arrecadação de dinheiro com a locação dos estabelecimentos comerciais, bem como a ausência de transparência no total arrecadado e utilizado dos patrocínios pela empresa responsável por captar recursos (Aliança Comunicação e Cultura), atrelado à promoção pessoal de autoridades políticas locais, fundamentaram o não financiamento da festa pelo Governo Federal, de acordo com o relatório dos fiscais do Ministério do Turismo – MTUR no ano de 2015.

As festividades juninas propulsam como o “décimo terceiro de Campina Grande”, tendo em vista a mobilização de trabalhos formais e informais, o impacto ocasionado no Produto Interno Bruto (PIB) municipal é de aproximadamente 250 milhões de reais. Já a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços (ICMS), chega a marca dos 200 milhões na economia da cidade (Entrevista concedida com o Secretário de Planejamento de Campina Grande em 09 de fevereiro de 2017).

Em 2016, para a realização das festividades do Parque do Povo, nos distritos de São José da Mata e Galante, assim como, na ajuda com a sonorização de algumas comemorações de bairros o investimento foi de 13 milhões de reais, tendo como

principal patrocinador a gestão municipal, com o valor de 8 milhões de reais. Todavia, essa também buscara obter outros recursos, e para tanto, realizou um processo licitatório objetivando captação de patrocínios (João - Entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2017).

A empresa vencedora foi a Aliança Comunicação e Cultural, a qual ganhou um percentual (não foi especificado na entrevista) do montante final dos patrocínios, captados em bancos, empresas do ramo alimentício, distribuidoras de bebidas, farmácias e bares. Sendo, uma das principais financiadoras do evento a AMBEV<sup>15</sup> (Companhia de Bebidas das Américas), custeando 2 milhões de reais. Para isso, a empresa exige a exclusividade de comercialização de seus produtos no Parque do Povo e nos Distritos de São João de Mata e Galante (Figura 4).

FIGURA 4 – Balões promocionais com marcas da Redepharma e Bar do Cuscuz



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

A imagem acima, capturada na Avenida Prefeito Severino Bezerra Cabral, principal via de entrada de Campina Grande, vindo da capital João Pessoa, evidencia

<sup>15</sup> Quinta maior cervejaria do mundo e a líder do mercado latino-americano com aproximadamente 70% do mercado de cervejas e 17% do segmento de refrigerantes, a AmBev produz, distribui e vende cerveja, refrigerantes e outros produtos não alcoólicos e não carbonatados em 14 Países das Américas. A Companhia é a maior engarrafadora da PepsiCo fora dos Estados Unidos. Fonte: <http://www.ambev.com.br/>

a visibilidade que as marcas dos produtos vendidos no Parque do Povo ganham em meio a paisagem urbana da cidade.

Por esse ângulo, a gestão municipal assevera que somente as empresas ganham com a festa junina:

É importante salientar que a captação é inferior as despesas da festa, logo, após o São João a prefeitura fica cambaleando para ajustar suas contas. Em linhas gerais a cidade ganha muito, a iniciativa privada fatura demais, mas o poder público paga por isso (João - Entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2017).

Sobre essa perspectiva, conforme informações advindas das reportagens de jornais locais, somente no início de janeiro de 2017 a prefeitura efetuou o pagamento de todos os artistas que se apresentaram no São João, totalizando 500 mil reais. A demora na quitação das pendências foi alvo de críticas em jornais, rádios e em publicações de cantores em redes sociais. Temístocles Cabral, o então coordenador do evento, justificou o atraso devido ao impasse burocrático entre a prefeitura e a empresa Aliança, captadora de recursos do evento, aliado às dificuldades financeiras enfrentadas pela gestão municipal.

Com relação ao apoio do governo estadual, o secretário negou qualquer tipo de patrocínio nos últimos quatros anos, conforme o trecho abaixo:

É lamentável o que ocorre aqui na Paraíba, tudo devido às divergências de ordem política partidária. Isso é tão sério que em 2013 se não me falha a memória, o governo estadual fez festas nos bairros com o ensejo de competir com o Parque do Povo, enfim, tudo isso é uma demonstração de poder. Olha, a CVC vendeu o São João via João Pessoa, você termina causando um impacto para além de Campina, o ICMS é arrecadado aqui e repassado para João Pessoa e por consequência para todo o estado. Portanto é uma festa estadual, que ajuda consideravelmente o PIB estadual (João - Entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2017).

A CVC é uma das maiores agências de turismo da América Latina, atendendo ao perfil de classe média e alta em todo o Brasil, com a venda de pacotes turísticos (passagens aéreas, hotéis e *resorts*, carros e intercâmbios). No Nordeste, a empresa dá maior ênfase ao turismo de mar e sol. No entanto, essa empresa também vende a “tradição junina”, tendo como porta de entradas as quadrilhas juninas estilizadas (Figura 5).

FIGURA 5- Divulgação turística do São João de Campina Grande



FONTE: <http://pmcg.org.br/prefeitura-fecha-parceria-com-a-cvc-para-divulgar-o-maior-sao-joao-do-mundo/>.

Embasado no discurso de dificuldades financeira do município, em conjunto com o não financiamento dos governos estadual e federal, a gestão municipal justifica a terceirização da festa.

Estou muito esperançoso com o novo modelo de festa, depois de 30 anos no lugar da prefeitura gerir, quem vai gerir é a iniciativa privada. A prefeitura tem o papel de fiscalizar os serviços prestados. E como isso vai acontecer? Abriremos um processo licitatório com os shows constando no edital e a estrutura que queremos, a captação de patrocínios enfim, tudo que envolve a organização e execução da festa. E a gestão municipal tem o dever de regulamentar. Por consequência, vamos reduzir em 70% as despesas do município. É muito mais fácil o privado contratar bandas e realizar a captação de patrocínios. Essa é uma ideia de governo, embora a maior parcela da gestão discorde dela. Penso que se o público não dá conta, tem que passar para o

privado mesmo. Saliento que a prefeitura não estará omissa, ao contrário, ela vai fiscalizar e continuar organizando a logística de trânsito, saúde e limpeza urbana (Entrevista concedida pelo Secretário de Planejamento de Campina Grande em 09 de fevereiro de 2017).

Corroborando com a fala do secretário, na edição de 2017, a gestão municipal transfere a responsabilidade de organização do evento para a empresa Aliança, dando-lhe de contrapartida 2,9 milhões de reais. Esta realizará a gestão da festa mediante o recebimento de verbas municipais, e captou recursos de outras empresas de bebidas, agências de turismo, bancos, dentre outros.

A empresa, velha conhecida da prefeitura, mesmo não tendo efetuado o pagamento das atrações em 2016, causando despesas posteriores para o município, conforme relatado acima, não deixou de ser a ganhadora do processo licitatório. No próximo capítulo, iremos nos deter às reverberações dessa terceirização para o planejamento e execução dessa comemoração.

Diante desse panorama, compreendemos que a festa junina vai sendo moldada e/ou organizada para servir aos inúmeros interesses dos públicos e de seus financiadores, ela é, então, constituída por essa trama da coexistência de comidas, danças, músicas e religiões, formada nas individualidades e nas comunhões entre os desejos dos festeiros.

#### 4 MAPEANDO TERRITÓRIOS FESTIVOS

A festa é “compreendida como uma luta pelo poder” (FERREIRA, 2003, p. 6), instaura disputas desde a elucidação do discurso de determinado local como festivo, passando pela conquista do espaço material e adentrando na dimensão simbólica. Por isso, se faz fundamental reafirmar que o território e a territorialidade apresentam copiosas manifestações e poderes, sejam elas materiais ou simbólicas, em conformidade com as postulações de Haesbaert (2014).

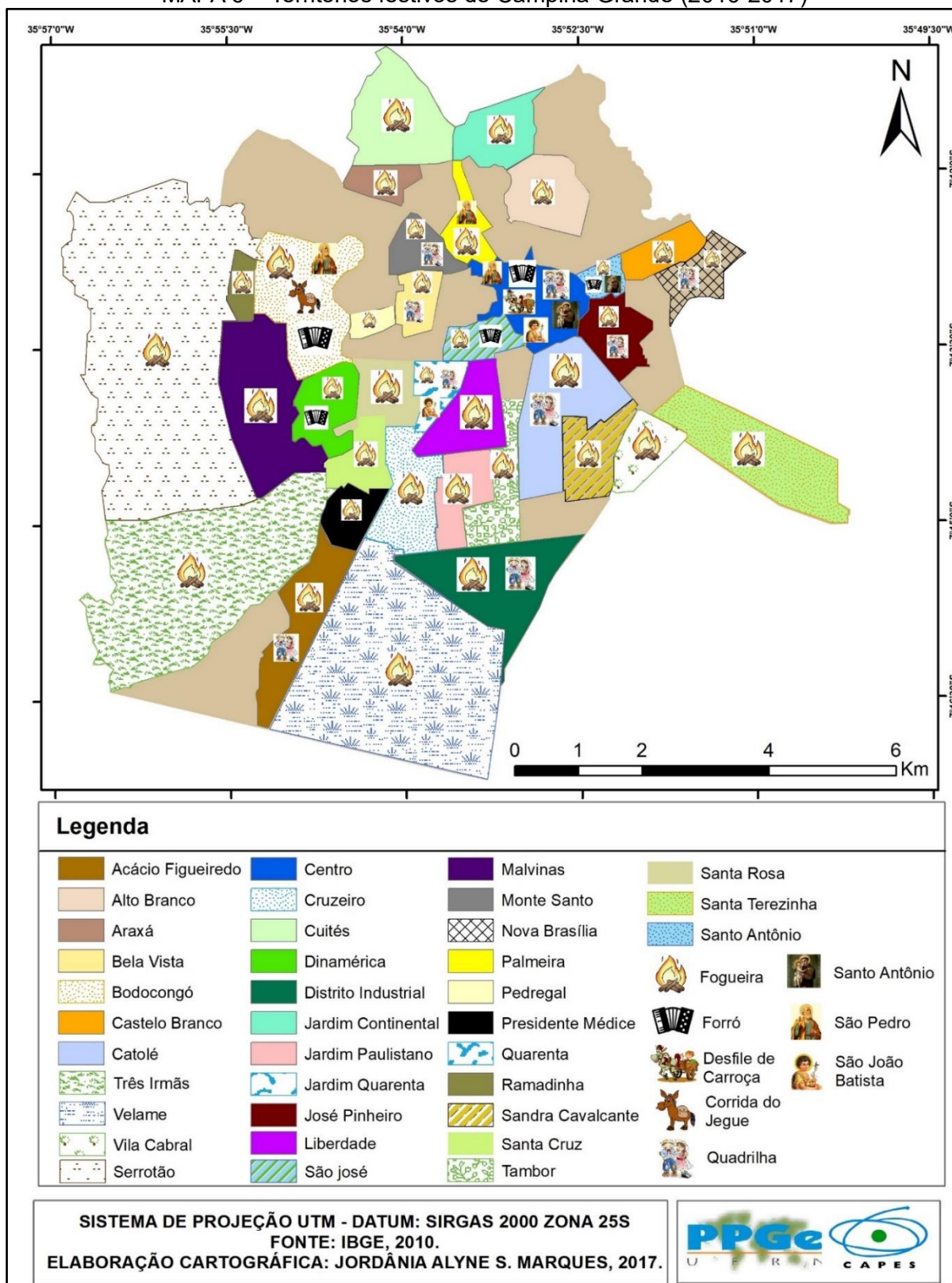
Torna-se também substancial atentarmos para o encontro e o diálogo entre tradição e modernidade nos territórios festivos juninos, não os considerando como extremos, já que a primeira referida não está cristalizada, ela é, segundo Dozena (2009, p. 28) “reinventada, mas não necessariamente arruinada pela transformação das manifestações culturais em espetáculo, como se houvesse uma perda inexorável da tradição diante dos processos de transformação cultural”.

Isto posto, ao ingressarmos nos territórios festivos juninos de Campina Grande, em junho e julho de 2016 e 2017, foi pertinente o uso das técnicas do diário de campo, observação participante, entrevistas, registros fotográficos e videográficos, além na netnografia, haja vista que, ao considerar a dimensão do ciberespaço, a última técnica citada oportunizou o compartilhamento de narrações, fotografias e desenhos importantes para alcançar nossos propósitos, os quais eram inviáveis de ser socializados durante a festa.

Nessa viagem, no deparamos com territórios que se distinguem “de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja, etc” (HAESBAERT, 2014, p. 59). Nas festas juninas de Campina Grande, os festeiros têm o ensejo principal de situar-se no fixo das festas espetacularizadas: na festividade pública do Parque do Povo ou nas casas de shows privadas. Todavia, há de concordar-se que as comemorações não se restringem aos fins mercadológicos e turísticos, tem-se celebrações espontâneas na intimidade dos lares, em determinadas ruas da cidade, praças e igrejas. Destarte, a produção cartográfica abaixo (Mapa 6), visibiliza as comemorações juninas, que podem também deportar como lugares simbólicos “construídos tanto por seus moradores quanto por interesses e pessoas externas ao lugar, seja a população em geral ou um específico segmento dela, seja grupos empresariais ou ainda o estado” (CORRÊA, 2012, p. 140).



MAPA 6 – Territórios festivos de Campina Grande (2016-2017)



FONTES: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Os trinta e seis bairros mapeados trazem consigo elementos e símbolos da festividade em estudo, nas áreas periféricas, é notório a expressiva quantidade de



fogueiras, cujo significado dentro da cultura popular e na Igreja Católica já foi aludido em outro momento. Tem-se o apontamento da sanfona como símbolo da sonoridade, o forró, bem como da dança típica da época, a quadrilha junina. Além disso, são significativas as comunidades que têm os santos juninos como padroeiros de seus bairros. Por fim, em menor expressão quantitativa, ocorrem as corridas de jegue e desfile de carroças.

Portanto, nesse capítulo, inicialmente, abordaremos os territórios das quadrilhas, em seguida, nos debruçaremos sobre as comemorações de bairros, celebrações religiosas, área central da cidade, e Intermediações do/e o Parque do Povo.

#### 4.1 TERRITÓRIOS DAS QUADRILHAS JUNINAS

As quadrilhas fazem parte da história das festas juninas de variados bairros da cidade de Campina Grande, em conformidade com a explanação no capítulo anterior. A exemplo da Quadrilha Junina Cambebas, nas Malvinas, fundada em 1996, estando seu nome relacionado à rua na qual se deu suas primeiras apresentações (Figuras 6 e 7).

FIGURA 6 – Apresentação da quadrilha Cambebas na década de 1990



FONTE: Acervo da quadrilha junina Cambebas da década 1990.

FIGURA 7 – Apresentação na quadrilha Cambebas no início dos anos 2000



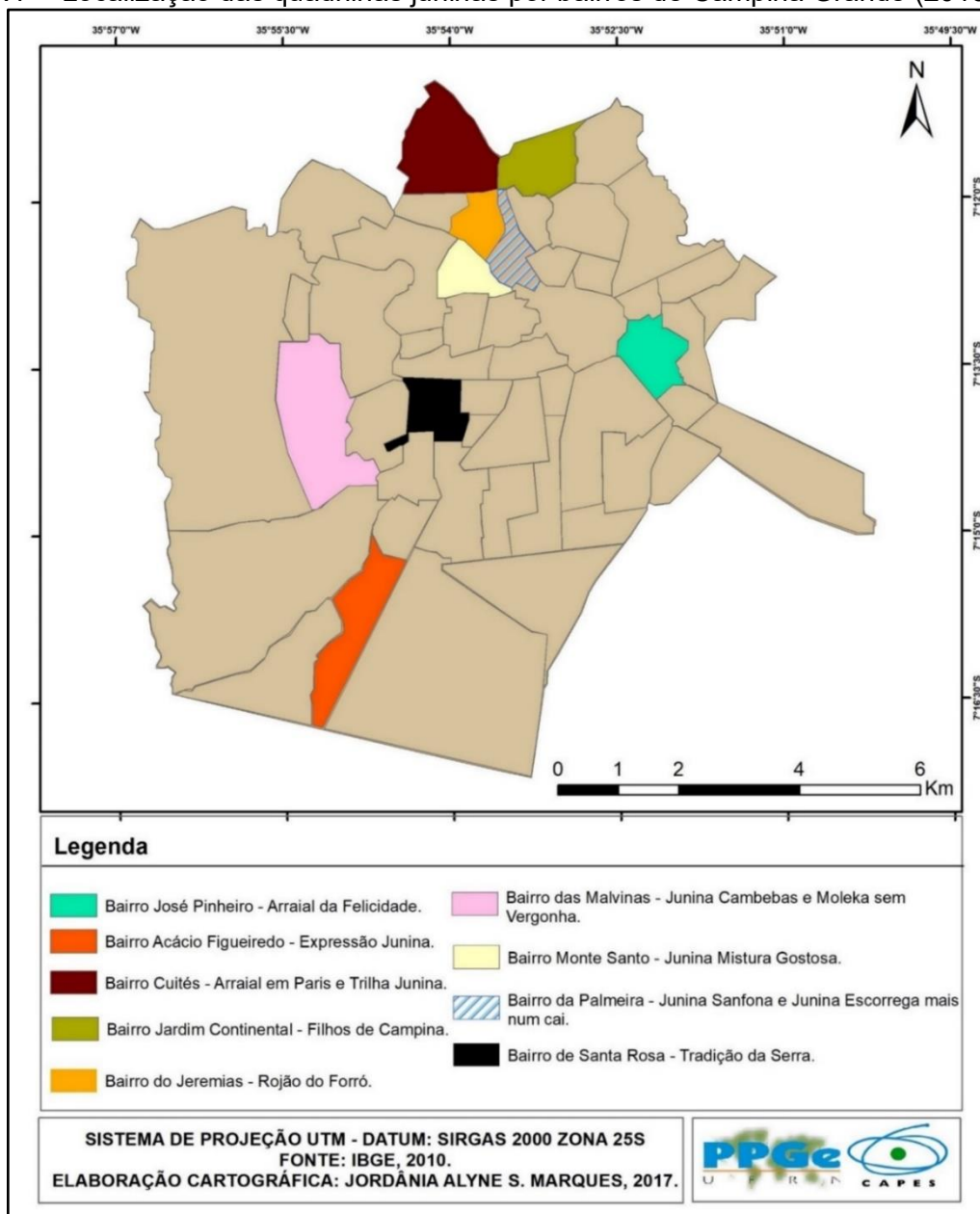
FONTE: Acervo da quadrilha junina Cambebas da década 2000.

Até o início dos anos 2000, tinha-se aproximadamente “200 quadrilhas em Campina Grande, elas eram as principais atrações das festas nos bairros” (Pedro -

Entrevista concedida em 20 de maio de 2017). Todavia, nos dias de hoje, esses grupos não possuem um número tão copioso, alguns festeiros relatam que o advento das quadrilhas estilizadas contribuíra para com a falta de interesse de se fazer quadrilhas matutas em suas ruas.

Nesse sentido, essa dança tem sido tratada de modo profissional pela ASQUAJU-CG, que é composta por doze quadrilhas, onze dessas são estilizadas e uma infantil, a Arraial da Felicidade, totalizando 2.500 associados (Mapa 7). Em média, cada quadrilha é composta de 100 a 200 componentes, incluindo dançarinos, coordenadores, maquiadores, marcadores, atores e apoio técnico.

MAPA 7 – Localização das quadrilhas juninas por bairros de Campina Grande (2016-2017)



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

As quadrilhas juninas mobilizam trabalhos formais e informais, sendo acentuada sua importância econômica, movimentando cerca de R\$ 1.320.000,00, passando a ser reconhecidas como um dos elementos-chave da festa junina de Campina Grande. De acordo com os relatos dos coordenadores de algumas juninas, tecidos, sapatos, acessórios e cenografias são comprados/confeccionados em Campina Grande, porém, devido ao valor e qualidade do produto, alguns tecidos em específicos são comprados nas cidades de Fortaleza no Ceará, e em Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe, ambas no estado vizinho, Pernambuco.

Em 2017, a associação, por meio de convênio com a Prefeitura Municipal, recebeu R\$ 220.000,00, repassando para as quadrilhas vinculadas à entidade R\$ 12.500,00. No entanto, para a liberação dessa verba em tempo hábil foi fundamental a relação de política de um coordenador com a gestão municipal. O restante do valor a entidade realiza o pagamento dos jurados do concurso, aquisição de um som para a apresentação e locação de ônibus para transportar as quadrilhas até os eventos. Ao total, foram 160 apresentações nos seguintes locais: Rodoviária, Aeroporto, Vila do Artesão, Parque do Povo, Vila Junina e Sítio São João e em alguns bairros.

Os coordenadores das quadrilhas argumentam que os investimentos realizados pelo poder público poderiam ser mais amplos, já que após a divisão do montante total o auxílio acaba não sendo suficiente para pagar as despesas. Logo, as quadrilhas buscam outras estratégias de obtenção de dinheiro oriundas de patrocínios de leis de incentivo à cultura *Rouanet*<sup>16</sup>, empresas, bingos, rifas, festas, comerciais de televisão, vendas de camisas, copos e bonés com nome da quadrilha. Além disso, existem algumas que cobram mensalidade de seus componentes para a confecção de seus figurinos. Ademais, a associação criou um produto turístico o “Vila Junina e Quadrilhando”, objetivando arrecadar verbas para as quadrilhas.

Para a realização de ensaios, reuniões e confecções de alguns adereços, as quadrilhas em sua ampla maioria usam o espaço físico de quadras de escolas, SAB e casas dos coordenadores. Tudo isso para estarem prontas para a participação nas

---

<sup>16</sup> A lei 8.313/91 permite que projetos aprovados pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC) recebam patrocínios e doações de empresas e pessoas, permitindo ao doador ou patrocinador a dedução no imposto de renda correspondente aos valores contribuídos em favor de projetos culturais.

competições em âmbito municipal, estadual e nacional, sendo essa última organizado pela TV Globo.

Apenas a “Moleka Sem Vergonha” dispõe de sede própria, conquistada com muito esforço coletivo, “foi um longo processo, iniciando-se com a ocupação de um terreno baldio, logo após, ganhamos um prêmio em um festival e foi daí em diante que começamos o alicerce da sede” (Entrevista concedida pelo coordenador da Quadrilha Junina Moleka Sem Vergonha, em 10 de Junho de 2017).

É válido reafirmar que essa manifestação cultural é ainda marginalizada em Campina Grande, conforme narrado abaixo, são notórias as dificuldades em ser quadrilheiro.

É uma luta muito grande, pois é um movimento cultural pouco valorizado, porém os poucos que dão valor fazem grande espetáculos acontecerem, para que não acompanha desde os ensaios e ver os resultados nos arraiais, não imaginam a luta, os desafios que são passados, são noites sem dormir. Infelizmente, a quem ache que isso é frescura, perda de tempo, mas não é, fazemos cultura, são heranças do nosso povo, então quem é nordestino tinha por obrigação amar e não deixar isso morrer (Entrevista concedida pelo estilista da junina Cambebas em 11 de junho de 2017).

Para nós quadrilheiro, a quadrilha é a nossa segunda casa, somos uma família, buscamos ajudar uns aos outros, tudo isso em prol do que gostamos de fazer. Quando entramos em um arraial, buscamos se entregar de corpo e alma, já que amamos o que fazemos, é algo bonito de se ver, é a nossa cultura, é emocionante, é arrepiante, por isso, a quadrilha é o que mais gosto de fazer na minha vida (Entrevista concedida pelo dançarino da quadrilha Mistura Gostosa em 04 de junho de 2017).

Junho é uma confraternização de um ano de trabalho, é o natal do quadrilheiro. Existe um preconceito com relação aos quadrilheiros sendo chamados de vagabundos e desocupados, mas, eles esquecem que a quadrilha é o grande produto do São João de Campina Grande. Além disso, ela possibilita tirar os jovens das drogas, além de despertar para uma profissão, a exemplo do aderecista da nossa quadrilha (Entrevista concedida pelo coordenador da quadrilha Cambebas em 20 de maio de 2017).

Em suas falas, os quadrilheiros trazem um discurso de sentimentos topofólicos com relação à prática dançante, mesmo em meio a desvalorização que causa dificuldades financeiras, observamos a existência de afinidades, as quais, segundo Dozena (2009, p. 186), “são criadas através desta base territorial, e são definidoras

de uma importante dimensão relacional que se dá a partir da subjetivação com os territórios (que aqui também se configuram geograficamente em lugares)”.

Como já dito, as quadrilhas buscam estratégias para arrecadar fundos, no caso da Moleka Sem Vergonha, uma dessas é a realização do “Pré-Junino”, em maio de 2017, no Sítio São João. Nesse evento, quadrilhas oriundas de diversas partes da Paraíba e do Pernambuco são convidadas a dançarem. Ao dar início às apresentações, notamos que somente uma quadrilha de Campina Grande se fez presente, acreditamos que a ausência das demais é decorrente da competitividade que existe entre elas. Enquanto estão ocorrendo as apresentações de outras quadrilhas, os dançarinos da Moleka ficam em suas barracas vendendo seus alimentos, cada barraca é composta por membros de um fila da quadrilha, apenas o bar é arrecado para o coletivo.

Em virtude dos títulos conquistados no perpassar dos anos, a Moleka Sem Vergonha torna-se um grande ícone para alguns campinenses, em especial, para os moradores do bairro das Malvinas, da mesma maneira para as quadrilhas iniciantes. Esta simpatia é explícita no momento que a Moleka faz o ensaio do seu espetáculo, os participantes cantam a música tema da mesma, vibra a cada instante<sup>17</sup>.

Também participamos do ensaio da quadrilha junina Cambebas na quadra da Escola Municipal Lafayette Cavalcante no bairro das Malvinas. Ao dar início às atividades, foram feitos alguns avisos: no domingo, ocorreria o ensaio matuto, devendo os integrantes deveriam vestir-se a caráter, além disso, se falou sobre a venda obrigatória de 30 cartelas para o bingo de uma cesta básica (feita por meio de doação dos próprios componentes).

Observamos ainda que uma mãe que vendia lanche no local relatou o seguinte: “meu filho dança na junina, daí aproveito o momento para conseguir uma renda vendendo salgados, os quais, ajudam a custear o pagamento da roupa” (Madalena - Entrevista concedida por Maria em 20 de maio de 2017).

Antes de iniciar a dança, se faz um momento de oração do Pai Nosso, Ave Maria e Santo Anjo, o que demonstra uma forte ligação com o catolicismo<sup>18</sup>. Muitas integrantes são mães e levam seus filhos para ensaio. No momento, outros integrantes da comunidade que estão prestigiando ajudam no cuidado com crianças, assim,

---

<sup>17</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nmt4-ffZeSQ>.

<sup>18</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fDYuwAZnSic&t=110s>.

os ensaios são momentos de entretenimento para os moradores da localidade (figura 8).

Outro ponto relevante não apenas na Cambebas, mas também em outras quadrilhas, é a grande participação de homossexuais nas quadrilhas, além disso, é evidente o cuidado e atenção aos mínimos detalhes da expressão e/ou performance corporal (pés, mãos e expressões devem estar em constante harmonia) (Figura 9).

FIGURA 8 – Participação da comunidade



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 9 – Ensaio da Junina Cambebas



Fonte: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Na ocasião, mantive diálogo com o estilista e dançarino da Cambebas, o mesmo frisou que a inspiração para fazer o figurino do ano de 2017 foi baseada nas paisagens vistas no campo quando criança, fazendo o contraponto nas cores bege, relacionada à seca, e o verde como sinal do resplandecer da chuva.

Por conseguinte, o mesmo elaborou um desenho materializando o seu discurso sobre o significado que essa comemoração para ele possui (figura 10), em seu relato, ele diz: “destaco as comidas de milho, bandeirolas multicolores, que são símbolos juninos que ultrapassam gerações, além dos casais de noivos e reis da quadrilha junina, onde me encontro e me identifico” (Entrevista concedida pelo estilista da junina Cambebas em 11 de junho de 2017).



FIGURA 10 - Representação dos sentimentos com relação a festa junina



FONTE: Allexandre Gomes(2017).

#### 4.2 FESTAS DE BAIRROS DE CAMPINA GRANDE

Nos bairros de Campina Grande, no período junino, surgem várias comemorações nas igrejas católicas, entre familiares e amigos que se reúnem em suas residências e nas ruas para celebrar esse momento, sendo esses “loais de sociabilidade onde se expressam experiências não remuneradas, fundamentadas no encontro comum que ali se dá e que torna esses lugares um ambiente” (DOZENA, 2012, p. 219).

Em conversa com os moradores dos bairros, foi comum a atribuição do declínio das festas nas residências em detrimento da turistificação das festas, pois os mais jovens, preferem se deslocar para no Parque do Povo e casas de shows. A crescente violência urbana também foi mencionada como desestimuladora para ficarem em frente as suas casas para celebrar o ciclo junino. Por fim, os mais velhos salientaram que a pavimentação asfáltica das ruas, bem como as leis ambientais urbanas causaram um descompasso da natureza lúdica das comemorações juninas, alguns externalizaram o sentimento de frustração em não acender sua fogueira.

Nessa conjuntura, as intervenções no espaço urbano realizadas pela gestão pública municipal, assim como a violência urbana, falta de ajuda do poder público e desanimo por parte da juventude representam quebras em práticas culturais de determinadas pessoas. Todavia, em alguns bairros, essas práticas do imaginário social continuam ocorrendo, conforme veremos a seguir.

#### **4.2.1 BELA VISTA**

O “Arraial da Volta” ocorreu na rua Sargento Hermes Ferreira Ramos, que estava enfeitada de bandeirolas. Por volta das 19:00 horas, estava acontecendo o culto dominical da Igreja Assembleia de Deus, por esse motivo, os organizadores planejaram o início da festividade para às 20:00 horas. O carro de som, a iluminação e isolamento da rua ficaram a cargo da prefeitura municipal de Campina Grande. Já a decoração e lanches para as quadrilhas foram patrocinadas pelos membros da sociedade de bairro local.

A festividade desse bairro se detém nas apresentações de quadrilhas juninas. Assim, a comunidade organizou uma quadrilha infantil, “Junina Molekada”, que ao entrar no arraial, trouxe imagens dos santos Antônio, João e Pedro, assim como uma cruz, fazendo relação da festa junina com os santos católicos. Iniciando-se a dança, foram soltados fogos de artifícios, confetes, bombinhas e chuveirinhos, e os passos executados são os tradicionais e alguns mais elaborados, incorporados das quadrilhas estilizadas<sup>19</sup>.

Em seguida, ocorreu a encenação do casamento matuto com texto, decoração e com cenário ao fundo e música sertaneja universitária após as bênçãos do padre. Enquanto tudo isso se passava, os pais, familiares e festeiros de modo geral assistiam e cantavam as músicas bem empolgados. As crianças receberam como recompensa por suas apresentações um lanche na casa de uma das líderes da comunidade.

Houve também as apresentações das quadrilhas Juninas “Escorrega Mais Num Caí e Arraial em Paris”, muitos presentes reclamaram o fato das quadrilhas não estarem com o conjunto total das apresentações, pois era notório o pequeno número de dançarinos e a ausência da cenografia (Figura 11). No momento dessas apresentações, começou a chover, mas, mesmo assim, grande parte do público não foi embora.

---

<sup>19</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8OQrWEXjxM>.



Alguns moradores aproveitaram para vender cachorro quente, salgados, milho cozido e assado.

FIGURA 11 – Apresentação da quadrilha Arraial em Paris



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

#### 4.2.2 BODOCONGÓ

Encontrar-se na véspera de São João, dia 24 de junho, é comum na família Caluête, em Bodocongó. Os familiares vêm de outras ruas do bairro e da cidade, o momento é propício para realizar orações em agradecimento pelas bênçãos concebidas nos seis primeiros meses do ano, saborear comidas típicas regionais e churrasco (figuras 12 e 13).

FIGURA 12 – Festa junina com familiares em casa



FONTE: Polyana Caluête (2017).

FIGURA 13 – Comidas típicas regionais



FONTE: Polyana Caluête (2017).

No dia 30 de junho de 2017, as sociedades de amigos dos bairros Ramadinha e Bodocongó organizaram uma festividade na rua Florípedes Coutinho. Os participantes reuniram-se com a finalidade de ornamentar a rua com bandeirolas, assim como ratearam o aluguel da sonorização que animou o arraial para a apresentação da quadrilha, os componentes dessas eram sócios das SAB dos bairros (Figura 14). Alguns populares usaram da oportunidade para vender churrasquinhos, bebidas e doces.

FIGURA 14 – Festa junina na rua Florípedes Coutinho



FONTE: Acervo pessoal de Francisco Santos (2017).

Ainda no mesmo bairro, desde 2010, realiza-se a “Corrida de Jegue” na comunidade São Januário. De acordo com o idealizador, o propósito do evento é estimular o resgate da cultura nordestina e propiciar um dia de lazer para os moradores da localidade, demais campinenses e de visitantes das cidades circunvizinhas. Mas, sobretudo, é um momento de conscientização sobre os cuidados necessários com os animais, tais como: alimentação, vacinação e atentar para não deixar próximo as vias de circulação para evitar acidentes.

Para participarem da corrida, os interessados não necessitam pagar nenhum tipo de taxa de inscrição, pois, “os criadores de jegue são pessoas carentes, em

muitos dos casos, o animal é usado como instrumento de trabalho” (Entrevista concedida em 3 de julho de 2017).

Diante disso, os moradores e comerciantes da localidade fazem doações de prêmios para as cinco primeiras colocações (os três primeiros recebem a premiação em forma de dinheiro, enquanto as duas últimas ganham saco de milho), para tanto, são realizadas baterias, classificando-se os três primeiros colocados, os perdedores disputam as duas últimas vagas para a grande final (Figuras 15 e 16).

FIGURA 15- Jegue preparado para corrida      FIGURA 16- Entrega da premiação



FONTE: Acervo pessoal do idealizador da corrida (2010).



FONTE: Acervo pessoal do idealizador do evento (2012).

Em 2016, aconteceu a última edição da corrida, visto que ausência de sonorização e do trio de forró pé-de-serra, por parte da prefeitura, acabou inviabilizando a concretização do evento. É válido reforçar que a organização encaminhou o ofício à coordenadoria de eventos desde o mês de abril, que até então tinha dado aval quanto ao apoio. Apesar disso, a demanda solicitada não obteve êxito, evidenciando a difícil face da terceirização da organização da festa na cidade de Campina Grande.

Francisco - Lamentavelmente, isso ocorreu duas vezes, a primeira em 25 de junho, um dia antes recebi a ligação da coordenadoria afirmando a não colaboração, pois já estavam dando cobertura em Galante e São José da Mata. A partir daí, remarcamos o evento para o dia 2 julho, data do encerramento das festividades na cidade, mais uma vez, fomos avisados de última hora que não teríamos o apoio, a empresa Aliança não poderia ajudar, ela quem juntamente com a coordenadoria são responsáveis por isso. O que fica é a revolta e a esperança que no próximo ano vamos conseguirmos realizar a 8ª corrida do jegue do São Januário e espero que seja sem necessitar de prefeitura (Entrevista concedida em 2 de julho de 2017).



### 4.2.3 DISTRITO INDUSTRIAL

Na noite de São João, a rua Manoel Alves de Nascimento, no bairro Distrito Industrial, estava bem iluminada e enfeitada de bandeirolas. A SAB se encarregou de conseguir carro de som e iluminação com a prefeitura de Campina Grande. O envolvimento da comunidade com a festividade é bem tímido, ela colabora com a organização da decoração da rua e na doação de alimentos para o lanche dos componentes da quadrilha “Expressão Junina” do bairro Catingueira (Figuras 17). Para o deslocamento dos integrantes da quadrilha, foi primordial o apoio do presidente da empresa de ônibus cruzeiro. Alguns moradores oportunizaram o momento para vender milho, espetinhos, batata frita e cervejas em frente as suas residências.

FIGURA 17 – Apresentação da quadrilha Expressão Junina



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques(2017).

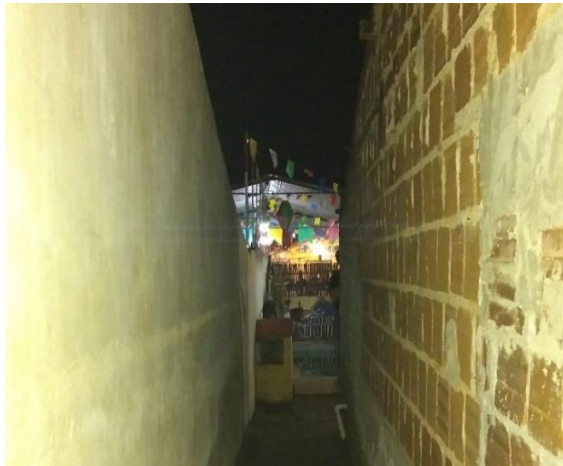
### 4.2.4 DINAMÉRICA

O “pé de serra no quintal” foi criado para difundir a cultura nordestina, “aqui só toca forró autêntico e música popular brasileira, aqui não tem essa história de *funk* e de pancadão não” (Eduardo - Entrevista concedida em 2 de julho de 2017). Nesse local, a prática dançante não se limita ao período junino, ocorrendo nos fundos da casa do organizador todas as quartas-feiras e domingos.

Para acesso a este local, paga-se uma quantia de cinco reais. Ao adentrar, nos deparamos com muitas bandeirolas e balões, bar comercializando bebidas alcoólicas

e não alcoólicas e um público, em sua maioria, de adultos bem animados<sup>20</sup> (Figuras 18 e 19).

FIGURA 18 – Acesso ao local festivo



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 19 – Forró Pé de Serra no Quintal



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Ao conservar com uma senhora, ela relatara que costuma frequentar o Parque do Povo, todavia, possui uma maior identificação com o fundo de quintal, “gosto mais daqui, é mais amigável, só tem gente de família e não tem a violência que se tem lá (Flávia – Entrevista concedida em 2 de julho de 2017), Fazendo uma leitura fenomenológica de Bachelard (1993), a festa tem nesse espaço uma sensação de segurança e intimidade com o lugar e seus frequentadores.

#### 4.2.5 NOVA BRASÍLIA

No dia 16 de junho de 2017, a praça Severina Elza de Araújo, localizada na rua Papa João Paulo I, transforma-se no arraial da Nova Brasília. Há 21 anos, a SAB, clubes de mães e moradores organizam esse dia de festividades junina, tendo como principal atração a quadrilha junina. No entanto, gradualmente a comunidade vem diminuindo o interesse em participar desses momentos, de acordo com a organizadora da festa “além da questão financeira, ainda tem a diminuição no incentivo as quadrilhas tradicionais” (Flaviana – Entrevista concedida em 16 de junho de 2017). A parte de sonorização e iluminação da praça fica a cargo da prefeitura e

<sup>20</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vbhjeoZJMSM&t=18s>.

de um deputado estadual. Já a comunidade se responsabiliza pelo lanche das crianças que se apresentam nas quadrilhas.

Ao final da tarde, com poucas pessoas no local, as crianças da quadrilha junina da Fundação Padre Ibiapina, do bairro José Pinheiro, brincam nos equipamentos da academia de saúde popular. A duração da festividade é bem curta, primeiro ocorreu o sorteio de uma rifa de uma cesta básica beneficente ao clube de mães, na sequência, as crianças se apresentaram<sup>21</sup> (figura 20). Assim que a quadrilha se despede, as poucas pessoas presentes saem rapidamente, ficando a praça quase deserta.

FIGURA 20 – Apresentação da quadrilha junina da fundação Padre Ibiapina



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

### 4.3 CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS

As práticas religiosas tornam-se profícuas para a apropriação e/ou revalidação dos territórios, para tanto, as instituições religiosas traçam estratégias de dominação dos fiéis e de bens, objetivando aumentar o poderio sobre espaços, transformando-os em territórios religiosos (ROSENDAHL, 1996).

Os rituais religiosos variam conforme as religiões (SCHECHNER, 2012). Ao partilhar e experimentar das manifestações sagradas nos locais destinados para esse fim, se constrói e vivifica a identidade religiosa. O crente vivencia uma fé que se ex-

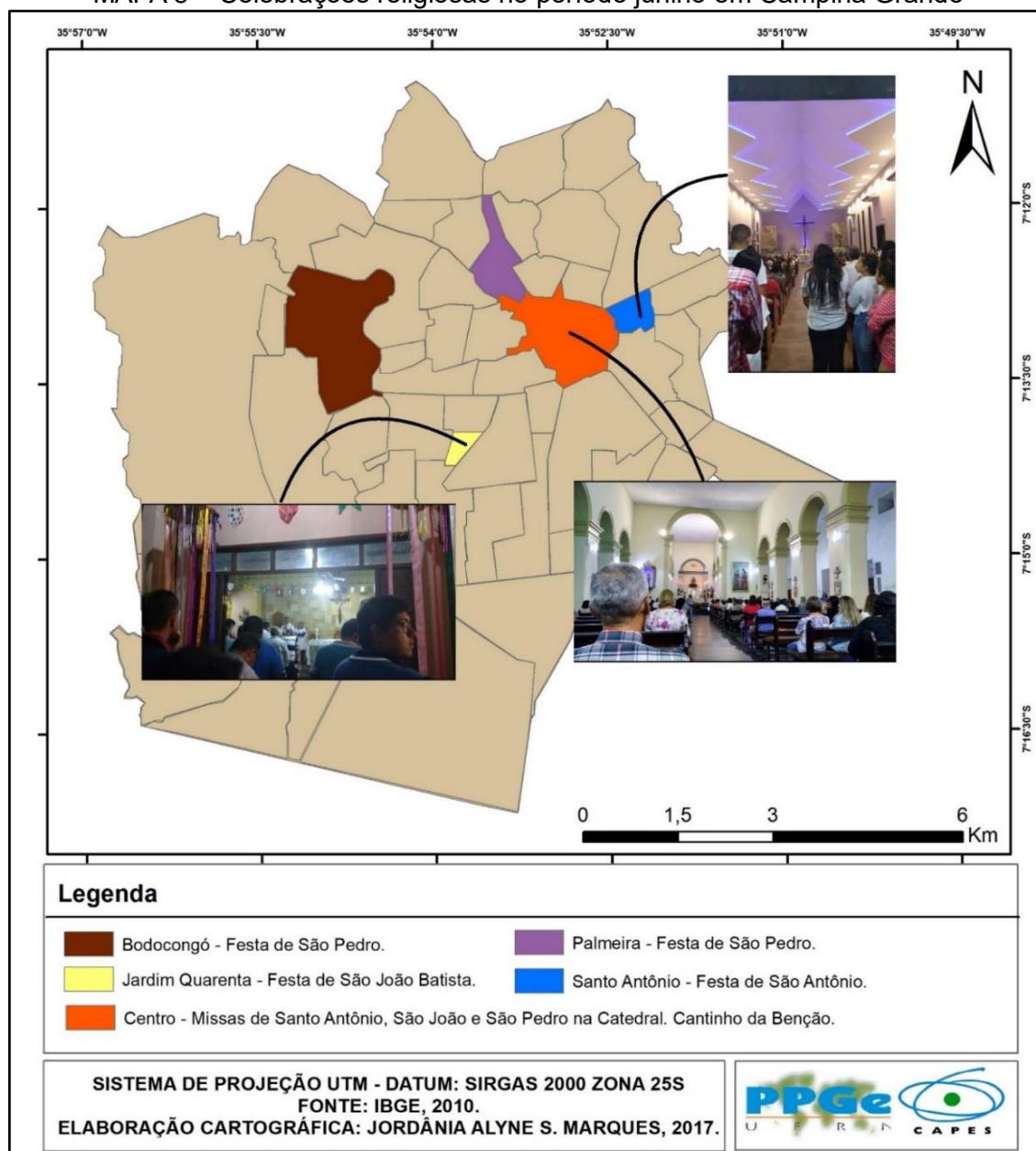
<sup>21</sup> Registro videográfico disponível em: Registro videográfico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WdwEwD7-YO0&t=71s>>.



prime como “uma liberdade que permite ao homem participar ontologicamente da existência de Deus, uma liberdade que encontra sua validade e seu apoio em Deus” (ROSENDAHL, 1996, p.49).

Na Igreja Católica, as celebrações são em devoção a Santo Antônio, São João e São Pedro. Para essa, os santos “estando no céu, podem intervir junto a Deus em favor dos homens, graças aos méritos que adquiriram durante a vida” (ROSENDAHL, 1996, p. 72). Já os evangélicos, no Cantinho da Bênção, participam de louvores com seleções de músicas religiosas contemporâneas e com ritmos atrativos para os jovens (mapa 8).

MAPA 8 – Celebrações religiosas no período junino em Campina Grande



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

#### 4.3.1 FESTA DE SANTO ANTÔNIO

A paróquia de Santo Antônio celebra a solenidade de seu padroeiro desde 1942. Em 2017, foram treze noites de celebrações eucarísticas, adoração do Santíssimo Sacramento e procissão, entre 1 e 13 de junho, com a participação das comunidades, movimentos pastorais que integram a paróquia, assim como padres e fiéis de outras paróquias. Antes de iniciar a missa, conversamos com uma idosa de 75 anos, que, no ensejo, relatou sobre sua devoção ao santo e às práticas festivas em seu bairro:

Irene - Ele representa muito para mim, pois era um santo humilde, pobre, dava tudo que possuía para os mais carentes. Desde nova, em frente à minha casa, sempre fazíamos fogueira para todos os santos do mês, porém hoje não fazemos por causa da violência e porque minha rua é asfaltada (Entrevista concedida em 12 de junho de 2017).

No dia 12 de junho, véspera de Santo Antônio, a igreja matriz estava adornada de rosas e com a presença de fieis (Figura 21 e 22). No comentário introdutório da missa, que é o primeiro elemento dos ritos iniciais da celebração eucarística, ressaltou-se a misericórdia de Deus, mesmo em meio as imperfeições de seu filho, apresentando Santo Antônio como modelo de humildade e servo do senhor. O cântico de entrada descrevia Santo Antônio como figura solidaria, direcionando os fiéis ao caminho de Deus, os instrumentos utilizados foram violão, guitarra, baixo e teclado.

FIGURA 21 – Imagem de Santo Antônio



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 22 – Celebração eucarística



Fonte: Pastoral da comunicação da paróquia de Santo Antônio.



Ao efetuar a acolhida e a oração inicial, o padre afirmou que Santo Antônio foi um homem que acreditou profundamente em Deus pela ação do criador em benefício da humanidade. No ato penitencial, implorou a Deus um coração bom e solidário como do santo padroeiro. No hino de louvor, se glorificou ao senhor por seu amor e compaixão. Na oração precedente a liturgia da palavra, foi destacado o compromisso da igreja em anunciar o evangelho a todos.

A primeira leitura (2 Coríntios 1, 1-7) tratava de Jesus como consolador e misericordioso. O salmo responsorial (33) enaltesse o louvor ao criador. O evangelho (Matheus 5, 1-12) narrou o sermão da montanha, as chamadas bem-aventuranças. Na homilia, evidenciou-se que:

Padre Antônio – Esse evangelho é prova dos reinos dos céus em nosso meio. Mostram as virtudes que precisamos ter para transformar esse mundo em um lugar de fraternidade, justiça e paz. Santo Antônio é para nós, espelho de vivência da vida cristã e de amor.

Após a oração de fé da comunidade, realizou-se as preces, solicitando a intercessão de Santo Antônio para elevar os pedidos a Jesus Cristo. Em seguida, realizou-se os ritos de consagração do pão e do vinho e sua distribuição entre os fiéis. Após serem feitas as comunicações sobre a programação do último dia da festa, os presentes foram chamados a compartilhar de um momento de confraternização ao lado da igreja. No ato da bênção final, o padre repetiu a necessidade de seguir Santo Antônio como modelo de humildade e serviço ao próximo. A celebração finalizou com o hino do padroeiro.

Na rua Josino Agra, houve a quermesse com vendas de salgados, churrasquinho, creme de galinha, pamonha, canjica, cachorro-quente, tapioca, caldos e refrigerantes, sendo vedada a venda e consumo de bebidas alcoólicas. Para animar os festeiros, tinha-se uma banda de forró, assim como camas elásticas para as crianças brincarem<sup>22</sup> (Figura 23). Este momento também é considerado um ponto alto dentro da festividade:

A Festa de Santo Antônio é um momento de grande alegria, pois além de podermos expressar nossa fé através das atividades religiosas, também podemos participar de eventos sociais que favorecem nossa comunhão fraternal com os nossos irmãos em Cristo, além da valorização da cultura cristã (Pedro entrevista concedida em 13 de junho de 2017).

<sup>22</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XF0wRYGDSkw>.

FIGURA 23 – Festividade social de Santo Antônio



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

#### 4.3.2 FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA

Desde 1992 a comunidade São João Batista localizada no Jardim Quarenta realiza a festividade em louvor ao santo. Em 2017, foram realizadas sete noites de celebrações, entre os dias 18 e 24 junho, com a participação das comunidades e movimentos pastorais da paróquia de Santa Rosa Mística, como indica uma das coordenadoras da festa.

Todos os anos, sentamos e planejamos com muito carinho a nossa festa, porém a participação ainda é tímida, pois de certa maneira concorremos com as outras tradições culturais aqui de Campina Grande, daí temos um número pequeno de pessoas em nossas celebrações, a exemplo de hoje (Luiza- Entrevista concedida em 24/06/2017).

Na noite de São João, a pequena capela estava decorada com bandeiras multicolores e balões, algumas pessoas vestidas com blusas xadrez, chapéus e fitas coloridas no cabelo. Na introdução da missa, evidenciou-se a solenidade da natividade de São João Batista, o precursor, aquele que teve a missão de ser o arauto de Jesus Cristo. O cântico de entrada apontava João Batista como o profeta entre as nações, escolhido por Deus para abrir os caminhos do seu filho, sendo o violão o instrumento utilizado.

Ao realizar a acolhida dos fiéis e a oração de entrada, o presidente da celebração afirmou que São João deve ser exemplo de fé e de entrega ao amor de Cristo para cada um dos presentes. Durante o ato penitencial, implorava-se a Deus

piedade e um coração humilde, assim como foi o de João. No hino de louvor, se glorificou e rogou ao senhor pela paz e piedade. Na oração que antecede a liturgia da palavra, foi frisada a primordialidade da Igreja guiar com alegria os caminhos da salvação e da paz, conforme os ensinamentos e ações do profeta celebrado. A primeira leitura (Isaias 49, 1-6) tratava da João como uma testemunha da luz do Cristo na escuridão da humanidade. O salmo responsorial (138) 139 foi cantado agradecendo ao Senhor pela sua presença constante na existência humana. Na segunda leitura (Ato dos Apóstolos 13, 22-26), o padre narrou que João Batista é o precursor do Messias, encarregado de preparar a sua vinda por meio do anúncio de um batismo de arrependimento.

O evangelho (Lucas 1, 57-66) narrou a alegria proporcionada pelo nascimento João Batista e a discussão sobre a escolha do seu nome. Na homilia, frisou-se que:

Padre Francisco- São João Batista é um dos poucos santos a que se comemora a data do nascimento, fora ele somente a virgem Maria e Jesus Cristo. O nome do profeta significa “Deus é misericordioso”, desde o ventre de sua mãe ele foi santificado e preparado para abrir os caminhos para que Jesus possa passar. Hoje, aqui em Campina Grande ocorrem muitas festas com comidas, bebidas e danças típicas, todavia, existe a necessidade de reconhecer a importância do nascimento desse santo e o seu chamado a viver a conversão e mudança de vida.

Após a oração de fé da comunidade, realizou-se a leitura das preces, pedindo a intercessão de João para elevar os pedidos a Jesus Cristo. Os ritos da liturgia eucarística foram feitos como de costume, com as orações e consagração do pão e do vinho, e em seguida a sua distribuição entre os fiéis. Após ser anunciada a programação semanal da comunidade, todos os presentes foram convidados a participarem da quermesse, brincadeiras e apresentações de dança do grupo da catequese e dos casais da paróquia. Ao dar a bênção final, o padre reafirmou a necessidade de seguir João como modelo de missão comunitária. A celebração finalizou com o hino de São João Batista.

Posteriormente, se iniciou a quermesse no pequeno pátio anexo à capela, com a venda de tortas, cachorro-quente, mugunzá, escondidinho de macaxeira com carne de sol e refrigerantes (Figura 24).

FIGURA 24 – Quermesse



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Ainda no mesmo local, foram desenvolvidas algumas brincadeiras: pescaria e jogos de argola para as crianças, as quais se divertiam muito ao pegar os peixes e colocar as argolas nas varetas e se enchiam de sorrisos ao receber uma premiação em forma de doces. O momento também foi oportuno para alguns adultos brincarem e reativarem memórias das festas com seus filhos e amigos. Na lateral da capela, na Rua João Nunes Figueiredo, crianças brincavam na cama elástica e soltavam chuveirinhos (fogos de artifício) (Figura 25).

FIGURA 25 – Crianças, adolescentes e adultos soltando fogos



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Entretanto, as atenções estavam mais voltadas para as apresentações das crianças da pré-catequese, os meninos com camisas xadrez, calça remenda e chapéu de palha, as meninas com vestidos de chitas e arranjos no cabelo, ao som da música “Farinhada” de Luiz Gonzaga<sup>23</sup>. Finalizando a noite, os casais da paróquia puxaram uma quadrilha improvisada com os presentes na comemoração.

#### **4.3.3 FESTA DE SÃO PEDRO**

A celebração eucarística na Catedral Diocesana de Nossa Senhora da Imaculada Conceição teve início com a procissão de entrada com os leitores, salmista, ministros da eucaristia, coroinhas e padres. No comentário introdutório, foi ressaltado que o dia era dedicado a solenidade dos apóstolos Pedro e Paulo, e por esse motivo também se celebrava o dia do Papa, sucessor dos Apóstolos e líder de toda a Igreja Católica. O cântico de entrada falava sobre São Pedro, o ressaltando como o escolhido por Cristo para edificar sua igreja, os instrumentos usados foram sanfona, pandeiro, triângulo, zabumba, baixo, bandeirola e violão.

Ao realizar a acolhida dos fiéis e a oração de entrada, o presidente da celebração afirmou que os santos “beberam do cálice do senhor e se tornaram amigos de Deus”, reafirmando a necessidade dos fiéis caminharem na missão junto a igreja, unida ao Papa Francisco.

Durante o ato penitencial, o cântico clamava que Deus fosse misericordioso, assim como foi com Pedro e Paulo, perdendo seus pecados e os levando à vida eterna. No hino de louvor, se glorificou ao senhor pelas inúmeras graças recebidas. Na oração que antecede a liturgia da palavra, falou-se sobre a necessidade da igreja seguir os ensinamentos dos apóstolos, pois esses deram testemunhas de primícias de fé em Jesus Cristo e na unidade do Espírito Santo.

Na entrada do lecionário (livro utilizado para organizar as leituras e salmos durante as celebrações), duas mulheres com vestidos de chita (tecido de algodão barato e de pouca qualidade, com estampas de cores fortes e com florais), chinelos de couro e lenços nos cabelos abriam caminho para a passagem do livro portando candeeiros e/ou lampiões (luminária de gás), o livro foi levado por uma jovem dentro de uma arupemba decorada com bandeirolas multicolores (peneira, feita de palha trançada ou fibra muito utilizada no Nordeste). Em seguida, entraram três jovens, dois

---

<sup>23</sup> Registro videográfico disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=X6Cz\\_lovaE0](https://www.youtube.com/watch?v=X6Cz_lovaE0).

representando pescadores e com redes em mãos, e um outro representando Pedro com a chave da igreja, finalizando a procissão mais duas mulheres com as luminárias<sup>24</sup> (Figura 26).

FIGURA 26 – Entrada do Lecionário



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

A primeira leitura (Atos dos Apóstolos 12, 1-11) falava sobre o sofrimento de Pedro na prisão e da aparição de um anjo que o libertou da detenção. O salmo responsorial foi o 33 (34), que tratava da felicidade em libertar-se das angústias, sendo esse cantado com a sequência de notas/sons (melodia) da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. A segunda leitura (Segunda carta de São Paulo a Timóteo 4, 6-8. 17-18) tratou da confiança em Deus e na construção do reino celeste.

Ao aclamar o evangelho, frisa-se novamente, por meio da música, a relevância do Pedro como construtor da igreja. O evangelho (Matheus 16, 13-19) narra o momento no qual Pedro exclama que Jesus é o filho de Deus e recebe do mesmo a missão de construir a igreja e portar as chaves dos céus.

Na homilia, se ressalta sobre os desafios enfrentados por Pedro para seguir a Jesus, ao mesmo tempo em que se fez uma relação com o cotidiano, conforme narrado abaixo:

Padre Leonardo- Hoje, encerramos o ciclo de celebração das três missas do projeto “Fé e Cultura” da nossa diocese. A secretaria de cultura do município de Campina Grande tem colaborado para com todas as missas do projeto, dando sua contribuição e presença nesses

<sup>24</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZG-fegVJkOM&t=13s>.



momentos. Tem alguém que está visitando Campina Grande? Olha que coisa bonita, sejam todos bem-vindos e bem-vindas, vamos acolher com uma salva de palmas.

Precisamos aprender com Pedro, a bravura, a coragem e a força, para nos ajudar na nossa família, no trabalho e também no nosso ardo missionário. Logo, na festa de São Pedro, devemos pedir mais fé e mais confiança. O próprio Cristo entregou as chaves a Pedro, pois ele é uma pessoa com coragem, bravura e iniciativa de dirigir e de edificar a família de Jesus, a sua igreja.

Aqui aos pés de São Pedro, temos a figura do nosso Papa Francisco, símbolo daquele que deve nos animar na esperança, na fé e na caridade. Cada um de vocês, como batizados que somos, seguidores e amigos de Jesus, devemos ser sinais de coragem, esperança, entusiasmo e força para as outras pessoas.

São Pedro com suas chaves na mão ajuda a você a cuidar das chaves que o senhor o confiou, todo mundo tem uma chave, seja da casa e da sua própria vida, quem não cuida bem da sua própria vida perde tudo, todo mundo tem as chaves do coração, as chaves da casa, as chaves do trabalho, as chaves da igreja também, as chaves das pastorais, dos ministérios, todos nós governamos muitas coisas, portanto, que você e todos nós, sejamos a exemplo de Pedro, pessoas que a serviço da igreja e da comunidade, ajudando os outros a crescerem e serem firmes na fé, no amor a Cristo e no amor aos irmãos.

Posterior a oração de fé da comunidade, fez-se a leitura das preces, pedindo pela Igreja e sua missão, em especial pelo Papa Francisco, tendo os apóstolos Pedro e Paulo fieis ao evangelho. Os ritos da liturgia eucarística foram feitos como de costume, com as orações e consagração do pão e do vinho, e em seguida, a sua distribuição entre os fiéis. Depois das comunicações da programação semanal feitas a comunidade, o celebrante acolheu aos visitantes que estavam em Campina Grande para participar das festividades juninas. Como a Igreja tem parceria com a prefeitura no projeto “Fé e Cultura”, ocorreu encenação da música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, por jovens, bem como a apresentação da artista local Heloisa Olinto cantando a Ave Maria e algumas de Luiz Gonzaga, Elba Ramalho e Dominginhos. Ao dar a bênção final, o padre ressalta que a solenidade de Pedro e Paulo é a celebração do “amor pela igreja, Corpo místico de Cristo”.

Após o encerramento da missa, conversamos com uma fiel, a qual relatou sua relação de devoção com São Pedro, as alterações nas paisagens sonoras da igreja e a recepção da igreja para com os visitantes.

São Pedro tem as chaves do céu, ele faz uma ligação forte da gente com o mistério da outra vida, essa é minha percepção. E assim, tudo isso é uma questão de fé, você acredita ou não acredita. Vejo os santos como pessoas intercessoras, como elo na nossa fé em Cristo,

não pedimos aos santos, pedimos para que ele interceda a Jesus por nós. Jesus é o marco maior dentro da nossa Igreja Católica, ele é pai, filho e espírito santo. Sim, durante o mês de junho por uma questão cultural, aqui na catedral, fazemos os hinos da missa em ritmo de forró que é um dos elementos mais fortes do ciclo junino no Nordeste. Essa mudança nos instrumentos musicais e na própria melodia é um atrativo para os visitantes, muito católicos passam por aqui nesse mês (Isabel- Entrevista concedida em 29/06/2017).

#### 4.3.4 CANTINHO DA BÊNÇÃO

Como descrito no capítulo precedente a este, os evangélicos também participam da dinâmica festiva da cidade no mês de junho. Nos últimos quatro anos, o evento passa a congregar mais apoio da prefeitura, empresas e de algumas Igrejas Evangélicas Pentecostais, sendo importância para isso a ligação do Pastor Luciano Breno com as oligarquias locais, se reforçando com sua eleição como vereador de Campina Grande, passando a instituir trinta dias de festa (figura 27).

FIGURA 27 – Programação do Cantinho da Bênção



FONTE: <https://www.facebook.com/cantinhodabenciaopb/>.



Para tanto, as bandas oriundas de diversas partes de Campina Grande, de outros municípios e até de outros estados ficam a cargo de evangelizarem por meio da música. Grande parcela dessas tocam ritmos considerados por alguns como seculares, a exemplo do pagode, forró e axé<sup>25</sup>. No decorrer das apresentações, é indiscutível a empolgação dos fiéis, manifestando esses sentimentos por meio do canto e das danças.

Robson - Essa banda de axé gospel da Bahia é muito conhecida e trouxe esse público recorde para o cantinho. Para mim, ele é um lugar de aproximação, seja para romances, uma vez aqui já tive alguns, seja para uma aproximação maior com sua paz interior através da religião, pois é um lugar que fala muito de Deus, muito de Jesus, ambiente que transmite a paz para as pessoas. É um lugar de amizades, um ambiente familiar e eu traz momentos bons para quem participa (Entrevista concedida em 25/06/2017).

Conforme citado pelo fiel, o ambiente também dispõe de parque de diversões para crianças, estacionamento e venda de lanches para os que ali vão.

#### **4.4 ÁREA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE**

Durante os trinta dias de festa, alguns espaços públicos e privados acabam por se profissionalizarem para receber campinenses e visitantes, calcados nos discursos da identidade nordestina. Desse modo, no contraturno das atividades do Parque do Povo, o Sítio São João, Salão de artesanato da Paraíba, Parque da Criança, Museu do Algodão, Teatro Municipal Severino Cabral, Vila do artesão, São João do Carneirinho, Vila Junina e quadrilhando dispõe de uma vasta programação (Mapa 9).

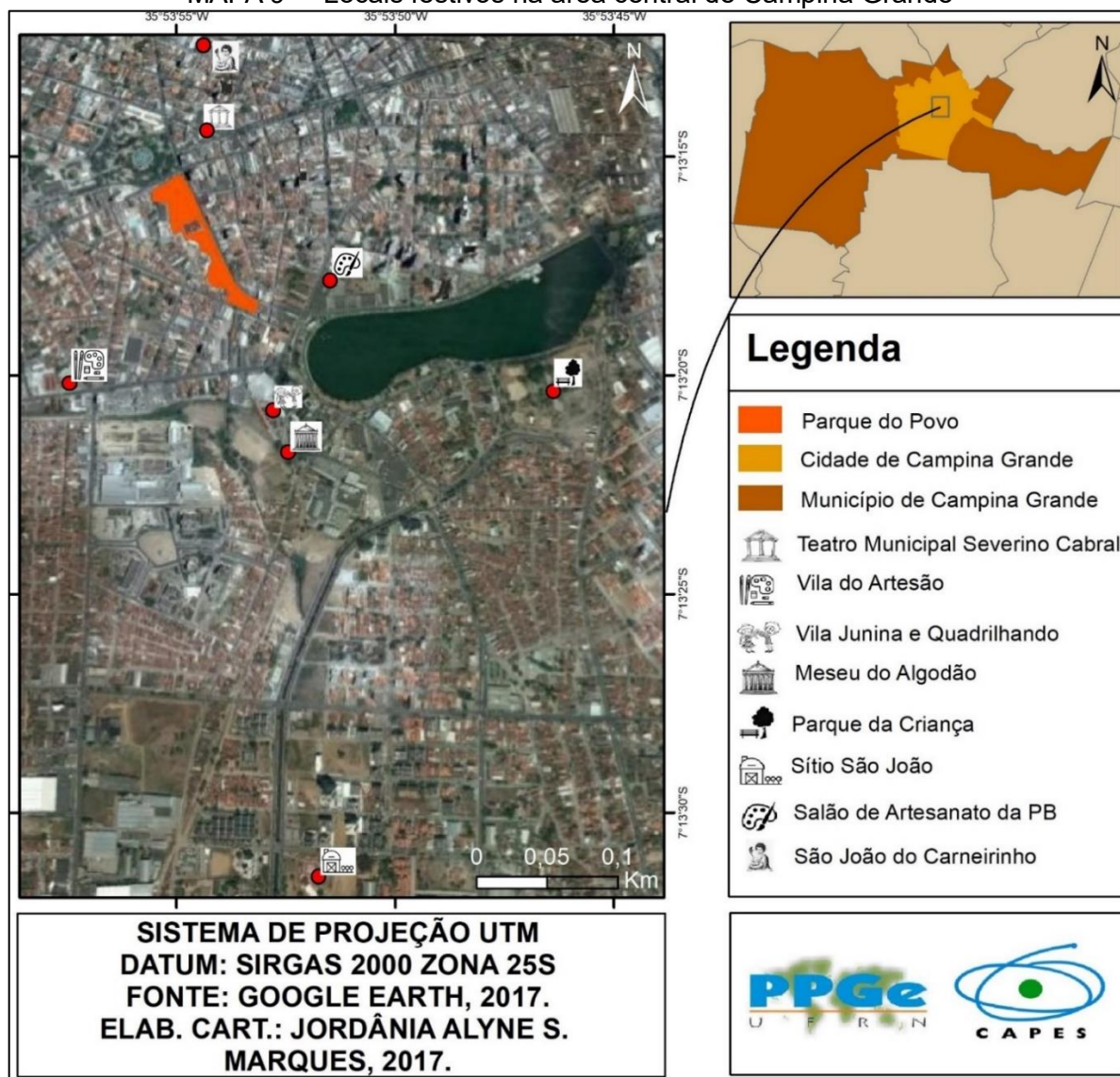
##### **4.4.1 PARQUE DA CRIANÇA**

No Parque da Criança, ocorre uma programação organizada pelas Secretarias de Esporte, Juventude e Lazer (SEJEL) e Desenvolvimento Econômico (SEDE), voltada para a prática de esportes e atividades físicas e recreativas, envolvendo: trilha e a corrida dos namorados, corrida da fogueira, corrida de saco e pau de sebo.

---

<sup>25</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c5BdqHYIaxI>.

MAPA 9 – Locais festivos na área central de Campina Grande



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

#### 4.4.2 MUSEU DO ALGODÃO

O Museu do Algodão tem a função de apresentar a história do ciclo algodoeiro de Campina Grande e recepcionar os foliões que embarcam no trem do forró em direção ao distrito de Galante. Além disso, em seu entorno ocorre a Corrida de Jegue e o desfile das carroças ornamentadas com temas regionais, popularmente conhecida como a “Carroceata”, que passa pelas principais ruas do centro de Campina Grande. Esses rituais criados pela gestão municipal com vista principalmente a atividade turística, buscam “fazer com que os rituais relativamente novos e as tradições pareçam antigos e estáveis” (SCHECHNER, 2012, p.84).

#### 4.4.3 VILA JUNINA E QUADRILHANDO

A vila Junina e quadrilhando são direcionadas para a comercialização de bebidas, alimentos nas barracas e nos *foods truck*, apresentações de trios de forró, brincadeiras para crianças e apresentações das quadrilhas que integram a ASQUAJU-CG, fazendo sua dança de acordo com a temática do ano de cada quadrilha, e por fim, fazem uma quadrilha tradicional, momento no qual todos os presentes são convidados a dançarem, causando nesses nostalgias e recordações de quando de outras festividades juninas. É válido salientar que esse evento foi idealizado

Entre 2014 e 2015, quando o SEBRAE veio a Campina Grande para desenvolver um produto turístico junto as quadrilhas juninas. Realizamos um ano de curso com eles, daí em 2016 fomos ao Rio de Janeiro conhecer a liga das escolas de Samba com o objetivo de saber como eles captavam recursos para as suas agremiações, logo nosso dever de casa foi criar um evento semelhante aqui em Campina, daí criamos o quadrilhando, que é um evento onde tem quadrilhas juninas tradicionais e/ou matutas, música, dança e barracas no entorno. Em 2016 realizamos o quadrilhando dentro do SESI e foi um sucesso total, eu viajei para São Paulo, Goiás e o Brasil quase todo dando palestras sobre o quadrilhando (Entrevista concedida pelo presidente da ASQUAJU-CG, em 27 de Junho de 2017).

Além disso, esse local também foi palco de apuração do concurso campinense de quadrilhas juninas, na parte central do tablado estavam dispostas mesas para os coordenadores das juninas filiadas, ficando os demais membros e simpatizantes mais afastados nas laterais (Figura 28).

FIGURA 28 – Apuração das notas



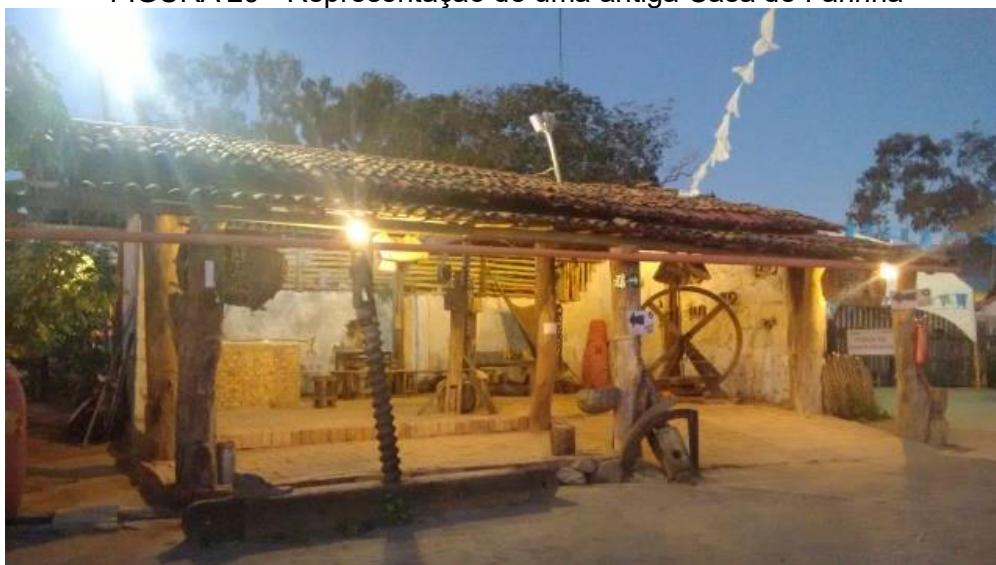
FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

A cada nota anunciada, principalmente chegando a parte final da apuração, a euforia ia tomando conta dos presentes. Ao final, tendo como campeãs a Moleka Sem Vergonha, Mistura Gostosa e Cambebas, muitos integrantes choraram, uns pela felicidade de estar entre as três melhores e se classificarem para a etapa estadual, e outros por não conseguirem chegar a esse fim<sup>26</sup>.

#### 4.4.4 SÍTIO SÃO JOÃO

No sítio São João, materializam-se imagens estereotipadas dos valores culturais da região nordeste, sendo uma maneira de formação do imaginário social. Nesse sentido, evocam-se elementos constituintes de um passado por meio dos hábitos e objetos do campo, a exemplo de comidas feitas com milho e da casa de farinha (Figura 29). Ativa-se igualmente a religiosidade vinculada à Igreja Católica, trazendo para a festa a reprodução de capelas com imagens dos santos comemorados no mês de junho.

FIGURA 29 - Representação de uma antiga Casa de Farinha



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

---

<sup>26</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6LhSGiTVOc>



#### 4.4.5 TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL

Em 2016, o Teatro Municipal Severino Cabral sediou exposições de obras de arte e musicais contando a história do forró. No transcorrer do musical “O *Fole Roncou!*”, existe ainda uma visibilidade de um Nordeste pautado na miséria e na seca, apresentam-se ícones da música como Jackson do Pandeiro, Marinês, Luiz Gonzaga e Genival Lacerda. Além do mais, em suas intermediações, em 2017, ocorreram desafios de *hip hop*.

#### 4.4.6 VILA DO ARTESÃO

A vila do Artesão é um prédio da prefeitura de Campina Grande composto por 77 chalés, em cada um desses tem três artesões, os quais contribuem mensalmente com a quantia de 35 reais para ajudar na manutenção do local. Lá se comercializa uma variedade de artesanatos variados. Além do mais, em 2017, ocorreram celebrações eucarísticas, apresentações de grupos de danças e forró pé-de-serra<sup>27</sup> (Figura 30). De acordo com os comerciantes, a renda auferida no período junino é quem sustenta a sua atividade comercial no transcorrer do ano. Logo, o “São João é a melhor época para nós que somos artesões, é como se ele fosse o Natal em termos econômicos” (Raquel – Entrevista concedida em 20 de junho de 2017).

FIGURA 30 – Praça de alimentação com animação do trio de forró



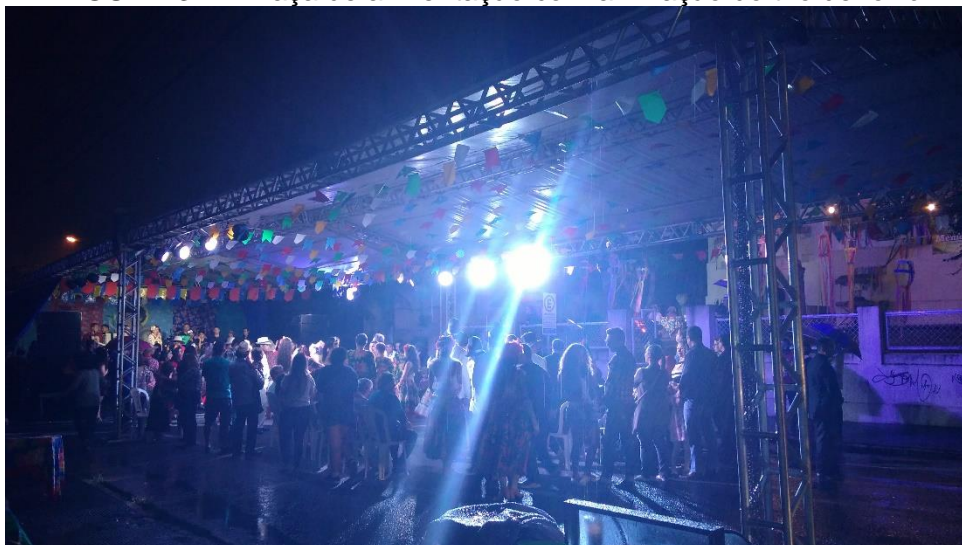
FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

<sup>27</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nc8xlzfQ920>.

#### 4.4.7 SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO

O São João do Carneirinho é organizado por uma ativista cultural, Eneide Agra, tendo o ensejo de “resgatar apresentações de grupos folclóricos culturais<sup>28</sup> e forró autêntico. Aqui fazemos o menor São João do Mundo, o João pequenino e simples, não precisamos de grandiosidade” (Eneide – Entrevista concedida em 23 de junho de 2017). Para a realização do evento, a organizadora conta com o apoio da Pró-Reitora de Cultura da Universidade Estadual da Paraíba e Secretária de Cultura de Campina Grande. Lá, no dia 14 de junho, ocorreram apresentações de grupos folclóricos culturais e o show com a caririseira Sandra Zabele (Figura 32).

FIGURA 31 – Praça de alimentação com animação do trio de forró



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

#### 4.5 ENTORNO DO PARQUE DO POVO

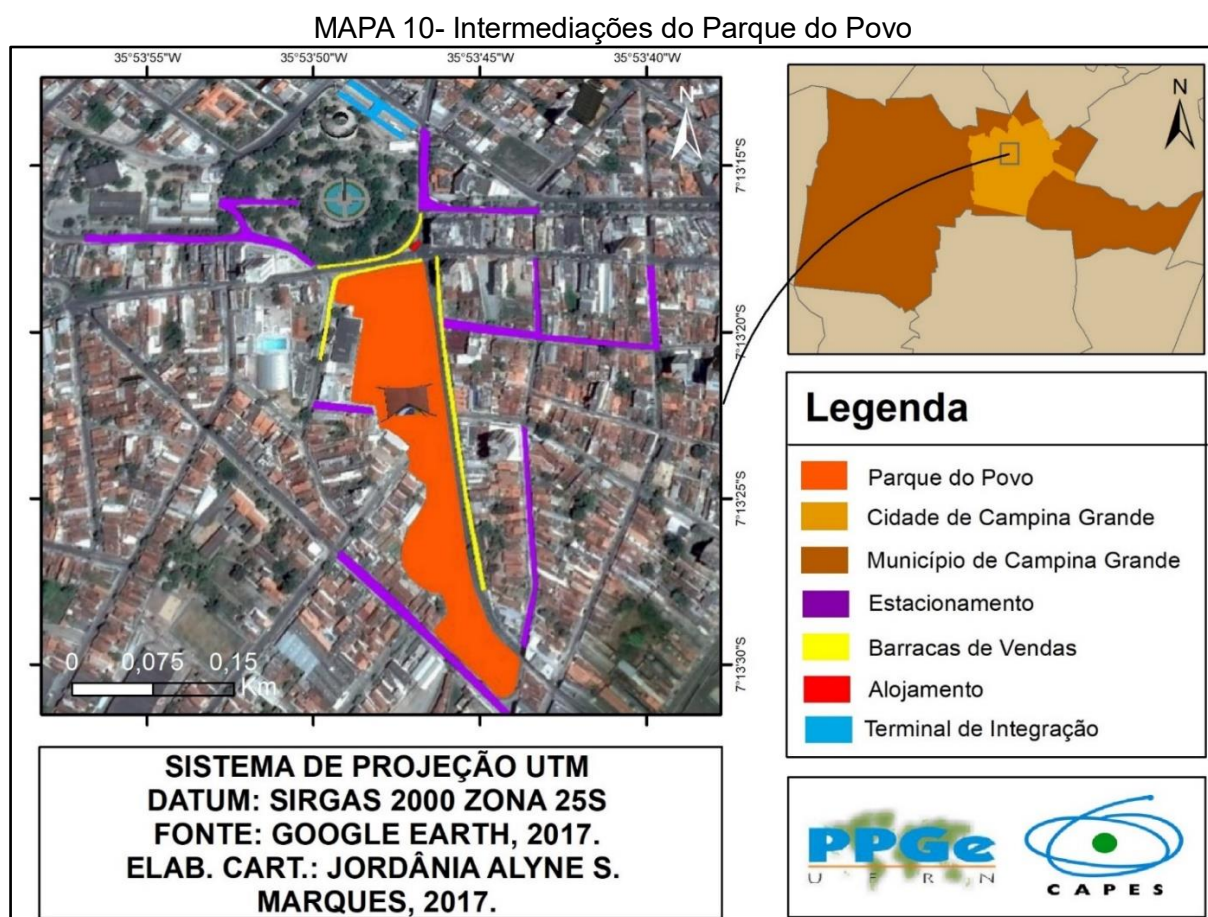
As intermediações do Parque do Povo passam a ser dotadas de importância econômica no período festivo, tanto para a alocação de imóveis e estacionamentos quanto para comercialização de alimentos (Mapa 10).

Ao final do mês de maio, se fortalece a procura por hospedagem no entorno do Parque do Povo, e além dos estabelecimentos formais, algumas famílias locam ou recebem em suas residências visitantes, pois, de acordo com Castro (2012, p. 65), “as pessoas alugam para aumentar a sua renda ou garantir a sua sobrevivência e não

---

<sup>28</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBrSA7d7II8>.

por causa de um suposto desencantamento pela sua residência, que continuará sendo importante do ponto de vista afetivo como espaço significativo”. Tal fato se reverbera no aumento do valor dos alugueis de casas e apartamentos no centro e no bairro São José.



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Com a chegada dos vendedores, as calçadas das ruas (Sebastião Donato, Paulino Barbosa e Lino Gomes da Silva), bem como as margens do Parque Evaldo Cruz/Açude Novo e proximidades do terminação de integração de passageiros passam a ser ocupadas por barracas e tendas com vendas de variados alimentos, tais como: batatas fritas, milho, maçã do amor, salgados, churrasquinhos, hambúrgueres, algodão doce, bebidas e acarajé (Figuras 32).

Ampla parcela desses comerciantes acaba por alojar-se dentro e/ou lado de suas barracas e tendas, visto que esses não possuem poder aquisitivo para pagar hospedagem (Figura 33). Assim, para higienização pessoal, necessidades fisiológicas, lavar roupas e utensílios domésticos, fazem uso dos banheiros e das torneiras instaladas no interior do Parque Evaldo Cruz.



FIGURA 32 – Barracas no entorno do Parque Evaldo Cruz



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 33 – Alojamento



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Ao conversar com uma vendedora de acarajé, ela expôs sua indignação com relação à ausência de apoio para prefeitura: “só porque não temos dinheiro para estar dentro do Parque do Povo, isso não quer dizer que não merecemos respeito, deveriam disponibilizar ao mesmo uma água de boa qualidade e mais banheiros químicos” (Aline – Entrevista concedida em 10 de junho de 2017).

Chegando a primeira semana de junho, mudam-se rotas de veículos em algumas ruas do centro da cidade, aumenta-se a frota e estende-se o horário de circulação dos ônibus urbanos para propiciar o deslocamento das pessoas em direção à comemoração, e as ruas paralelas se transformam em grandes estacionamentos ao ar livre.

Aos finais de semanas, véspera de São João e nos dias de atrações musicais do *mainstream*, a exemplo de Aviões do Forró, Wesley Safadão, Marília Mendonça e Padre Fábio de Melo, os estacionamentos ficam bastante cheios, uma vez que, além dos cidadãos e turistas, acrescenta-se os sujeitos advindos dos municípios próximos a Campina Grande. No sistema chamado de “bate e volta”, deslocam-se carros particulares, vans e ônibus fretados.

As ruas apontadas no mapa acima, nas cores roxo e amarelo, não são usadas apenas do ponto de vista de sua materialidade, o símbolo também aparece através das pichações (Figuras 34 e 35) desejando “provocar, gerar desconforto, transgredir e demarcar territórios simbólicos e criar fama entre os semelhantes” (COSTA e DOZENA 2014, p. 66).

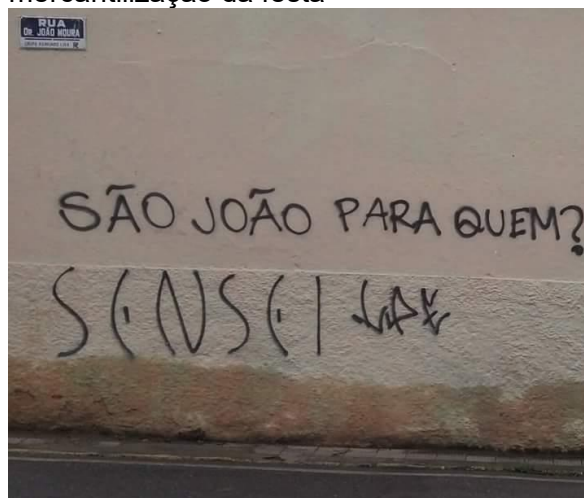


FIGURA 34 – Críticas ao presidente



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 35 – Insatisfação com relação a mercantilização da festa



FONTE: Autor desconhecido, disponibilizado por um membro do Grupo do facebook "Festas Juninas de Campina Grande"

Na rua Dr. João Moura, a parede de uma residência é suporte de mensagens apresentando descontentamento com relação ao processo de terceirização da festa. Já na Paulino Barbosa é usada para demonstrar insatisfação com a atual conjuntura política do Brasil, com críticas direcionadas ao presidente da república por meio de uma fixação na estrutura que circunda o Parque do Povo.

#### 4.6 PARQUE DO POVO: O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Em Campina Grande, alguns críticos, há anos, questionavam os altos investimentos públicos na festividade junina, haja vista a necessidade de melhorias na educação, saúde e serviços urbanos básicos. Sob essa ótica, as tensões nas festividades juninas no Parque do Povo, em 2017, começaram desde o anúncio da terceirização da mesma, agravando-se com a divulgação da programação do palco principal.

A presença de artistas sertanejos, de forró eletrônico, *axé music* e de *funk* dividiu opiniões, alguns festeiros elogiaram as atrações, em contrapartida, outros se manifestaram combatendo veementemente os *shows*, em consonância com os *emotions* atribuídos aos nomes dos artistas (Figura 36).

Figura 36 – Manifestação com relação a programação do palco principal



FONTE: Autor desconhecido, disponibilizado por um membro do Grupo do facebook “Festas Juninas de Campina Grande”.

Ao utilizarem a *#devolvameusaojoao* nas redes sociais, artistas nordestinos e festeiros argumentavam a perda de autenticidade da comemoração “a curto prazo a terceirização pode até trazer ganhos econômicos, porém, a longo prazo vai diminuindo a identidade nordestina” (Paulo – Entrevista concedida em 10 de junho de 2017).

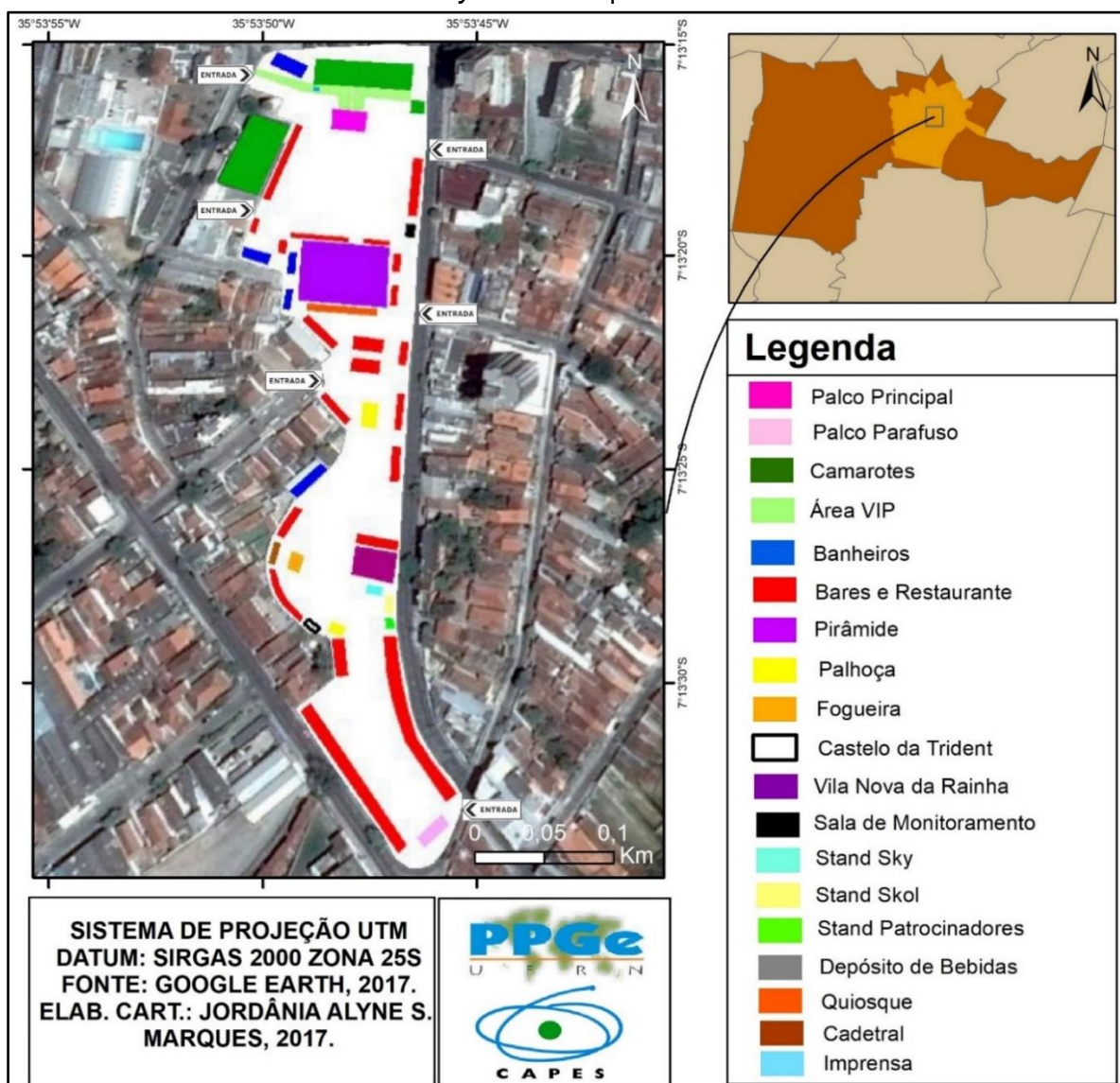
Tendo como arcabouço as postulações de Bezerra (2006), Castro (2012) e Lima (2008), a festa junina do Parque do Povo transformou-se em um megaevento que acarreta em ganhos econômicos para empresários e comerciantes, além do uso midiático na dimensão política partidária. A empresa Aliança, responsável pelo evento (que iniciou em 2016 e se prolongará até 2036, sendo aprovado na câmara municipal de Campina Grande), busca atrair empresas para patrocinarem a festa junina, e em contrapartida, suas marcas ganham visibilidade em telões, televisão, redes sociais digitais, bem como a venda exclusiva dentro do local festivo.

É válido salientar ainda que os empates entre a empresa e os vendedores do Parque do Povo foram intensos, pois a empresa aumentou consideravelmente os

valores dos alugueis de quiosques, bares e restaurantes, bem como as bebidas e gelo só podiam ser compradas no depósito da patrocinadora Ambev, no qual os valores acima do mercado, conforme relatos de comerciantes entrevistados.

Considerando a lógica mercadológica na qual a festividade está envolvida, a representação cartográfica abaixo (Mapa 11) visibiliza o *layout* da festa que teve início no dia 2 de junho<sup>29</sup> e se encerrou em 2 julho de 2017. Nota-se uma racionalidade das formas rígidas fixas e efêmeras (CASTRO, 2012), configurando um desenho e/ou uma forma da festa, contendo palco principal e secundário, camarotes, pirâmide, quiosques, bares, restaurantes, palhoças de forró pé-de-serra, cidade cenográfica, banheiros e *stand* de patrocinadores.

MAPA 11 – *Layout* do Parque do Povo em 2017



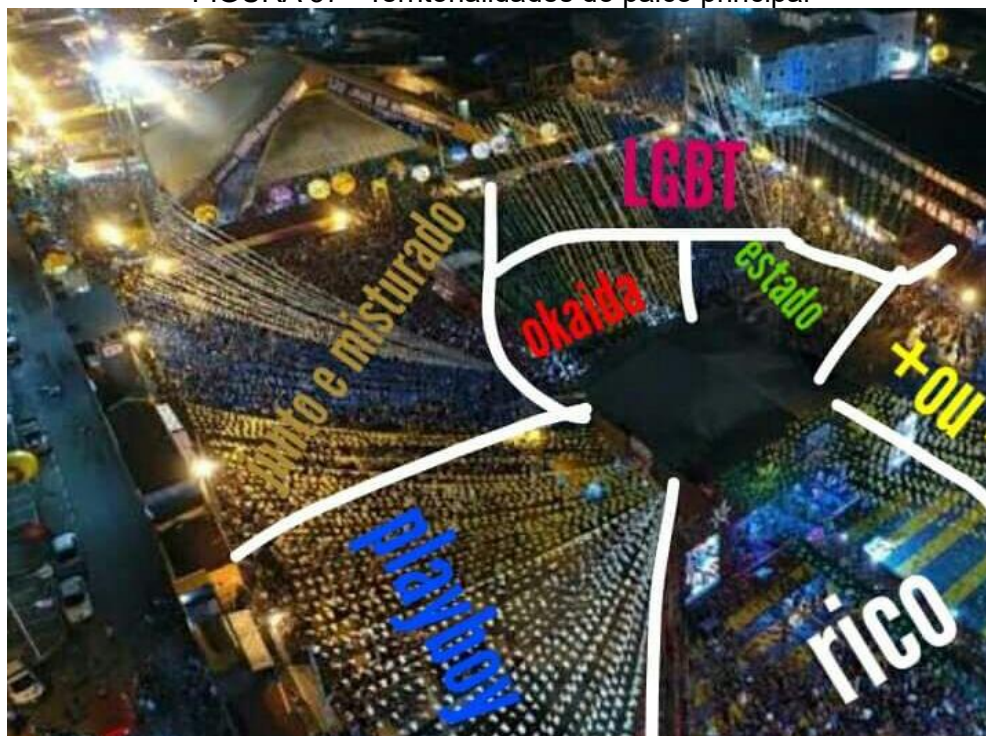
FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

<sup>29</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M1zyJ1W3uD8&t=101s>.



Deste modo, no Parque do Povo, existe uma segmentação do ponto de vista socioeconômico e de orientação sexual que se reverbera no território e produz territorialidades, nas proximidades do palco principal, inclusive os próprios festeiros percebem isso e as mapeiam (Figura 39).

FIGURA 37 – Territorialidades do palco principal



FONTE: Autor desconhecido, disponibilizado por um membro do Grupo do *facebook* “Festas Juninas de Campina Grande”.

É claro o aumento da extensão privada em frente ao palco principal por meio dos camarotes e área *vip*, além do mais os maiores banheiros fixos do local ficaram dentro dessa área (Figura 37 e 38).

FIGURA 38 – Camarote arretado



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 39 – Camarote arretado



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Sobre as territorialidades LGBT, ela se dá de modo especial no Bar do Tenebra, considerado por seus frequentadores como um local democrático e alternativo, “as pessoas que o frequentam são livres de preconceitos. Além de tocar de tudo, gosto especialmente quando começa o Ragatanga do Rouge” (Depoimento concedido em 12 de junho de 2017).

Até 2006, o bar era um pequeno quiosque que vendia a cachaça da casa (Misteriosa do Encanto) e reproduzia ritmos nordestinas (coco, maracatu, ciranda, mangue beat e forró), músicas brasileiras de outros seguimentos, além de ser um espaço de venda de CDs de artistas paraibanos. No ano subsequente, deu-se início às divergências entre o proprietário e a coordenação do evento, pois essa passou a questionar o uso do som e o perfil dos frequentadores do estabelecimento, em sua maioria: cabeludos e tatuados com brincos e *piercing*. Apesar disso, o ano de 2008 foi marcado pela resistência tanto por parte do dono quanto por parte de seus frequentadores.

Toda sexta e sábado, a partir da meia noite, era um "mar de gente" em frente ao quiosque de 2 metros quadrados. O proprietário relata sobre sua resistência e afirma: "fomos multados, ameaçados e depois subornados a tirarem a multa em troca de apoio político. Não cedi e começou um novo processo, o de criar um bar dentro do Parque do Povo, todo legalizado, e sem dever nada a nenhuma esfera pública" (Depoimento concedido em 12 de junho de 2017).

Após esse período, de 2009 a 2014, houve a configuração do Palco Multicultural do Tenebra, simultaneamente à programação oficial do Palco Principal e das palhoças, evidenciando o encontro de ritmos regionais<sup>30</sup>:

Escolhi ficar no local menos movimentado, a coordenação me alertou que lá era complicado para vendas, devido à baixa circulação de pessoas, mesmo assim pedi para ficar na última barraca do local, para poder fazer na pista e não ter proibição de som, resultado, lotamos a área em 2015 e 2016. Um dos nossos diferenciais para atrair tanto público é fazer com que aquele espaço seja uma zona livre de preconceitos, principalmente dos homofóbicos. Compartilhamos o espaço democraticamente e ficamos atentos aos movimentos preconceituosos, por entender que todos tem o direito de ir e vir e de serem quem são sem interferências da sociedade (Depoimento concedido em 12 de maio de 2017).

---

<sup>30</sup> Sugerimos o vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4gsq6ZScBs>.

Em 2017, a determinação foi de não utilizar sons nas barracas, ocorrendo a violação dessa normatização pagaria uma multa de 100 mil reais (Figuras 40 e 41). No entanto, o depoente nos afirma:

Conseguimos com um abaixo assinado e com muito diálogo a liberação, nossos clientes ajudaram muito. Além de ajudar a conseguir as assinaturas, eles contribuíram para a arrecadação do valor do aluguel do nosso espaço com uma vaquinha *online* (Depoimento concedido em 12 de junho de 2017).

FIGURA 40 – Bar do Tenebra



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

FIGURA 41 – Posicionamento político do proprietário do bar



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

As imagens acima, apontam para o público que frequenta a barraca, em conformidade com a narração do seu proprietário. Além disso, evidencia-se seu posicionamento político no que se refere ao atual cenário político do Brasil, travado entre direita e esquerda.

Na pirâmide, realizou-se casamento comunitário, *shows* de trio de forró e apresentações de quadrilhas e grupos folclóricos (Figura 42), com destaque para o concurso de quadrilhas juninas de Campina Grande nos dias 9 e 10 de junho de 2017.



FIGURA 42 – Pirâmide



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

As quadrilhas trouxeram muito brilho, música ao vivo, cenografias, coreografias e temáticas variadas, desde a fertilidade da terra no Nordeste, indo até religiões afro-brasileiras. Todavia, antes de começar, a associação deve problemas com a empresa organizadora do evento, conforme o depoimento abaixo:

Estamos vendo uma certa descaracterização do Parque do Povo, estão elitizando uma festa que é do povo, e assim, esse ano ocorreu um grande desrespeito com relação a pirâmide, foi uma luta férrea para que a conseguíssemos de volta para as quadrilhas. A pirâmide é casa das quadrilhas em Campina Grande, é um símbolo para todo o Nordeste e para todo quadrilheiro. Infelizmente a Aliança não queria permitir que o festival lá ocorresse e os nossos governantes não podem deixar uma empresa fazer isso com a nossa cultura. O São João é uma festa do povo e para o povo, o Parque do Povo é do povo, o próprio nome já indica, não é justo que nenhuma pessoa ou empresa chegue e queira o transformar em uma festa de riquinho, em um open bar, área prime, ali é do povo (Marcos - Entrevista concedida em 11 de junho de 2017).

Resolvidos os empasses, as quadrilhas voltaram a se apresentar no local de costume. Antes das 19 horas, as arquibancadas estavam totalmente repletas de espectadores, muitos vestidos com as camisas de suas juninas preferidas e com bolões de ar na cor da sua favorita, sendo estes geossímbolos, definidos, segundo Bonne-maison, 2002, p. 109) “como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume

uma dimensão simbólica que os fortalecem em sua identidade”, potencializando as disputas entre as principais rivais, Moleka Sem Vergonha e Mistura Gostosa.

Nos bastidores de cada apresentação, notava-se a ansiedade, preocupação e muita emoção, as juninas faziam orações e entregavam aquele momento a divindades, por meio de orações pessoais e coletivas (pai nosso). Adentrando a Pirâmide, os simpatizantes de cada quadrilha, em grande parte originários do bairro da junina, exteriorizavam por meio de gritos, músicas e gestos a felicidade em vivenciar o espetáculo.

Saindo da Pirâmide, com direção a parte inferior, tem-se as palhoças<sup>31</sup> de forró, as quais são mais frequentadas por adultos e idosos, bem como, o espaço da Ypióca<sup>32</sup> (Figura 43).

FIGURA 43 – Palhoça de forró



FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Seguindo, encontramos a réplica da Catedral Diocesana Nossa Senhora da Imaculada Conceição com exposição das imagens dos santos juninos e de quadros

<sup>31</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8-eQtUsiV1I>.

<sup>32</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kg3juQGcnQs>.



feitos com base em narrativas bíblicas. Na Vila Nova da Rainha, localizam-se a imprensa e vendedores de artesanato, ao lado os *stands* de patrocinadores do evento, com destaque para a Vila Skol<sup>33</sup> com reprodução de música eletrônica (Figura 44).

Quanto mais distante da pirâmide maior o tamanho dos bares, a diversidade de alimentos e o poder aquisitivo de seus frequentadores, estando esses próximos ao palco parafuso, onde ocorrem apresentações de bandas de forró. Todavia, mesmo em meio ao caráter mercadológico da festa, as pessoas estabelecem vínculos de afetividade com o local, constroem territorialidades, além de ser um momento de encontros de amigos e familiares.

FIGURA 44 – Vila Skol



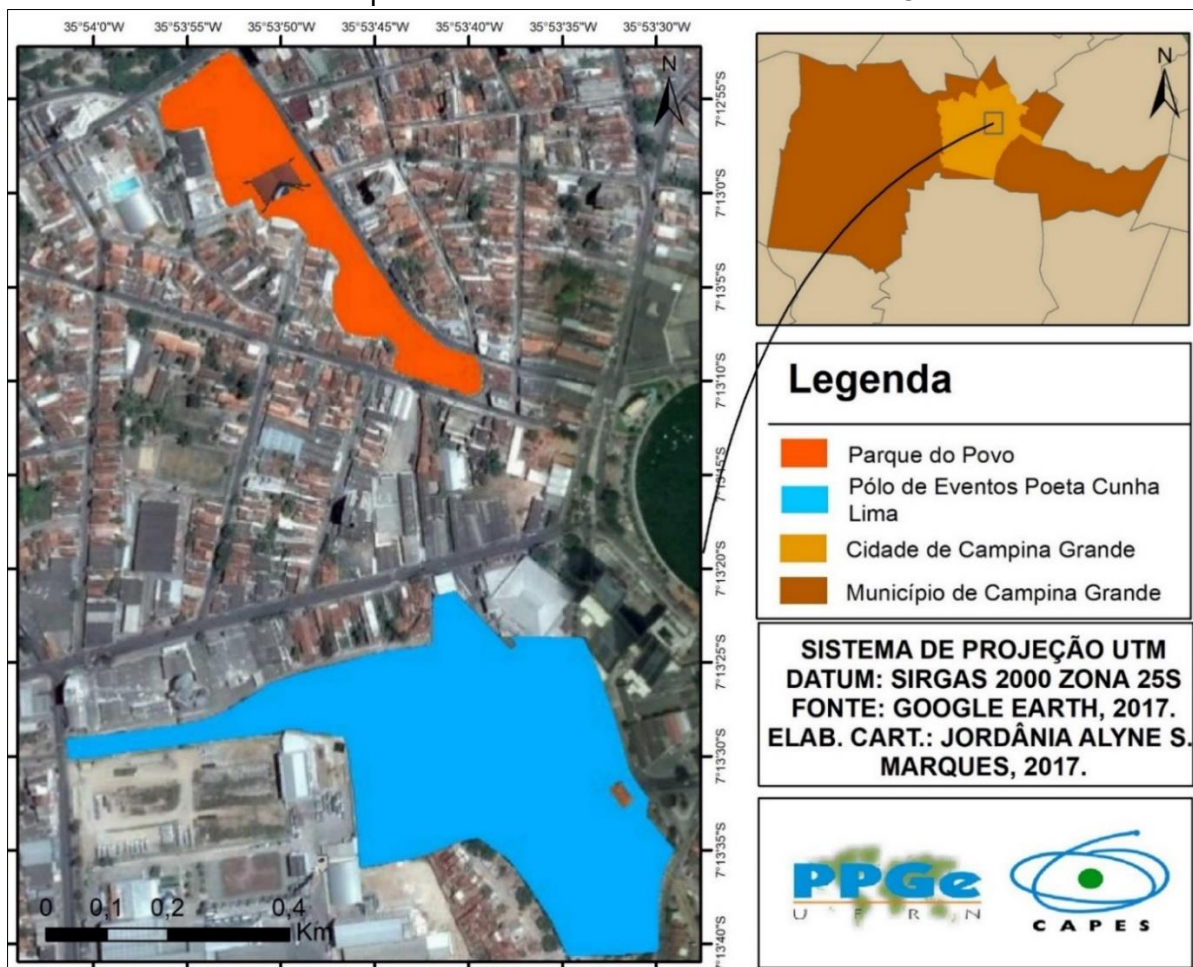
FONTE: Jordania Alyne Santos Marques (2017).

Durante o encerramento da festa, em 2 de julho de 2017, os impasses e tensões continuaram, muitos barraqueiros e brincantes comentavam sobre o futuro da festa, levando em consideração a parceria com a iniciativa privada.

Um mês após o encerramento das festividades, a gestão municipal enviou para Câmara de vereadores um projeto de lei autorizando a empresa Aliança gerir por durante 20 anos a festividade, a qual, deverá no próximo ano (2019) ser transferida do Parque do Povo para o Polo de Eventos Ronaldo Cunha Lima (Mapa 12).

<sup>33</sup> Registro videográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SjhA9V8UYHE>.

MAPA 12 – Parque do Povo e Polo de Eventos Ronaldo Cunha Lima



FONTE: MARQUES, Jordania Alyne Santos (2017).

Ao receber essa notícia, muitos festeiros reagiram com *emoticons* representando raiva e tristeza, além disso, muitos se posicionaram por meio de textos em redes sociais digitais e jornais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi abordado, factualmente, as festas juninas têm feito parte da dinâmica urbana de Campina Grande, a datar da década de 1940, momento marcado pela constituição de suas áreas periféricas, em decorrência dos processos migratórios. Logo, as confraternizações ocorriam de modo espontâneo, reafirmando as proximidades, os laços de afetividade e sociabilidade entre os amigos e familiares em suas residências e nas ruas, posteriormente, as elites passam também a festejar em clubes e associações.

A partir da década de 1980, com o “projeto junino” tendo como carro chefe as quadrilhas juninas, a gestão municipal passa a investir na centralização da comemoração, inicialmente em dois espaços: Açude Novo e Estação Velha. Todavia, é quando Ronaldo Cunha Lima retoma sua hegemonia política na cidade e constrói o Parque do Povo em 1986, que amplia a espetacularização midiática e turista da festa junina na cidade.

Sob essa ótica, os esforços passam a ser direcionados para “O Maior São João Mundo”, com a extensão temporal de trinta dias, envolta de uma perspectiva econômica, visando atrair turistas, sendo vendida a imagem de uma identidade nordestina construídas discursivamente pelas oligarquias agrárias, calcadas na ruralidade, religiosidade e como um povo forte mesmo em meios as adversidades empostas pelos longos períodos de estiagem.

Dito isto, nesta pesquisa, buscamos perpassar os territórios festivos dessa cidade, a fim de compreender as apropriações territoriais mediadas pelas práticas sociais e representações subjetivas na festa junina de Campina Grande. Para alcançar tal fim, foram basilares aos procedimentos metodológicos operacionais, realizamos previamente as identificações dos locais festivos por intermédio das Sociedades de Amigos de Bairros (SAB), quadrilhas juninas e grupo “Festas juninas de Campina Grande”, na rede social *Facebook*. Em seguida, utilizando-se da abordagem qualitativa, através das técnicas do diário de campo, observação participante, entrevistas, diálogos abertos, netnografia/etnografia digital, bem como registros fotográficos e videográficos possibilitaram nossas idas a campo.

Assim sendo, nos deparamos com apropriações marcadas por tensões, conflitos e sentimentos de pertencimento aos locais festivos. Em meio a festividade para

fins turísticos, os territórios festivos dos bairros têm decrescido? Em partes, sim. Dentre vários fatores, podemos citar as intervenções no espaço urbano que limitam o acendimento de fogueiras, o crescente índice de violência urbana, ausência de aporte financeiro por parte da prefeitura municipal e desinteresse dos mais jovens.

Podemos falar do fim das festas juninas nos bairros e nas famílias? Não podemos falar em um término, mas em espaços que são ressignificados, territorializados, desterritorializados e reterritorializados. Vejamos os bairros Bela Vista, Bodocongó, Distrito Industrial, Dinamérica, Jardim Quarenta, Nova Brasília e Santo Antônio, como territórios de resistência em meio a mercantilização vigorante, tendo como principais organizadores a Igreja Católica e as Associações de bairros, mediante as celebrações eucarísticas, novenas, quermesses, corrida de jegue, apresentações musicais e de quadrilhas, com amplo uso dos espaços públicos. Em alguns desses locais, a gestão municipal, vereadores e deputados apoiam as comemorações com a disponibilização de sonorização e iluminação, trazendo nas entrelinhas a conquista de votos no próximo pleito eleitoral, uma vez que os presidentes das associações de bairros possuem liderança na comunidade.

O que dizer sobre os territórios religiosos? As manifestações religiosas acontecem nos bairros Bodocongó, Jardim Quarenta, Palmeira e Santo Antônio e no centro da cidade na Catedral Diocesana Nossa Senhora da Imaculada Conceição e no Cantinho da Bênção. Esses dois últimos, diferentes dos primeiros citados, recebem estímulos da prefeitura para sua realização, e por possuírem uma relação estreita com os organizadores da festa profissionalizada, são apresentados como locais para turistas irem durante a programa do mês festivo.

Na área central da cidade, no Teatro Municipal Severino Cabral, Vila do Artesão, Salão de Artesanato da Paraíba, Museu do Algodão, Parque da Criança, Sítio São João, São João do Carneirinho, Vila Junina e Quadrilhando, tem-se atividades voltadas para visitantes e cidadãos com apresentações de bandas de forró, peças teatrais, de quadrilhas e grupos de danças folclóricas, bem como, comercialização de artesanatos e práticas de esportes.

Nas intermediações do Parque do Povo, os territórios são apropriados por flanelinhas, mototaxista e taxista nos estacionamento, comerciantes de alimentos e bebidas nas calçadas das ruas e no entorno do Parque Evaldo Cruz, usando-as não apenas para vender seus produtos, como também para se alojarem durante os trinta dias de festa. Além do mais, as paredes da estrutura metálica do Parque do Povo e

da parede de casas são suportes de mensagens de descontentamento com a atual conjuntura política do Brasil e os processo de terceirização da festa junina na cidade, por intermédio de pichações.

No Parque do Povo, os embates territoriais ocorrem antes mesmo da festa começar, desde o anúncio da programação oficial do palco principal, sendo mal vista por alguns dos nossos entrevistados, já que, as grandes bandas de forró estilizadas, *axé music*, *funk* e sertanejos ganham espaço na festa junina. A presença dessas possuem uma relação estreita com a privatização da festa juninas, uma vez que, ao financiar uma festa desse porte, os patrocinadores esperam retorno positivo. Assim sendo, essas atrações simpatizadas pela grande massa é um “tiro certo” para bater suas metas de vendas.

Como consequência do seu caráter mercadológico, as tensões são arridas pela segregação socioespacial condicionadas pelas condições socioeconômicas dos sujeitos, as quais ditam onde permanecem no local festivo. Acrescenta-se ainda resistências no que concerne às territorialidades alternativas, com destaque para o público LGBT e quadrilhas juninas estilizadas. Todavia, mesmo em meio a essa lógica de venda da comemoração, os indivíduos possuem relações de afetividade com as festividades do Parque do Povo.

Portanto, é inegável a concentração, espetacularização e hegemonia das festas juninas oficiais em Campina Grande, que acabou por comprometer a espontaneidade de algumas festas de bairro, todavia, essas coexistem. Assim, ambas as modalidades festivas continuam em um constante processo de reinvenção e recriações, são realizadas a partir da disputa territorial e de uma tensão sobre o lugar da festa, do ponto de vista material e simbólico

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2º ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; São Paulo: Crotez, 2001.

\_\_\_\_\_. **A feira dos mitos**: A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

ÁLVAREZ, C. A. M. **Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa: Guia didáctica**. Universidad Surcolombiana, Neiva, 2011.

AMARAL, A; NATAL, G; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. Porto Alegre: **Revista FAMECOS**, n. 20, dez. 2008.

AMORIM FILHO, O. B. A. Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n.21-22, p. 67-87, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. – São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAYER, H de A. **Pelos caminhos de um labirinto**: Reflexões sobre as territorializações do medo no bairro de Candelária, Natal-RN. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN. 2016.

BESSA, A. S. M; ÁLVARES, L. C. **A construção do turismo**: megaeventos e outras estratégias de venda das cidades. Belo horizonte: C/ Arte, 2014, 140p.

BEZERRA, A. C. **A (re) invenção das Festas e da Identidade no espaço urbano de Mossoró -RN**. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Estudos Gerais, Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, Niterói- Rio de Janeiro. 2006.

BONJARDIM, S. G.M; ALMEIDA, M. G de. Templos rituais como patrimônio cultural: A geografia nas Análises da Religião. In.: VARGAS, M. A.M; DOURADO, A. M; SANTOS, R. H dos (Orgs). **Práticas e vivências com a Geografia Cultural**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2015.

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z (Orgs.). **Geografia Cultural**: Um século (Vol. 3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CASTRO, I. E de. O problema da escala. In. CASTRO, I. E; GOMES, P. C da C; Corrêa, R. L.(Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CASTRO, J. R. B de. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

CASTRO, N. A. R de. **O Lugar do turismo na ciência geográfica**: Contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JÚNIOR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CHIANCA, L. **São João na Cidade**: ensaios e improvisos sobre as festa junina. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 59-97.

\_\_\_\_\_. "A volta do cultural" na geografia. **Mercator** v. 01, n. 01, p. 19-28. 2002.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da Geografia**. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a.

\_\_\_\_\_. A festa e a Cidade. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) v. 1, n. 1, 27-42, 2011b.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito chave da Geografia. In. Castro, I. E; Gomes, P. C da C; Corrêa, R. L.(Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **Olhares Geográficos**: Modos de ver e viver e espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, M de V; ROZADOS, H. B. F. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. In.: **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n.49, p. 1-18, maio/ago, 2017.

COSTA, J. H. **Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2012.

COSTA, P. R. M da; DOZENA, A. Paredes que falam: simbolismo e transgressão espacial na cidade de Natal – RN. In.: **Geograficidade**. v. 4, n. 1, 2014.



DARDEL, E. **O homem e a terra**: a natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectivas, 2011.

DEL PRIORE, M. L. **Festa e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DOZENA, A. **As territorialidades do Samba em São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Territorializações Urbanas Como Práticas de Resistência. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 215-228, 2012.

EULÁLIO, M. D. **Bate coxa em Campina Grande**: História social do forró na cidade do "Maior São João do Mundo" (1950-1985). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

FERNANDES, M. L. Um outro horizonte em busca da humanização da Geografia. In.: **Geograficidade**, v.4, n.1, 2014.

FERNANDES, N da N. Geografia Cultural, festa e cultura popular: limites do passado e possibilidades do presente. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 23-43, jan./jun. 2003.

FERNANDEZ, P. S. M. Das viagens às Geografias: perspectivas da fenomenologia e experiência da viagem. In: CHAVEIRO, A. F; CASTORINO, A. B; BORGES, R. M. R (Orgs). **Espaço, sujeito e existência**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2016.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-31, jan./jun. 2003.

FURLANETTO, B. H. Paisagem Sonora: Uma composição Geomusical. In.: DOZENA, A (Org). **Geografia e Música**. Natal: EDUFRRN, 2016.

GAMALHO, N. P. Narrativas do espaço nas histórias de vida: Os desafios das metodologias qualitativas na geografia. In.: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GRAVARI-BARBAS, M. Novas festas, novos lugares, novas espacialidade. Para uma geografia dos eventos festivos em Paris. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) V. 1, n. 1, 207-228, 2011.

GWIAZDZINSKI, L. A cidade por intermitência: Do tempo da festa a um urbanismo dos tempos. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) V. 1, n. 1, 337-357, 2011.

HAESBAERT, R. Da. **O Mito da Desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.



\_\_\_\_\_. **Viver no Limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, S. Cultura popular e identidade. In: \_\_\_\_\_. **Diáspora**. Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HARVEY, D. **O enigma do capital** : e as crises do capitalismo. Tradução de João Alexandre Peschanski. - São Paulo, SP: Bomtempo, 2011.

HEIDRICH, Á. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In.: HEIDRICH, Á. L.; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados. 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3153&z=t&o=25&i=P>.

JOURDAIN-ANNEQUIN, C. A cidade em festa: O exemplo das Antesterias Atenienses. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) v. 1, n. 1, 75-102, 2011.

KIM, K. Os dois valores utilizados hoje pelas festas tradicionais em duas localidades coreanas. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) v. 1, n. 1, 163-180, 2011.

LACERDA JÚNIOR, J. A; LIRA, A. N da C. **Retratos de Campina Grande: Um século em imagens urbanas**. Campina Grande: UFCG. 2012.

LEFEBVRE, H. **O direito à Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, E. C. A. **A fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. 2ª edição. Campina Grande, EDUFCG, 2008.

LIMA, S. C de. Os que já estavam: A perspectiva existencial de sujeitos indígenas em Góias. In.: CHAVEIRO, A. F; CASTORINO, A. B; BORGES, R. M. R(Orgs). **Espaço, sujeito e existência**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2016.

MAIA, D. S. Cidades médias e pequenas do Nordeste: Conferência de abertura. In: LOPES, D. M. F; HENRIQUE, W (orgs). **Cidades médias e pequenas**: Teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010.250p.

MADOEUF, Anna. Uma semana da vida de uma cidade: Sobre os mûlds do Cairo. **Revista Cidades** (Presidente Prudente) Vol 1, n1, 305-315, 2011.

MAGALHÃES, K. C do N. **Perfomatização de gosto e rastros de sociabilidades virtuais entre os fãs do forró eletrônico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, 2016.

MARANDOLA JÚNIOR, E. **Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência**. Terra Livre, São Paulo, v. 2, n.25, p. 67-79, 2005.

MARINHO, J. T. **A segregação sócio-espacial no São João do Parque do Povo em Campina Grande-PB**. 2013. 60 f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB. 2013.

MARQUES, L. M; BRANDÃO, C. R. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7-26, dez. 2015.

MEDEIROS, R; MELO, E. S. F.; NASCIMENTO, M.S. Hemeroteca digital temática: socialização da informação em cinema. In.: **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**. Anais eletrônicos. São Paulo: CRUESP, 2008.

MELO, E. M. **A paisagem em foco**: leituras fotográficas de Jardim do Seridó-RN. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal- RN, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MITCHELL, A. S. Entre corredores ecológicos e salas poéticas: conexões criativas no fazer científico. In.: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21ª edição São Paulo. Annablume, 2007.

MORIGI, V. J. **Narrativas do Encantamento**: O maior São João do mundo, mídia e cultura regional. Porto Alegre: Armazém digital, 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do Mundo**: Dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2010.

OLÍMPIO, J. L. S. **Análise multicritério do risco de desastres naturais: um estudo sobre a seca na região Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, C. D. M; CAVALCANTE, T. V. O estudo da terra como lar das pessoas. In.: **GEIOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 25, pp. 41 - 52, 2009.

OLIVEIRA, R. V. **Campina Grande em debate**: A condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Campina Grande: EDUEP, 2009. 213p.

PAULA, F. C de. Sobre a Dimensão Vivida do Território: tendências e a contribuição da Fenomenologia. **Geotextos**, v. 7, p. 105-126, 2011.

ROCHA, S. A. **Geografia humanista**: História, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. In.: Curitiba, n. 13, p. 19-27. Editora UFPR, 2007.

ROSENDALH, Z. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo. Editora Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, W. G dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura. 1965-2002**. 233 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2008.

SANGUIN, André-Louis. Fim da Geografia ou Vinganças da Geografia? As sociedades entre um mundo liso, um mundo pontudo ou um mundo plano. In.: **Revista Franco-Brasileira de Geografia**. Número 22, 2014.

SCHECHNER, R. Ritual. In: LIGIERO, Z (Org). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. Pág. 49-89

SEEMANN, J. Tradições humanísticas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: MARANDOLA JÚNIOR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L (Orgs **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. Mapeando culturas e espaços: uma revisão para a Geografia Cultural no Brasil. In: ALMEIDA, M. G de; RATTS, A. J. P (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, v., p. 261-284

SEVERIANO, J. **Uma história da música popular brasileira**: das origens à modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SILVA, A. F da. **Festas Geográficas**: De carnavais a eventos Juninos e populares. Natal, RN: EDUFRN, 2013.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento Geográfico. São Paulo. Editora UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo DIFEL, 1983.

TORRES, M. A. Entre a paisagem sonora religiosa e as paisagens da memória e da imaginação: uma proposta metodológica. In.: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z (Orgs). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016a.

TORRES, M. A. A música religiosa e suas espacialidades. In.: DOZENA, A (Org). **Geografia e Música**. Natal: EDUFRN, 2016b.

VERDUM, R; CARON, D; COELHO, L. C; MARTINS, M. C; PANITZ, L. PIMENTEL, M; PUNTEL, G.A; RANGEL, M; SCHWERZ, J.P; SILVA L. A. P da; SOLLER, J de; VIEIRA, L de F dos S. Um mosaico de relações – o *Pagus* e as múltiplas leituras para o estudo da paisagem. In.: HEIDRICH, Á. L; PIRES, C. L. Z. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.

QUAINI, M. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.